

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA (PPGLIN)

MILCA CERQUEIRA ETINGER SILVA

**CONSTRUÇÕES COM VERBO *IR* NO PORTUGUÊS DE VITÓRIA DA
CONQUISTA: UMA ABORDAGEM CENTRADA NO USO**

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2024

MILCA CERQUEIRA ETINGER SILVA

**CONSTRUÇÕES COM VERBO *IR* NO PORTUGUÊS DE VITÓRIA DA
CONQUISTA: UMA ABORDAGEM CENTRADA NO USO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Doutora em Linguística.

Área de Concentração: Linguística

Linha de Pesquisa: Descrição e Análise de Línguas Naturais

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Valéria Viana Sousa

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2024

S581c	Silva, Milca Cerqueira Etinger. Construções com o verbo <i>ir</i> no português de Vitória da Conquista: uma abordagem centrada no uso. / Milca Cerqueira Etinger Silva; orientadora: Valéria Viana Sousa. – Vitória da Conquista, 2024. 172f. Tese (doutorado – Programa de Pós-Graduação em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2024. Inclui referência F. 164 – 172. 1. Verbo <i>ir</i> – Construcionalidade. 2. Linguística funcional centrada no uso. 3. Abordagem funcional – Verbo <i>ir</i>. I. Sousa, Valéria Viana (orientadora). II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística. T. III CDD: 469.5
-------	---

Catálogo na fonte: *Juliana Teixeira de Assunção* – CRB 5/1890
 UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

Título em inglês: Constructions with the verb to go in the Portuguese of Vitoria da Conquista: usage-based an approach

Palavras-chave em inglês: Verb to go; Usage-based Linguistic.

Área de concentração: Linguística

Titulação: Doutora em Linguística

Banca examinadora: Prof^a. Dr^a. Valéria Viana Sousa (Presidente-Orientadora); Prof. Dr. Jorge Augusto A. da Silva (UESB), Prof^a Dr^a Elisângela Gonçalves da Silva (UESB), Prof. Dr^a. Maria Jussara Abraçado de Almeida (UFF), Prof. Dr. Renata Barbosa Vicente (UFRPE) – Membros Titulares

Data da defesa: 19 de dezembro de 2024

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-6299-3939>

Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/6054445100394759>

MILCA CERQUEIRA ETINGER SILVA

**CONSTRUÇÕES COM VERBO *IR* NO PORTUGUÊS DE VITÓRIA DA
CONQUISTA: UMA ABORDAGEM CENTRADA NO USO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Doutor em Linguística.

Data da aprovação: 19 de dezembro de 2024.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Valéria Viana Sousa
Instituição: UESB – Presidente-Orientadora

Prof. Dr. Jorge Augusto Alves da Silva
Instituição: UESB – Membro Titular

Profa. Dra. Elisângela Gonçalves da Silva
Instituição: UESB – Membro Titular

Profa. Dra. Maria Jussara Abraçado de Almeida
Instituição: UFF – Membro Titular
Profa. Dra. Renata Barbosa Vicente
Instituição: UFRPE – Membro Titular

Documento assinado digitalmente
 VALERIA VIANA SOUSA
Data: 13/01/2025 19:52:23-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>
Ass.: _____

Documento assinado digitalmente
 JORGE AUGUSTO ALVES DA SILVA
Data: 13/02/2025 11:06:10-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>
Ass.: _____

Documento assinado digitalmente
 ELISANGELA GONCALVES DA SILVA
Data: 14/01/2025 12:10:36-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>
Ass.: _____

Documento assinado digitalmente
 MARIA JUSSARA ABRACADO DE ALMEIDA
Data: 11/02/2025 19:03:36-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>
Ass.: _____

Documento assinado digitalmente
 RENATA BARBOSA VICENTE
Data: 14/02/2025 08:52:53-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>
Ass.: _____

A Deus, aos meus familiares e amigos que, com muito carinho e apoio, me ajudaram a chegar até aqui.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), pela oportunidade de realização da minha formação em nível de Doutorado.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio e financiamento das atividades do PPGLin da UESB.

À Fapesb, pelo apoio à pesquisa.

À minha orientadora professora Dr^a. Valéria Viana Sousa, pessoa essencial em minha formação acadêmica. Agradeço pela sua postura profissional, orientação, por todo conhecimento compartilhado, pelo seu lado acolhedor, pela atenção, carinho, cuidado, pela disponibilidade em todos os momentos.

Aos membros da banca de qualificação, Prof. Dr^a. Maria Jussara Abraçado de Almeida, Prof. Dr. Jorge Augusto A. da Silva, Prof^a Dr^a Elisângela Gonçalves da Silva, por aceitarem avaliar o trabalho, e pelas mais que valiosas contribuições.

Aos membros da Banca de Defesa Prof. Dr^a. Maria Jussara Abraçado de Almeida, Prof. Dr. Jorge Augusto A. da Silva, Prof^a Dr^a Elisângela Gonçalves da Silva, Prof^a. Dr^a. Renata Barbosa Vicente, por aceitarem participar da banca e por toda a avaliação e contribuição ao trabalho.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística, por todo conhecimento compartilhado.

Aos funcionários do PPGLin, pela presteza e cordialidade em todas as demandas.

Às minhas colegas, que se tornaram amigas, Elenita e Vânia, pela parceria, apoio, pelos nossos momentos de estudos, pelas nossas conversas descontraídas, por tornar o caminho mais suave.

Aos meus pais, Eva e Jurandy, pelo apoio, por acreditarem em mim e por não medirem esforços para me ajudar em todos os momentos da vida.

Ao meu esposo, companheiro de vida, pela paciência, parceria, pelo incentivo, apoio, por ser presente em todos os momentos, por me ouvir e por tentar tornar este caminho mais suave.

Às minhas filhas, Beatriz, Helena e Maria, pela compreensão de minha ausência enquanto me dedicava a esta pesquisa, pelos abraços e carinhos que tornam os momentos difíceis em contentamento.

Ao meu filho de coração, Fernandinho, pela amizade, companheirismo, por participar da minha caminhada de chegar até aqui.

À minha irmã, Midiã, pelo vínculo afetivo, pela sua disposição em ajudar.

À minha amiga-irmã Aline, pela presença em minha vida, pelos conselhos, pela amizade.

À minha cunhada, Daniela, pelo apoio no desenvolvimento da pesquisa, por fazer parte desta história.

A Deus, o último a ser mencionado, mas o primeiro e mais importante em minha vida. Sem Ele nada seria possível, Ele que me permite levantar todas as manhãs, que acelera meu coração, que me faz rir e chorar, que opera milagres em minha. A Ele, que é dono da ciência e o caminho da sabedoria, todo meu agradecimento.

RESUMO

Ancoradas nos pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), que tem como base a Gramática de Construções (Croft, 2001), Linguística Cognitiva (Goldberg, 1995; Traugott; Trousdale, 2021; Bybee, 2016) e a Linguística Funcional norte-americana (Givón, 1995, 2001), questionamo-nos quais são os padrões fonético-fonológicos, morfossintáticos e as motivações semânticas e discursivo-pragmáticas das construções com verbo *ir*. Com objetivo de responder essa pergunta, investigamos as construções com esse verbo na modalidade oral do Português Culto (*Corpus* do PCVC) e Popular de Vitória da Conquista (*Corpus* do PPVC) e na modalidade escrita (amostras provenientes de um *blog on-line* jornalístico e de dois perfis da rede social *on-line Instagram: Conquista Post* e *Partiu Conquista*). Com isso, buscamos descrever os padrões formais, de caráter fonético-fonológico e morfossintático, e as motivações funcionais, discursivo-pragmáticas e semânticas implicadas no uso do verbo *ir*, considerando a esquematicidade, produtividade e composicionalidade. Aventamos que o *ir*, em construções perifrásticas, podem formar, por meio da composicionalidade sintática, uma só unidade fonético-fonológica (*chunk*). Inferimos, ainda, que mecanismos metafóricos e metonímicos estão envolvidos no uso dessas construções. No eixo discursivo-pragmático, aventamos que fatores como informatividade e inferência contribuem com a formação das construções com *ir*. Concernente à metodologia, recorreremos ao Método Misto (Cunha Lacerda, 2016), que associa as metodologias qualitativa e quantitativa, e selecionamos a variável dependente o verbo *ir* no presente do indicativo, na terceira pessoa do singular. Nessa conjectura, analisamos os dados extraídos dos *Corpora* e ratificamos nossas hipóteses iniciais de que existem motivações de ordem cognitiva e discursivo-pragmática que determinam uma nova construção gramatical. Concluímos que, em determinados contextos, as construções com *ir* passaram por um processo de construcionalização, ou seja, a criação de um pareamento forma-significado, um novo nó na rede. Nesses termos, verificamos que algumas construções se tornaram mais abstratas, com uma nova função sintática; mecanismos cognitivos de extensão estão associados à criação linguística inovadora; e percebemos a coexistência de diferentes funções das construções. Diante da natureza polissêmica do *ir*, compreendemos que essas construções são sancionadas pelo padrão mais esquemático, que pode gerar novas microconstruções, com diferentes níveis de abstração e novas funções discursivas. Ademais, destacamos que esta pesquisa pode ser incorporada como suporte de apoio aos professores de ensino de Língua Portuguesa, uma vez que ratifica a importância do contexto e apresenta as motivações para dinamicidade linguística. Para além

disso, este trabalho colabora com os estudos da Linguística Funcional Centrada no Uso, tendo em vista que legitima os mecanismos funcionais da língua.

PALAVRAS-CHAVE

Verbo *ir*; Construcionalidade; Linguística Funcional Centrada no Uso.

ABSTRACT

Anchored in the assumptions of Usage-Centered Functional Linguistics (UCFL), which is based on Construction Grammar (Croft, 2001), Cognitive Linguistics (Goldberg, 1995; Traugott; Trousdale, 2021; Bybee, 2016) and North American Functional Linguistics (Givón, 1995, 2001), we ask ourselves what are the phonetic-phonological, morphosyntactic, semantic and discursive-pragmatic patterns of constructions with the verb *ir*. In order to answer this question, we investigated constructions with this verb in the oral modality of Standard Portuguese (PCVC Corpus) and Popular Portuguese of Vitória da Conquista (PPVC Corpus) and in the written modality (samples from an online journalistic blog and from two profiles on the online social network Instagram: *Conquista Post* and *Partiu Conquista*). With this, we seek to describe the formal motivations, of a phonetic-phonological and morphosyntactic nature, as well as the functional, discursive-pragmatic and semantic motivations implied in the use of the verb *ir*, considering schematicity, productivity and compositionality. We suggest that *ir*, in periphrastic constructions, can form, through syntactic compositionality, a single phonetic-phonological unit (chunk). We also infer that metaphorical and metonymic mechanisms are involved in the use of these constructions. In the discursive-pragmatic level, we suggest that factors such as informativeness and inference contribute to the formation of constructions with *ir*. Regarding the methodology, we used the Mixed Method (Cunha Lacerda, 2016), which associates qualitative and quantitative methodologies, and we selected the verb *ir* in the present indicative, in the third person singular, as the dependent variable. In this conjecture, we analyzed the data extracted from the corpora and ratified our initial hypotheses that there are motivations of a cognitive and discursive-pragmatic nature that determine a new grammatical construction. We concluded that, in certain contexts, constructions with *ir* underwent a process of constructionalization, that is, the creation of a form-meaning pairing, a new node in the network. In these terms, we verified that: some constructions became more abstract, with a new syntactic function; cognitive mechanisms of extension are associated with innovative linguistic creation; and we realized the coexistence of different functions of the constructions. Given the polysemic nature of *ir*, we understand that these constructions are sanctioned by the more schematic pattern, which can generate new microconstructions, with different levels of abstraction and new discursive functions. Furthermore, we emphasize that this research can be incorporated as support for the development of Portuguese language teaching teacher, since it confirms the importance of context and presents the motivations for linguistic dynamism. In

addition, this work collaborates with studies of Usage-Centered Functional Linguistics, given that it legitimizes the functional mechanisms of language.

KEYWORDS

Verb *ir*; Construcionalization; Usage-based Linguistic.

RESUMEN

Anclado en los supuestos de la Lingüística Funcional Centrada en el Uso (LFCU), que se fundamenta en la Gramática de Construcciones (Croft, 2001), la Lingüística Cognitiva (Goldberg, 1995; Traugott; Trousdale, 2021; Bybee, 2016) y la Lingüística Funcional norteamericana (Givón, 1995, 2001), nos preguntamos cuáles son los patrones fonético-fonológicos, morfosintácticos, semánticos y discursivo-pragmáticos de las construcciones con el verbo *ir*. Con el objetivo de responder a esta pregunta, investigamos las construcciones con este verbo en la modalidad oral del Portugués Culto (Corpus del PCVC) y el Portugués Popular de Vitória da Conquista (Corpus del PPVC), así como en la modalidad escrita (muestras provenientes de un blog periodístico en línea y de dos perfiles de la red social Instagram: Conquista Post y Partiu Conquista). Con ello, buscamos describir las motivaciones formales, de carácter fonético-fonológico y morfosintáctico, así como las motivaciones funcionales, discursivo-pragmáticas y semánticas implicadas en el uso del verbo *ir*, considerando la esquematicidad, productividad y composicionalidad. Planteamos que el verbo *ir*, en construcciones perifrásticas, puede formar, a través de la composicionalidad sintáctica, una sola unidad fonético-fonológica (chunk). También inferimos que los mecanismos metafóricos y metonímicos están involucrados en el uso de estas construcciones. En el eje discursivo-pragmático, sugerimos que factores como la informatividad y la inferencia contribuyen a la formación de construcciones con *ir*. En cuanto a la metodología, empleamos el Método Mixto (Cunha Lacerda, 2016), que combina las metodologías cualitativa y cuantitativa, y seleccionamos como variable dependiente el verbo *ir* en presente del indicativo, en la tercera persona del singular. En esta conjetura, analizamos los datos extraídos de los corpus y ratificamos nuestras hipótesis iniciales de que existen motivaciones de orden cognitivo y discursivo-pragmático que determinan una nueva construcción gramatical. Concluimos que, en determinados contextos, las construcciones con *ir* pasaron por un proceso de construccionalización, es decir, la creación de un emparejamiento forma-significado, un nuevo nodo en la red. En estos términos, verificamos que algunas construcciones se tornaron más abstractas, con una nueva función sintáctica; que los mecanismos cognitivos de extensión están asociados a la creación lingüística innovadora; y percibimos la coexistencia de diferentes funciones de las construcciones. Dada la naturaleza polisémica del verbo *ir*, entendemos que estas construcciones están sancionadas por el patrón más esquemático, que puede generar nuevas microconstrucciones con diferentes niveles de abstracción y nuevas funciones discursivas. Además, destacamos que esta investigación puede ser incorporada como apoyo

para la enseñanza de la lengua portuguesa, ya que confirma la importancia del contexto y presenta las motivaciones de la dinamización lingüística. Por último, este trabajo contribuye a los estudios de la Lingüística Funcional Centrada en el Uso, ya que legitima los mecanismos funcionales de la lengua.

PALABRAS CLAVE

Verbo ir; Construcionalización; Lingüística Funcional Centrada en el Uso.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Formação da perífrase de futuro com o verbo haver	30
Figura 2 – Modelo simbólico do esquema radical	51
Figura 3 – Rede construcional dos quantificadores.....	56
Figura 4 – Rede construcional dos quantificadores do português.....	57
Figura 5 – Representação do <i>continuum</i> de gêneros textuais na fala e na escrita.....	87
Figura 6 – Entrada do programa <i>AntCon</i>	94
Figura 7 – Imagem postada no <i>stories</i> do <i>Instagram</i>	129
Figura 8 – Imagem de uma foto postada no <i>feed</i> do <i>Instagram</i> Partiu Conquista	130
Figura 9 – Comentário postado no <i>feed</i> do <i>Instagram</i> Partiu Conquista	130
Figura 10 – Comentário postado no <i>feed</i> do <i>Instagram</i> Partiu Conquista	133
Figura 11 – Comentário postado no <i>feed</i> do <i>Instagram</i> Partiu Conquista	137
Figura 12 – Comentário postado no <i>feed</i> do <i>Instagram</i> Partiu Conquista	140
Figura 13 – Imagem do texto extraído do livro <i>Gramática de Douglas Tufano</i>	150
Figura 14 – Imagem extraída do livro <i>Gramática de Douglas Tufano</i>	152

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – O futuro do latim ao português brasileiro	38
Quadro 2 – <i>Continuum</i> proposto para os dois níveis de formalidade que compõem os <i>corpora</i> escritos	91
Quadro 3 – Organização dos níveis de formalidade	91
Quadro 4 – Critérios de análise das propriedades o pareamento forma-função das construções	104
Quadro 5 – Diferenças sintáticas entre as construções com o <i>ir</i>	115
Quadro 6 – Proposta de atividade	155

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição da frequência <i>token</i> e <i>type</i> das construções do <i>Corpus</i> Português Culto de Vitória da Conquista	99
Tabela 2 – Distribuição da frequência <i>token</i> e da frequência <i>type</i> das construções do <i>Corpus</i> Português Popular de Vitória da Conquista.....	100
Tabela 3 – Distribuição total da frequência <i>token</i> e da frequência <i>type</i> das construções dos <i>corpora</i> , constituído pelo Português Popular e Português Culto de Vitória da Conquista	102
Tabela 4 – Distribuição da frequência <i>Token</i> e <i>Type</i> das construções do <i>corpus</i> do <i>blog</i> ...	126
Tabela 5 – Distribuição da frequência <i>Token</i> e <i>Type</i> das construções do <i>Corpus</i> do <i>Instagram</i>	127

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
BDS	Banco de Dados Sociolinguísticos
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAAE	Certificado de Apresentação para Apreciação Ética
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
GC	Gramática de Construções
GT	Gramática Tradicional
LFCU	Linguística Funcional Centrada no Uso
PCVC	Português Culto de Vitória da Conquista
PPVC	Português Popular de Vitória da Conquista
SN	Sintagma Nominal
SV	Sintagma Verbal
UCPEL	Universidade Católica de Pelotas
UESB	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
UFPEL	Universidade Federal de Pelotas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	19
1.1 Objetivos.....	22
1.1.1 <i>Objetivo geral</i>	22
1.1.2 <i>Objetivos específicos</i>	23
1.2 O delineamento da pesquisa	23
1.2.1 <i>As variáveis da pesquisa</i>	25
1.2.2 <i>Os corpora da pesquisa</i>	25
1.3 Estrutura da tese.....	26
2 VERBO IR: CAMINHOS PERCORRIDOS	28
2.1 A história se repete	28
2.2 A visão da gramática tradicional	33
2.3 Perspectivas linguísticas das perífrases formadas com verbo <i>ir</i>	34
2.4 Teoria Multissistêmica	37
2.5 Uma abordagem funcional do verbo <i>ir</i> : processo de gramaticalização e os princípios de Hopper (1991)	39
2.5.1 <i>Gramaticalização</i>	39
3 PERSPECTIVAS VOLTADAS PARA A NATUREZA DA LINGUAGEM.....	45
3.1 Breve contexto histórico sobre os primeiros indícios de uma teoria da construção...	46
3.1.1 <i>Construção Gramatical</i>	48
3.1.2 <i>Mudança Construcional e Construcionalização</i>	52
3.1.2.1 <i>Esquematicidade, produtividade e composicionalidade</i>	55
3.2 <i>Linguística Cognitiva</i>	59
3.3 Os caminhos até chegar à Linguística Funcional Centrada no Uso	63
3.3.1 <i>Linguística Funcional Centrada no Uso</i>	66
3.3.1.1 <i>Iconicidade</i>	68
3.3.1.2 <i>Marcação</i>	70
3.3.1.3 <i>Categorização</i>	71
3.3.1.4 <i>Chunking</i>	74
3.3.1.5 <i>Mecanismos de mudança semântica e a natureza discursivo-pragmática da construção</i>	76
4 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS	82
4.1 Caracterização geral da pesquisa.....	84

4.2 Constituição dos corpora	86
4.2.1 Modalidade oral: corpora PPVC e PCVC	88
4.2.2 Modalidade escrita	89
4.3 Procedimentos de análise	90
4.3.1 Método misto	91
5 ANÁLISE DOS DADOS	95
5.1 Análise dos corpora orais	95
5.1.1 Identificação dos dados do PPVC e PCVC	95
5.1.2 Critérios para análise da construção	104
5.1.2.1 Aspectos formais	105
5.1.2.1.1 Processo fonético-fonológico	105
5.1.2.1.2 Morfossintaxe	110
5.1.2.2 Aspectos funcionais	116
5.1.2.2.1 Aspectos semântico-cognitivos	116
5.1.2.2.2 Aspectos discursivo-pragmáticos	121
5.2 Análise dos corpora escritos	124
5.2.1 Identificação dos dados dos corpora escritos	125
5.2.1.1 Aspectos formais	128
5.2.1.1.1 Processos fonético-fonológicos	128
5.2.1.1.2 Aspectos funcionais	135
5.2.1.1.2.1 Aspectos semântico-cognitivos	135
5.2.1.1.2.2 Aspectos discursivo-pragmáticos	137
6 ENSINO À LUZ DA LINGÜÍSTICA FUNCIONAL E DA BNCC	142
6.1 Contexto histórico sobre a reforma do ensino	143
6.2 Documentos oficiais sobre o ensino da gramática e a abordagem funcionalista	146
6.3 A gramática em sala de aula	149
6.4 Uma proposta de atividade para o tratamento do tempo verbal futuro do presente	153
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	160
REFERÊNCIAS	164

1 INTRODUÇÃO

Com o entendimento de que a língua não esteja pronta e de que não seja estática, e imutável, mas compreendendo-a como dinâmica e produto de atividades sociais discursivas, direcionamos nosso estudo para os usos da linguagem. Somos condizentes à perspectiva de que atendendo às necessidades comunicativas dos falantes é que a mudança linguística acontece. Assim, os elementos de natureza fonético-fonológica e morfossintático-semântica adquirem novas funções e novos significados no uso efetivo da língua, onde se constituem discursivo e pragmaticamente.

Nessa linha de intelecção, a estrutura verbal *ir*, por exemplo, como item lexical, prototipicamente, em seu sentido de movimento e em sua função morfossintática de verbo pleno, passa pelo processo de gramaticalização, que resulta em um verbo auxiliar, na composição de uma perífrase verbal para expressar o futuro, conforme exemplo (01) extraído do *corpus* do Português Culto de Vitória da Conquista (PCVC).

(01) Sim, depende de como você busca entrá na história da arte, né, a que caminha se entra, né?! Se você... se você quéfazê uma base direta, ou pegá atalhos, depende de como você **vai começá**. (ASA – PCVC)

Para compreender o uso da perífrase, Silva (2016) realizou, a princípio, um estudo teórico de reconhecimento da estrutura, que compreendeu desde o Latim Clássico e Vulgar, passando pelas perspectivas sociolinguística, funcionalista de vertente norte-americana, sociofuncionalista à teoria Multissistêmica, proposta por Castilho (2004). Nesse entremeio, para contextualizar o estudo desse verbo, foi analisada a proposta de uso do futuro prescrita pela Gramática Tradicional (doravante GT).

Nesse percurso, ficou evidenciado que, apesar da coexistência de formas diferentes para expressar o futuro, há ainda uma persistência da GT em regimentar o uso sintético de futuro para modalidade escrita. A saber, destacam-se Rocha Lima (2003), Bechara (2009) e Cunha e Cintra (2013), que prescrevem, a rigor, o verbo *ir*, sob a perspectiva lexical, como predicator, estabelecido como indicador de deslocamento espacial. Contudo, ainda que não assumam a vernaculidade escrita da perífrase para expressar o futuro, o verbo *ir* é empregado no próprio discurso de um dos gramáticos: “E, na sua trilha, Plauto, Ênio, Nêvio [...] não deixaram de inspirar-se nos estimulantes exemplos de Hélade, cuja influência vai ampliar-se mais ainda [...] a partir de 146 a.C”. (Cunha; Cintra, 2013, p. 10, grifo nosso).

Na abordagem da ciência linguística, no entanto, em outros trabalhos já realizados, como Nunes (2003), Oliveira (2006) e Fonseca (2010), – independente da linha teórica em que a análise tenha sido fundamentada – a gramaticalização do verbo *ir* como elemento constitutivo do valor de futuridade já é reconhecida entre os linguistas.

Diante do exposto, damos continuidade à pesquisa realizada por nós em 2016. Nessa pesquisa, conforme mencionamos, utilizamos como suporte teórico a Sociolinguística Laboviana, o Funcionalismo Norte-americano, o Sociofuncionalismo e a Teoria Multissistêmica. Desta vez, para a análise do verbo *ir*, propomo-nos a traçar um diálogo entre a abordagem realizada pela Gramática de Construções, na ênfase pareamento função x forma, e a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU).

Influenciadas pela Gramática de Construções e pelo Funcionalismo em sua abordagem mais recente, ancorada no diálogo entre o Funcionalismo e Cognitivismo (Goldberg, 1995, 2006; Croft, 2011; Traugott; Trousdale, 2013, 2021¹; Oliveira, M. R. de; Rosário, I. da C, 2015; Bybee, 2016; Furtado da Cunha, Bispo, Silva, 2016; entre outros), analisamos o uso do *ir*. Vimos a possibilidade de aliar o conceito de construções e o estudo da gramaticalização, tendo em vista que, na Linguística Funcional Centrada no Uso, as construções são compreendidas como um conjunto de propriedades correlacionadas em dois polos, o da forma e o da função/significado/sentido (Traugott; Trousdale, 2021). Nessa perspectiva, abarca desde unidades menores como fonemas, morfemas até textos mais complexos.

Dessa forma, é possível, por meio dessa teoria, analisarmos, para a nossa pesquisa, estruturas complexas, entre outras, como *vai que* (*Vou ficar aqui, vai que chove*). Podemos, nessa linha de raciocínio, além de considerar que o *ir* se gramaticalizou como auxiliar em perífrase verbal, compreender que é uma construção recorrente em uma estrutura discursiva maior, que desencadeia uma nova ou mesmo novas possibilidades de interpretação. Para além dessa constatação, observamos que a gramaticalização do futuro perifrástico não é apenas um processo sofrido pelo *ir*, mas uma construcionalização de um padrão que abarca todo o contexto sintático que envolve esse verbo.

Diante das ponderações por nós colocadas e levando em conta as pesquisas linguísticas sobre as variações para expressar o futuro, apresentamos a seguinte questão-problema:

¹ Iniciamos nossa pesquisa com base na obra de Traugott e Trousdale, ano 2013, escrito em língua inglesa. Com o lançamento da tradução em língua portuguesa, em 2021, demos continuidade ao nosso estudo, recorrendo à nova edição.

1. Baseadas no esquema radical postulado por Croft (2001), na qual forma e função constituem um pareamento, perguntamo-nos quais os padrões fonético-fonológicos, morfossintáticos das construções com o verbo *ir* na terceira pessoa do presente do indicativo, bem como quais motivações semânticas e discursivo-pragmáticas para a emergência dessas construções?

Para questão-problema, partimos da hipótese de que as construções acompanhadas pelo *ir* na terceira pessoa do singular, do presente do indicativo apresentam traços temporais de futuro intrinsecamente relacionadas à modalização. Considerando que a mudança é resultado da negociação de significado na interação entre falante e ouvinte, acreditamos que nosso objeto passa por transformações no eixo da forma e da função, a saber:

(a) Apesar de o *ir*, enquanto verbo pleno, possuir traços fonológicos e prosódicos individuais, as construções com *ir*, a exemplo das perifrásticas e das idiomáticas, parecem formar uma só unidade fonético-fonológico (*chunk*), devido à frequência de uso e à rotinização, como *por aí vai*.

(b) Na sua configuração morfossintática, inferimos que a construção com *ir* passa por uma reanálise, e, conseqüentemente, torna-se pertencente a outra(s) classe(s) hospedeira(s) (*host-class*). Em contextos de deslocamento, o *ir* atua como predador verbal (*Vou ao cinema*), em outros, exerce a função de verbo auxiliar (*João vai chegar amanhã*).

(c) Em relação aos fatores semânticos, supomos que há mecanismos metafóricos e metonímicos no uso dessas construções com *ir*. A partir dessa propriedade que lançamos nossa hipótese de que o *ir*, em determinados contextos, se distancia do protótipo/exemplar passando a ser codificada em um sentido de futuro, carregado pelo valor modal. A exemplo de *Ele vai ter que lavar os pratos*. Nesse contexto, observamos um sentido modal de obrigação, associado a um acontecimento futuro.

(d) No eixo discursivo-pragmático, aventamos que haja questões como informatividade, inferência e intersubjetividade que favorecem o uso do *ir* em construções modais de futuro.

Dada à questão que nos incita e às hipóteses que conjecturamos, faz-se, ainda, necessário mencionar que pesquisas de cunho linguístico voltadas à perspectiva da Gramática de Construções ainda são muito recentes no Brasil. Por isso, a relevância desta pesquisa consiste em corroborar com avanço e consolidação da nova versão do Funcionalismo, qual seja a Linguística Funcional Centrada no Uso – LFCU, e, em especial, a consolidação em pesquisas realizadas pelo Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em (Sócio)Funcionalismo – Grupo Janus – vinculado ao Laboratório de Pesquisa em Sociolinguística e em (Sócio)funcionalismo (LAPESF), do Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGLIN) da

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Acreditamos, também, que os trabalhos desenvolvidos sobre a linguagem nos quais são abordadas questões voltadas à compreensão da língua em uso podem contribuir para a ampliação de perspectivas do ensino de língua materna, que, por vezes, ainda se encontra centrado apenas no aspecto prescritivo da língua.

Assim, nossa expectativa é de que o acesso a esses estudos linguísticos permita que profissionais da educação da Língua Portuguesa considerem as novas estruturas linguísticas emergentes na língua em uso e compreendam o surgimento dessas como uma necessidade comunicativa. O professor pode pautar-se em trabalhos da área da Linguística para que adeque às suas práticas metodológicas de modo que contemple a dinamicidade da língua e permita que o aluno reflita sobre os efeitos de sentido que a estrutura linguística pode ter em determinados contextos. A perífrase com verbo *ir* é uma exemplificação de que existem outras formas, diferentes das prescritas pela Gramática Tradicional, que exprimem o valor de futuro. É possível utilizar, em um mesmo contexto comunicativo, a forma sintética de futuro, como: *Ana vai viajar amanhã*, ou a forma perifrástica, *Ana viajará amanhã*.

Como forma de aplicação desta pesquisa, visamos contribuir com a prática de subsídios teóricos para elaboração de material didático, visto que o livro didático, além de servir como um suporte técnico para o aluno, é uma ferramenta importante na prática de ensino. Para alcançar esses objetivos, tratamos, de forma incipiente, na Seção 6, sobre a relação entre nossa pesquisa e o ensino da língua materna.

Cientes das contribuições que esta pesquisa pode fornecer, esclarecemos a seguir os objetivos pretendidos.

1.1 Objetivos

1.1.1 Objetivo geral

- Investigar as construções com o verbo *ir* na modalidade oral (Português Culto (*Corpus* do PCVC) e Popular de Vitória da Conquista (*Corpus* do PPVC) e na modalidade escrita (amostras provenientes de um *blog on-line* jornalístico e de dois perfis da rede social *on-line* *Instagram: Conquista Post* e *Partiu Conquista*), considerando os aspectos formais (de caráter fonético-fonológico e morfossintático), bem como as funções (semânticas e discursivo-pragmáticas) que desempenham nos diversos contextos de uso da língua.

1.1.2 Objetivos específicos

- a) Mapear as construções com o verbo *ir* nos *corpora* selecionados;
- b) Descrever as mudanças formais de caráter fonético-fonológico e morfossintático;
- c) Descrever as motivações funcionais, de origem semântica e discursivo-pragmáticas implicadas no uso do verbo *ir* discursivo-pragmáticas;
- d) Correlacionar os resultados da modalidade oral e escrita do Português de Vitória da Conquista;
- e) Discutir alguns aspectos relativos ao ensino do tempo verbal futuro do indicativo, partindo do princípio de que é importante um ensino mais contextualizado e significativo da gramática, considerando a língua em uso.

Posto quais são nossos objetivos, seguimos, na próxima seção, com o delineamento da pesquisa.

1.2 O delineamento da pesquisa

Com objetivo de compreendermos os fatores que motivam a construcionalização do verbo *ir*, esta pesquisa é do tipo explicativo-descritiva. A investigação é de caráter não experimental, uma vez que não há controle das variáveis independentes para obter a variável dependente, as amostras já se encontram prontas no seu ambiente, sem criação de situação (Sampieri, Collado; Lúcio, 2013). Dessa forma, os dados da pesquisa foram coletados em uma única dimensão temporal, ou seja, eles foram analisados em um determinado ponto no tempo, o que caracteriza a pesquisa, segundo Sampieri *et al.* (1998), como estudo de natureza transversal. As amostras são pertencentes à modalidade oral, extraídas do banco de dados do Português Culto e do Português Popular de Vitória da Conquista, e da modalidade escrita, extraídas de *blogs* e da rede social *Instagram*. Na subseção 1.2.2, os *corpora* serão descritos mais detalhadamente.

Para o tratamento da construcionalização do *ir*, nossa metodologia se baseia no método misto quali-quantitativo, que é compreendido, segundo Lacerda (2016), como associação entre as metodologias qualitativa e quantitativa. Do ponto de vista qualitativo, discutimos as ocorrências das construções com *ir* fundamentados na teoria da Gramática de Construções, considerando os fatores linguísticos e extralinguístico da pesquisa; e do ponto de vista quantitativo, observamos a frequência *type* e *token* das construções com o verbo *ir*.

Traçado nosso tipo de pesquisa, partimos para a forma como alcançar nossos objetivos descritos na seção 1.1:

- (i) Para nosso primeiro objetivo específico, fizemos um mapeamento das construções gramaticais encontradas nos *Corpora*. Aqui, a estrutura semântica foi mapeada a partir da estrutura sintática;
- (ii) No que se refere ao segundo objetivo, a descrição da motivação da mudança do *ir* foi realizada por meio dos conceitos operacionais determinados pela LFCU, que podem dar conta de aspectos externos e internos ao sistema. Entre eles, citamos categorização e prototipicidade, encadeamento (*chunking*), projeções metafóricas e metonímicas, informatividade, inferência e intersubjetividade;
- (iii) No que concerne ao terceiro objetivo, a descrição dos dados foi realizada por meio das frequências *type* e *token*, considerando a esquematicidade, produtividade e composicionalidade;
- (iv) Para alcançarmos o quarto objetivo, a correlação dos resultados ocorreu após a análise descritiva das amostras dos *corpora*;
- (v) A proposição da rede taxonômica foi realizada de acordo com associações, em que a construção em análise pode ser identificada em três níveis determinados pela esquematicidade: esquema, subesquema e microconstrução;
- (vi) Para tratar sobre o ensino e nosso objeto de estudo, fundamentamo-nos nos estudos linguísticos realizados por Silva (2016), Oliveira (2006), Neves (2018), Castilho (2012) e na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018). Testemunhamos que o uso da perífrase para a expressão do futuro, além de conviver com a forma sintética, é uma construção socialmente prestigiada e bastante produtiva nas modalidades orais e escritas.

Assim exposto, damos continuidade ao nosso delineamento não experimental com a explicitação das variáveis apresentadas no decorrer da pesquisa. No subitem 1.2.1, descrevemos a variável dependente para análise de nossas amostras.

1.2.1 As variáveis da pesquisa

Delimitando o fenômeno linguístico: as construcionalizações com o verbo *ir*, coletamos em nossos *corpora* orais *corpus* do Português Culto e *corpus* do Português Popular de Vitória da Conquista e nos *corpora* escritos (*blog on-line* e *Instagram*), amostras com o *ir* no presente do indicativo, terceira pessoa do singular. Dessa forma, podemos afirmar que as construções do verbo *ir* são a variável dependente de nossa pesquisa.

Descrito o processo de análise das variáveis determinadas para realização da pesquisa, apresentaremos na subseção 1.2.2 os *corpora* da pesquisa.

1.2.2 Os corpora da pesquisa

A nossa amostra de pesquisa é extraída de duas modalidades da língua: oral e escrita do Português de Vitória da Conquista. Utilizamos os *corpora* orais do Português Popular (*Corpus* do PPVC) e Culto de Vitória da Conquista (*Corpus* do PCVC) organizados pelos pesquisadores do Grupo de Pesquisa em (Sócio)funcionalismo e Linguística Histórica/CNPq – Grupo Janus, vinculado ao Laboratório de Pesquisa em Sociolinguística e em (Sócio)funcionalismo LAPESF/PPGLIN/UESB. Os *corpora* são resultado do Projeto de Pesquisa Estudos de Fenômenos linguísticos na perspectiva sociofuncionalista a partir da descrição e análise do *corpus* da comunidade de fala de Vitória da Conquista, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Valéria Viana Sousa, cadastrado no Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE), número 34221214.9.0000.00552.

Para constituição dos *corpora*, foram realizadas 48 (quarenta e oito) entrevistas com informantes de Vitória da Conquista (Ba). *Corpus* do PCVC foi formado por 24 (vinte e quatro) entrevistas concebidas por falantes que tinham 11 (onze) anos ou mais de escolarização. Para compor o *Corpus* PPVC, foram questionados 24 (vinte e quatro) informantes sem escolaridade ou com até 5 (cinco) anos de escolarização.

Quanto ao *corpus* escrito do português de Vitória da Conquista, extraímos amostras provenientes de um *blog on-line* jornalístico e de dois perfis da rede social *on-line Instagram*²: *Conquista Post* e *Partiu Conquista*. Durante os meses de junho a agosto de 2022, foram coletadas 50 (cinquenta) notícias do *blog* sobre diferentes temas, desde política nacional a temas

² De acordo com o site Wikipédia, *Instagram* é uma rede social *on-line* de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários, que permite aplicar filtros digitais e compartilhá-los em uma variedade de serviços de redes sociais.

sobre a região de Vitória da Conquista. No que diz respeito ao *Instagram*, durante os meses de abril de 2022 a dezembro de 2023, foram realizados *prints*³ de 50 (cinquenta) postagens ou comentários expostos e publicados no *feed* e *stories* de contas abertas ao público em geral.

Nesta investigação aqui delineada, justificamos nossa escolha dos *corpora* por compreendermos que a modalidade oral nos permite observar a língua em sua essência. Segundo Castilho (2012), na oralidade, nada se apaga, o que permite uma inspeção privilegiada. Enquanto, na modalidade escrita, há um planejamento e o uso de estratégias para a realização do texto escrito, o que resulta em uma escrita mais elaborada com sintaxe mais especializada. Optamos pela ferramenta *online Instagram*, pois acreditamos que esse gênero, apesar de escrito, apresenta características da oralidade.

1.3 Estrutura da tese

Com objetivo de atingir os propósitos supracitados, organizamos esta pesquisa da seguinte forma: na **Seção 1, Introdução**, propusemo-nos a: (i) apresentar o objeto de estudo e a teoria adotada nesta pesquisa; (ii) abordar a pergunta norteadora da pesquisa, as hipóteses, o objetivo geral e os específicos; (iii) realizar o delineamento da pesquisa, bem como esclarecer os procedimentos para alcançar nosso objetivo; (iv) tratar da constituição dos *corpora*; e (v) descrever a estrutura da tese.

Na **Seção 2, Verbo ir: os caminhos percorridos**, detivemo-nos a trazer a visão do nosso objeto de estudo. Assim, baseadas em Silva (2016), (i) percorremos em direção à formação do futuro desde o Latim; (ii) verificamos o tratamento da Gramática Tradicional no que concerne ao tempo verbal futuro sintético e analítico (*ir + verbo no infinitivo*) e as especificações de seu uso propostas; (iii) apresentamos pesquisas linguísticas que tratam sobre o verbo *ir*; (iv) mencionamos a Teoria Multissistêmica de Castilho (2004), para mostrar que, além da proposta de Heine (1991) de unidirecionalidade, podemos ter a multidirecionalidade das categorias do verbo *ir*. Para finalizar a seção, (v) concentramo-nos no processo de gramaticalização do polo funcionalista (Heine *et al.*, 1991), que ganhou centralidade nos estudos linguísticos e os princípios de Hopper (1991), envolvidos na mudança do verbo *ir*.

Na **Seção 3, Perspectivas voltadas para a natureza da linguagem**, abordamos as teorias fundamentais para a análise do nosso objeto em estudo. Assim, (i) traçamos um breve contexto histórico sobre a teoria da construção e tratamos do elemento fundante desta abordagem: a

³ *Print*, neste contexto, significa fotografar a tela (capturar a tela) por meio do telefone celular.

construção; (ii) abordamos sobre mudança construcional, construcionalização, construcionalidade e os fatores envolvidos nesses processos: esquematicidade, produtividade e composicionalidade. Apoiadas nos processos básicos do domínio cognitivo, (iii) descrevemos brevemente a Linguística Cognitiva e os processos cognitivos tratados nesse modelo, como a categorização e protótipos; metáfora e metonímia conceptuais. Para finalizar, (iv) apresentamos os caminhos até chegar à Linguística Funcional Centrada no Uso e (v) discutimos sobre a LFCU e seus conceitos, como: (a) iconicidade; (b) marcação; (c) categorização; (d) *chunking*; e (e) os mecanismos de mudança semântica - (inter)subjetividade, metáfora e metonímia.

Na **Seção 4**, *Percursos Metodológicos*, ocupamo-nos em: (i) delinear a caracterização da pesquisa, projetando algumas hipóteses e um breve delineamento dos aspectos formais e funcionais do nosso objeto; (ii) apresentar o método misto, que é a associação das duas abordagens: qualitativa e quantitativa em estudos de mudança linguística; (iii) descrever os *corpora* de análise utilizados na pesquisa (oral e escrito); e (iv) expor o procedimento de análise.

A **Seção 5**, *Análise dos dados*, propusemo-nos a (i) analisar dados linguísticos dos *Corpora* orais e escritos, relacionando essa investigação com a abordagem da LFCU. Por fim, apresentamos as *Conclusões Parciais* e os *Próximos Passos da Pesquisa*, seguidos das *Referências*.

2 VERBO *IR*: CAMINHOS PERCORRIDOS

Devido à amplitude de fenômenos que emergem frequentemente na língua durante as práticas discursivas, as pesquisas linguísticas têm apresentado diferentes abordagens que se concentram em explicar as variadas manifestações presentes na linguagem. Nós, nesta pesquisa, direcionamos nosso olhar às estruturas com verbo *ir*, na ótica da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). Mas, antes de adentrarmos à investigação sobre as construções com *ir* na visão da LFCU, apresentamos, neste capítulo, o nosso objeto na formação das perífrases de futuro, com base na (Sócio)Funcionalismo (Givón, 1979; Heine, 1991; Hopper, 1993; Labov, 1994; Votre, 1996; Neves, 2004) e à teoria Multissistêmica proposta por Castilho (2004).

Diante dessas abordagens, verificamos que alguns processos podem estar envolvidos na inconstância desse item linguístico, como o processo de gramaticalização, visto que ele pode ser categorizado como verbo pleno, com sentido de deslocamento espacial (*Vou ao mercado todo final de mês*), mas, também, como auxiliar verbal, com interpretação de marcador de tempo (*Quero ver o que vai acontecer amanhã*). Dessa forma, tomando como base a dissertação *O uso do futuro perifrástico com o verbo ir no português oral e escrito de Vitória da Conquista* (Silva, 2016), abordamos, nas subseções 2.1 e 2.2, a formação do futuro desde o Latim; verificamos a proposta da Tradição Gramatical no que diz respeito ao tempo verbal futuro sintético e analítico (*ir + verbo no infinitivo*). Logo a seguir, em 2.3, discutimos sobre as pesquisas direcionadas ao fenômeno *ir + verbo no infinitivo* (Nunes, 2003; Oliveira, 2006; Fonseca, 2010; Silva, 2016), apresentando os *corpora* e os resultados apresentados nelas. Diante da teoria Multissistêmica de Castilho (2004), vimos, em 2.4, a possibilidade de multidirecionalidade do *ir*. Por fim, em 2.5, apresentamos o processo de gramaticalização do verbo *ir* e os princípios de Hopper (1991).

2.1 A história se repete

Para compreendermos melhor o desenvolvimento das formas de futuro encontradas, atualmente, no português brasileiro, faz-se necessário retornarmos ao Latim Clássico e Vulgar, uma vez que o Português se originou do Latim Vulgar. Constatamos, brevemente, nesta seção, que o tratamento sobre a origem das formas de futuro é complexo e desafiador.

Sabemos que há diversas discussões sobre a formação do futuro latino. Aqui, na tentativa de compreensão a respeito da constituição do futuro até a perífrase atual com o *ir*, veremos o que diz Coseriu (1957). Além dele, são importantes para nós as considerações de Camara Jr (1956), Ilari (2008), Coutinho (2004), Bagno (2012), Silva (2016).

No artigo intitulado *Sobre el Futuro Romance*, Coseriu (1957), discutindo diferentes proposições sobre o tempo futuro e a emergência das perífrases, elenca duas explicações: morfológica e estilística ou semântica. A explicação morfológica parte do princípio de que o uso da forma perifrástica em substituição à forma sintética surgiu em razão da heterogeneidade das formas sintéticas e da necessidade distintiva. Muitas formas sintéticas do futuro apresentavam similitudes fonéticas e morfológicas com outros tempos verbais, a exemplo da terceira conjugação do futuro do presente sintético, como *Educabit* /b/, com o pretérito do indicativo, *Educavit* /w/. Essas semelhanças fonéticas geravam dúvidas nos falantes e os incitavam a buscar outras formas. Dessa maneira, as estruturas terminadas em *-bo/bi*, *-am* foram desaparecendo paulatinamente e proporcionando o aparecimento das formas perifrásticas de futuro, com *habeo*, *volo* e *debeo*.

A princípio, a forma sintética do futuro era própria do Latim Clássico, com conjugações terminadas em *-bo/bi* ou em *-am*, como *studebo*, e a analítica, do Latim Vulgar, constituída pelo infinitivo do verbo principal e o indicativo⁴ de *habere*, a exemplo de *studere habeo*.

Em relação ao desaparecimento dos tempos e formas, Ilari (2008, p.104) registra que dos tempos que formavam o indicativo em Latim Clássico, apenas o presente, o imperfeito e o perfeito sobreviveram em todas as línguas românicas. Do futuro restam apenas alguns vestígios, como *eres*, segunda pessoa do singular do presente do indicativo de *ser*, que remota o futuro latino *eris*. Esse apagamento, segundo ele, aconteceu em virtude de o futuro sintético, no latim vulgar, ter sido suplantado por perífrases compostas pelos auxiliares *habeo* ou *volo* (expressando compromisso, obrigação) + infinitivo. Esses auxiliares, posteriormente, passaram a ser interpretados como desinência de tempo.

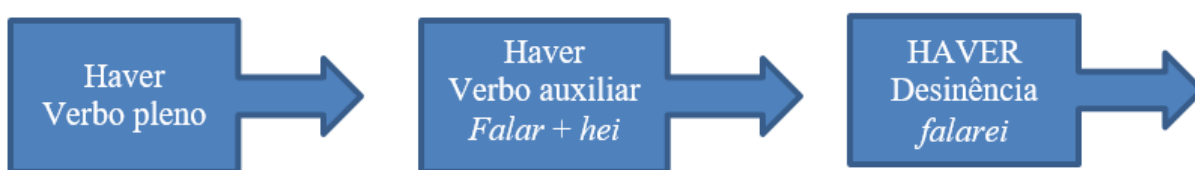
A segunda explicação de Coseriu (1957), atribuída a Vossler (1925), é de procedência semântica ou estilística. A mudança do futuro sintético está associada à atitude mental do falante, que, contrário à ideia de futuro meramente temporal, constituiu, nas expressões, valores de natureza modal e afetiva. Assim, as formas perifrásticas assumiram funções que a forma sintética não poderia cumprir de maneira satisfatória. Entre as explicações semântico-estilísticas, a de Vossler (1925), de acordo com Coseriu (1957), é a mais concludente. Para Vossler (1925), *apud* Coseriu (1957), na linguagem popular, o futuro se obscurece, pois “o homem comum adota frente as coisas futuras uma atitude de vontade, desejo, de esperança ou de temor, em vez de contemplação de conhecimento ou saber” (Coseriu, 1957, p. 4, tradução

⁴ O indicativo do presente com valor de futuridade, como em *Amanhã ele chega de São Paulo*, também fazia parte do sistema latino coloquial.

nossa)⁵. Ao desviar da noção de futuro, os falantes assumiram significados mais modais, as formas sintéticas, então, tornaram-se supérfluas, pois existiam outros modos mais expressivos na língua, que posteriormente se gramaticalizaram como novas forma de futuro.

Com a estrutura perifrástica assumida pelos falantes, houve ainda um processo de redução fonológica do auxiliar *habere* que se aglutinou ao verbo no infinitivo, originando a forma sintética do futuro do português brasileiro. *Amare habeo*, por exemplo, pode ser assim esboçado: *amarábeo > amáraveo > amarayo > amaray > amarei*. O verbo *haver*, que tinha os sentidos de *possuir*, *conter*, *ter*, *oferecer*, foi, gradualmente, perdendo seu conteúdo semântico e transformou-se em desinência de modo, tempo e pessoa (*cantarei*). Tornou-se também verbo auxiliar, com a finalidade de carregar as desinências de modo tempo e pessoa (*havíamos cantado*). Com referência em Bagno (2012), podemos reconhecer essa transformação na Figura 1 a seguir.

Figura 1 – Formação da perífrase de futuro com o verbo haver



Fonte: Bagno (2012, p. 606).

Segundo Meyer-Lübke (1914, p. 217 *apud* Coseriu, 1957, p. 3), as formas de futuro latino foram completamente esquecidas, não por razões da forma, mas sim devido à forma de pensar do falante, que manifestava desejo, vontade, o que há de fazer. Posteriormente, as formas gramaticalizadas, como verbo no infinitivo + *habere*, na maioria das línguas românicas, se tornaram formas de futuro.

A segunda explicação, atribuída a Vossler (1925), de acordo com Coseriu (1957), foi investigada por outros autores que têm a mesma definição de que as perífrases, a princípio, apresentavam um caráter mais modal, designando compromisso, obrigação, intenção, entre outros, somente posteriormente foram gramaticalizadas com indicação de futuro. Ou seja, no início da sua difusão as formas perifrásticas não eram propriamente formas futuras e só mais tarde se tornaram gramaticalizadas como tal.

Ao discutir as ideias, estilística e semântica, defendidas por Vossler (1927), Coseriu (1957) expõe que essas explicações são fundamentais para clarificar as perífrases verbais de

⁵ “[...] el hombre común adopta frente a las cosas futuras una actitud de voluntad, de deseo, de esperanza o temor, más bien que de contemplación conocimiento o saber” (Coseriu, 1957, p.4).

futuro, mas afirmar apenas que a atitude mental do falante foi determinante para a mudança do futuro sintético para as formas perifrásticas não apresentam uma base forte, seria necessário encontrar indícios que deem conta de explicar essa atitude do falante. Coseriu (1957) evidencia que essa ideia não deve ser ignorada, mas é preciso revisá-la e corrigi-la, dando atenção a três aspectos: “(a) a instabilidade geral das formas de futuro; (b) a periódica renovação do futuro, mediante formas que, em sua origem, têm valor modal ou aspectivo e que acabam por se temporalizarem; e (c) a renovação do futuro latino em determinado momento histórico⁶” (Coseriu, 1957, p. 10 – tradução nossa). Quanto à justificativa morfológica, o autor declara que as deficiências formais, como as semelhanças fônicas (*amabit* e *amavit*), não podem ser informações decisivas para provar a razão da mudança, visto que tais deficiências poderiam ser solucionadas de outras formas, como formações analógicas. Escreve ainda que as substituições de futuro sintético por futuro perifrástico não podem ser consideradas uma deficiência formal, pois, provavelmente correspondem a uma necessidade distintiva.

Nas palavras de Coseriu (1957), mesmo em frente a essas questões, não podemos falar de fraqueza da categoria de futuro, pois, em certo sentido, a categoria como tal persiste, apenas a sua forma de expressão e a sua orientação semântica são modificadas do futuro latino. Ainda, segundo ele, a reestruturação da forma do futuro latino não indica fraqueza categórica, pelo contrário. Na linguagem, o que é realmente fraco não se refaz de forma alguma, mas é abandonado. Funcionalmente fracas, eram as formas sintéticas do futuro clássico que, como consequência, desapareceram.

Frente a essas percepções sobre o futuro, o autor ressalta que o “desgaste expressivo” não pode ser explicação para a substituição do futuro, visto que esse desgaste é o que deve ser esclarecido. Quanto à renovação por meio do processo de gramaticalização, para ele, constitui apenas uma mera comprovação de que as formas se renovam. As duas explicações (morfológica e semântica-estilística) são consideradas plausíveis e até complementares, pois uma tenta explicar a renovação das formas de futuro, e a outra justifica o novo conteúdo significativo que corresponde às perifrásticas. No entanto, elas são consideradas insuficientes e vulneráveis.

A proposta, então, de Coseriu (1957) é identificar a razão universal para esse fenômeno. Nessa visão, o autor evidencia que se pode comprovar a duplicidade do futuro que oscila entre dois polos: aquele normalmente considerado puramente temporal e outro que se pode indicar

⁶ “*La inestabilidad general de las formas de futuro (no de la categoría de futuro); b) la periódica renovación del futuro mediante formas que, en su origen, tienen valor modal o aspectivo y que llegan, a su vez, a "temporalizarse"; c) la renovación del futuro latino en un determinado momento histórico*”. (Coseriu, 1957, p.10).

como modal, este último correspondendo também as formar aspectivas. Assim, as formas temporais são substituídas pelas formas modais, e estas, por sua vez se temporalizam. Para explicar a duplicidade do futuro, baseado em Carabellese e Heidegger, Coseriu (1957) faz uma distinção entre tempo interiormente vivido em suas três dimensões (passado, presente e futuro). O futuro não se encontra no depois, e o passado não se refere ao momento antes do presente. São momentos que correspondem a atividades distintas da consciência: o passado corresponde a “conhecer”; o presente, ao sentir e o futuro, ao querer. Dessa maneira, o futuro concretamente vivido é um tempo modal.

Assim como ocorreu no latim a formação da perífrase de futuro com o verbo *haver*, atualmente, além da forma sintética do futuro no Português, verificamos também perífrases expressando futuridade com o verbo *ir*, a exemplo de [...] *se a família num tá ali pra conversá pa dialogá ele vai achá apoio aonde, né?* (GVB – PCVC). Esses acontecimentos, nos mostra, de acordo com Bagno (2012, p. 606), que a língua está sempre em processo (e nunca como um produto), “sempre a emergir de dentro de se mesma, por obra e graça dos falantes”.

Não podemos demarcar limites entre a existência da estrutura sintética e a analítica no Latim, pois consideramos que as duas formas conviveram por um determinado período de tempo, até que um tipo de estrutura se sobrepôs à outra. A mesma história da formação do futuro no Latim se repete no português brasileiro: temos um conjunto de formas coexistindo (sintética e analítica) com funções semelhantes de futuridade, como podemos observar nos exemplos produzidos por nós:

- a) futuro do presente: Quando Karla tiver dinheiro, *comprará* um carro;
- b) futuro do pretérito: Se Karla tivesse dinheiro, *compraria* um carro;
- c) perífrase com *ir* no presente: Quando Karla tiver dinheiro, *vai comprar* um carro;
- d) perífrase com *ir* no futuro do presente: Quando Karla tiver dinheiro, *irá comprar* um carro;
- e) perífrase com *ir* no futuro do pretérito: Se Karla tivesse dinheiro, *iria comprar* um carro;
- f) perífrase com *ir* no pretérito imperfeito: Se Karla tivesse dinheiro, *ia comprar* um carro;
- g) presente: Quando Karla tiver dinheiro, ela *compra* um carro;
- h) pretérito imperfeito: Se Karla tivesse dinheiro, *comprava* um carro.

Nos enunciados *c*, *d* e *g*, temos construções que podem ser substituídas pelo futuro do presente sintético; em *e*, *f*, e *h* as formas em destaque remetem ao futuro do pretérito.

Testemunhamos, por meio de pesquisas linguísticas, que as formas sintéticas do português brasileiro, assim como no Latim, são preferidas pelos falantes cultos e expressam, a rigor, temporalidade, enquanto as analíticas fazem parte do repertório de informantes considerados populares e tendem, por sua vez, exprimir também valor modal (desejo, obrigação, compromisso, entre outros).

Dados extraídos de blogs jornalísticos de Vitória da Conquista mostraram que as perífrases com *ir* estão conquistando espaço nesses tipos de texto. Mas, apesar de haver uso das duas estruturas (sintética e analítica), há prevalência da forma sintética de futuro, conforme resultados encontrados em Silva (2016). Essa preferência pela estrutura sintética na escrita dos falantes cultos está associada à assunção contundente dos compêndios gramaticais em recomendar essa forma como norma padrão, aquela acatada em escolas, provas de vestibular e concursos.

Podemos, portanto, considerar que as formas de futuro passam por constantes instabilidades, na busca pelo equilíbrio entre valor modal e temporal. Eventos futuros estão relacionados a expectativas, vontades, suposições, entre outros, por isso o valor modal está associado ao futuro. No entanto, por meio da gramaticalização, o valor modal cede o lugar ao temporal. Dessa forma, com esta pesquisa, buscamos compreender a motivação para o surgimento dessas construções que apresentam, por vezes, valor modal e/ou temporal.

Após essas considerações, atentamo-nos em identificar como as gramáticas normativas têm apresentado as variantes analíticas de futuro.

2.2 A visão da gramática tradicional

Com o propósito de verificar as proposições sobre as perífrases para indicar o futuro, Silva (2016) recorreu a Rocha Lima (2003), Cipro Neto e Infante (2004), Bechara (2009) e Cunha e Cintra (2013). Identificou que, apesar de os gramáticos reconhecerem a existência das perífrases com o verbo *ir*, prescrevem, a rigor, a forma sintética de futuro como norma padrão da Língua Portuguesa e “[...]apresentam a estrutura desse tempo verbal da seguinte maneira: para indicar futuro do presente, acrescenta-se o morfema - ra (re) tônico e, para indicar futuro do pretérito, o tema de – ria (rie)” (Silva, 2016, p. 45)

Na análise das gramáticas, Silva (2016) assinala que, quando os gramáticos da Tradição Gramatical se referem ao uso do *ir* para formação do futuro, vinculam tal estrutura à modalidade oral (Cunha; Cintra, 2013) e sequer mencionam a formação da perífrase (Rocha Lima, 2003). Contudo, ambos registram, na própria escrita, o uso da perífrase de futuro com *ir*. Cunha e

Cintra (2013), ao tratar do Latim e da expansão romana, utilizaram a expressão *vai ampliar-se*, como pode ser constatado na Nova Gramática do Português Contemporâneo: “E, na sua trilha, Plauto, Ênio, Nêvio [...] não deixaram de inspirar-se nos estimulantes exemplos de Hélade, cuja influência *vai ampliar-se* mais ainda [...] a partir de 146 a.C”. (Cunha; Cintra, 2013, p. 10, grifo nosso). Rocha Lima (2003) escreve da seguinte maneira: “A mesma vogal ainda *vai aparecer* em, por exemplo, *poente*” (Rocha Lima, 2003, p. 125, grifo nosso). Cipro Neto e Infante (2004) e Bechara (2009), apesar de fazerem referência às perífrases para formação do futuro, caracterizam-nas a partir de desinências modo-temporal.

Diante dessas contradições, evidenciamos que os compêndios gramaticais da Língua Portuguesa estão seguindo uma tradição que não acompanha a dinamicidade da língua e o seu uso real. Por isso, reforçamos uma necessidade de atualização das estruturas registradas nas gramáticas normativas, com a incorporação da forma de futuro com o verbo *ir*, uma vez que, como vimos na própria grafia dos gramáticos em seus compêndios, a perífrase já está homologada até mesmo na escrita de natureza mais formal.

Admitir a constante renovação do sistema linguístico e reconhecer que os itens linguísticos podem assumir diversas funções permitem compreender que a gramática não pode ser totalmente definida. Condizentes da necessidade de aceitação da Gramática Tradicional das diversas formas que indicam futuro, especialmente as com verbo *ir*, e considerando a importância da Linguística para auxiliar na compreensão desse uso, na próxima subseção, apontamos para as pesquisas linguísticas que retratam essas variações.

2.3 Perspectivas linguísticas das perífrases formadas com verbo *ir*

Diferentemente da Tradição Gramatical, os estudos linguísticos procuram entender a motivação para a emergência das variantes, seja por meio da análise da língua em situação real de comunicação, seja por parâmetros sociais, seja por processos cognitivos. Nosso objetivo aqui é trazer algumas pesquisas que tratam sobre o *ir* na formação do futuro. Para isso, usamos como referência Nunes (2003), Oliveira (2006), Fonseca (2010) e Silva (2016), Andrade (2017).

Na dissertação *Evolução cíclica do futuro do presente do latim ao português*, Nunes (2003) realizou, sob um recorte diacrônico, um percurso histórico do futuro do presente e apresentou as variações existentes na língua latina. Assim, evidenciou que as perífrases emergiram a partir da forma padrão do Latim e sobrepujaram a estrutura sintética. Por exemplo, no latim clássico, a forma sintética *imperabo* foi substituída por uma forma analítica *imperare habeo*. Essa analítica, alterada no período arcaico, tornou-se, por meio um processo de

gramaticalização do verbo auxiliar *habeo* (imperar hei ~ imperar hey ~ imperar ei), forma sintética de futuro hoje: *imperar + ei = imperarei*. Atualmente, no português brasileiro, a história se repete: a concorrência entre a forma analítica *ir + infinitivo* e a estrutura sintética do futuro.

Em uma abordagem funcionalista, em tempo real, observou o processo de gramaticalização sofrido pelo verbo *ir*, a coexistência das formas sintéticas e analíticas de futuro e concluiu que há uma mudança em curso. Para tanto, utilizou amostras coletadas do *Banco de Dados Sociolinguísticos da fronteira e da campanha sul-rio-grandense* (BDS Pampa), criado pela Universidade Católica de Pelotas (UCPEL), em parceria com a Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

Na tese *O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança*, por meio de uma perspectiva variacionista e funcionalista, Oliveira (2006) analisou o uso da perífrase de futuridade na fala e escrita de indivíduos com nível superior completo de Salvador e do Rio de Janeiro. Em uma perspectiva funcionalista de caráter diacrônico, foram coletadas amostras do século XIII ao XX, e, para um estudo em tempo real, foram utilizadas amostras das décadas de 70 e 90 do século XX. Por meio de uma análise sociolinguística, a pesquisadora identificou os contextos linguísticos que são condicionantes para a variação do futuro verbal com o *ir*, a exemplo de frase afirmativa sem a presença de advérbios e expressão de um futuro próximo e relacionou os usos verbais de futuro a alguns fatores sociais, como sexo⁷, faixa etária e região.

Diante da hipótese de gramaticalização, Oliveira (2006) evidenciou o processo de auxiliarização do verbo *ir* na formação do futuro perifrástico. E, para testar princípios e hipóteses que caracterizam as línguas românicas, realizou um estudo translinguístico, no qual é feita uma comparação entre o *ir + infinitivo* do português brasileiro e o *aller + infinitivo no francês*. Mediante os dados, a autora constatou uma mudança em andamento. Segundo ela, os falantes têm preferência pelo uso da forma perifrástica composta pelo verbo *ir* no presente + verbo principal no infinitivo e essas estruturas expressam muito mais modalidade do que futuridade, como o exemplo extraído por Oliveira (2006, p. 69) do Jornal À Tarde, da cidade de Salvador: “*Enfim, o pólo de celulose vai gerar impostos federais e estaduais*”. Nesse exemplo, o fragmento apresenta o caráter modal de possibilidade. Já a forma sintética possui um maior valor de posteridade e o seu uso está condicionado ao alto grau de escolaridade.

Na dissertação, *A perífrase verbal ir + infinitivo e o futuro do dialeto riopretano: um estudo na interface sociolinguística/gramaticalização*, Fonseca (2010) analisou as variantes do

⁷ O fator sexo foi selecionado apenas para análise da fala mais formal. Isso significa que a autora considerou que na fala menos formal não há distinção entre gênero homem e mulher.

futuro do presente e futuro do pretérito [*ir presente indicativo + infinitivo*] vs. [*futuro do presente*], no caso de futuro do presente, e [*ir pretérito imperfeito + infinitivo*] vs. [*futuro do pretérito*]. Sob o ponto de vista funcionalista, evidenciou o processo de gramaticalização do verbo *ir* e sua multifunção na formação das perífrases. Dessa forma, a pesquisadora identificou que as perifrásticas exprimem não apenas valores de futuridade, mas valores aspectuais, modais e, por vezes, são usados como marcadores discursivos. Para isso, considerou amostras de fala provenientes do banco de dados Iboruna- SP, de responsabilidade do projeto Amostras Linguística do Interior Paulista (ALIP). Por fim, concluiu a coexistência da variação das formas de futuro e evidenciou que ainda não é um caso de mudança instaurado em favor da variante analítica.

Silva (2016), em sua dissertação, selecionou amostras das duas modalidades da língua: oral e escrita. Para constituição dos *Corpora* orais, foram analisados o Português Popular de Vitória da Conquista (*corpus* PPVC) e o Português Culto de Vitória da Conquista (*corpus* PCVC), organizados pelos pesquisadores do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em (Sócio)Funcionalismo e Linguística Histórica/CNPq – Grupo Janus, nos anos de 2011 e 2015. Como parte dos *corpora* escritos foram selecionados jornais do século XX da região de Vitória da Conquista e textos extraídos de *blogs* da cidade.

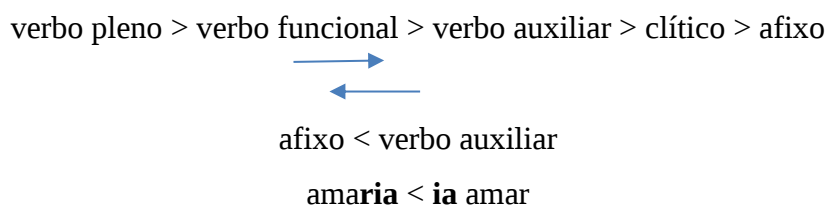
Em seus resultados, Silva (2016) confirmou sua hipótese de gramaticalização do verbo *ir* e notou que a motivação do ponto de vista estrutural para a realização das perífrases pode estar relacionada aos verbos regulares, na primeira pessoa, e ao sujeito com traços [+ humano]. A pesquisadora concluiu ainda que a forma perifrástica está em quase completude no estágio de mudança da fala. As ocorrências do *ir* + infinitivo foram muito produtivas tanto no *corpus* PPVC quanto no *corpus* PCVC. Enquanto na modalidade escrita, a pesquisadora verificou que ainda é recorrente a forma sintética de futuro e as perífrases com o *ir* já fazem parte dos textos escritos desde o século XX. Isso demonstra que o verbo *ir* + infinitivo não pode ser considerado uma estrutura inovadora. Segundo Silva (2016), o fato de a estrutura sintética prevalecer nesses textos escritos demonstra que a formalidade condiciona seu uso e que tais textos buscam seguir a norma padrão prescrita pela Gramática Tradicional.

Seguindo o trajeto de investigação sobre o surgimento da perífrase verbal de futuro a partir do Latim; a visão da Gramática Tradicional, que se afeiçoou à norma padrão sintética de futuro, negligenciando o uso da perífrase e as pesquisas linguísticas que se concentram em compreender os mecanismos responsáveis pela formação da gramática, Silva (2016) deparou-se com a Teoria Multissistêmica, que será mencionada brevemente na subseção 2.4.

2.4 Teoria Multissistêmica

Na abordagem do Funcionalismo Clássico, os itens que sofrem gramaticalização são categorizados a partir de uma combinação linear implícita e hierárquica (unidirecionalidade). Essa percepção é baseada no fato de se colocar em um mesmo nível o atrito fonético, a ampliação sintática, o enfraquecimento semântico, as pressões do discurso, entre outros processos. Castilho (2004) rediscute esse princípio e adota a Teoria Multissistêmica, na qual a língua é compreendida como um sistema múltiplo e complexo. Nessa abordagem, o item linguístico assume, ao mesmo tempo, características lexicais, discursivas, semânticas e gramaticais, e essas categorias são produtos, respectivamente da lexicalização, discursivização, semanticização e gramaticalização. De acordo com Castilho (2004), esses sistemas são articulados simultaneamente, por meio de um dispositivo sociocognitivo que os administra, ativando, desativando e reativando itens lexicais. Dessa maneira, as categorias convivem em subsistemas auto-organizados e são multilineares, não havendo possibilidade de hierarquia ou uma única direção.

Diante dessas afirmações, Silva (2016) sugere uma proposta de multidirecionalidade do *ir* no português brasileiro, com os argumentos de que, com base em Oliveira (2004), houve uma inversão do percurso da escala proposta por Heine et al (1991), uma vez que o *ir*, possivelmente, categorizado com afixo passou a ter a função de verbo auxiliar.



Na hipótese de Oliveira (2004), para formação do futuro condicional por meio do *ir*, esse verbo deixou de ser um afixo e passou a ser auxiliar (*ia amar*). Mais uma vez, ele se aglutinou a um infinitivo e formou o futuro condicional (*amaria*) do português brasileiro e, atualmente, encontra-se também na forma de perífrase.

Além disso, o processo que ocorreu no Latim (forma analítica > forma sintética) acontece de forma inversa no português (forma sintética > forma analítica), conforme apresentado no Quadro 1 proposto por Silva (2016).

Quadro 1 – O futuro do latim ao português brasileiro

Latim Clássico	Latim Vulgar	Língua românica	Português brasileiro
Futuro sintético	Futuro Analítico	Latim sintético	Futuro analítico
Ex: <i>Amabo</i>	Ex: <i>Amare habeo</i> <i>Amar ia</i>	Ex: <i>Amarei</i> <i>Amaria</i>	Ex: <i>Vou amar</i> <i>Ia amar</i>

Fonte: Silva (2016).

Como vimos anteriormente, o Latim Clássico possuía a forma sintética de futuro e, posteriormente, foi suplantado pela forma analítica com verbo *habere* (*amare habeo*), que passou pelo processo de auxiliarização, e, mais uma vez, se tornou analítico (*amaria*) na Língua Românica. Atualmente, no português brasileiro, as duas formas convivem: sintética e analítica. Dessa forma, segundo Silva (2016, p. 74), ao pensarmos na mudança linguística, seria propício situarmos as perdas e os ganhos de maneira radial – sem deixar de lado a regularidade da língua –, por meio de movimentos múltiplos e simultâneos. Nessa abordagem Multissistêmica, podemos entender que, diferente do que o Funcionalismo Clássico propõe, é possível uma multidirecionalidade dos itens linguísticos. Isso nos leva a repensar sobre o princípio da unidirecionalidade e assumir uma direcionalidade, que não precisa acontecer um único sentido.

Até aqui, apontamos nossos caminhos percorridos até chegarmos a nossa proposta atual: estudo do *ir* na visão da Linguística Funcional Centrada no Uso. Assim, por meio de pesquisas que analisam as perífrases com o verbo *ir*, vimos a formação do futuro no Latim até os dias atuais. Nesses estudos, tanto funcionalistas quanto sociofuncionalistas, constatamos que ambos resultados das pesquisas Nunes (2003); Oliveira (2006); Fonseca (2010) e Silva (2016) apontam para uma mudança em curso e a gramaticalização do *ir*. Essa construção perde sua função prototípica de deslocamento e seu caráter sintático de predicator e passa a atuar como um auxiliar verbal de futuro.

Tendo em vista que nossa pesquisa se concentra no polo funcionalista da Linguística (*stricto sensu*) e que o processo de gramaticalização ganhou centralidade nos estudos funcionalistas (*stricto sensu*), buscando explicar as regularidades presente na língua, apresentamos na subseção 2.5 o processo de gramaticalização (Heine *et al*, 1991) e os princípios de Hopper (1991) envolvidos na mudança do verbo *ir*.

2.5 Uma abordagem funcional do verbo *ir*: processo de gramaticalização e os princípios de Hopper (1991)

Diferente do Estruturalismo que enfatiza o princípio da arbitrariedade⁸, o Funcionalismo não considera as estruturas autônomas, mas sim motivadas por pressões de uso e por processos de ordem cognitiva. Como já mencionamos, as desinências do futuro do indicativo, por exemplo, *-rei, rás, rá, remos, reis, rão* se convencionalizaram a partir do uso da perífrase constituída pelo verbo *haver*. A forma analítica ocorrida nas línguas românicas *cantare+habeo > cantar hei > cantarei* resultou na forma sintética de futuro *cantarei*. Na interação, as construções rotinizadas estão sujeitas à remodelação, as estruturas sintáticas se ajustam a novas funções/significados. Nessa visão, a gramática é moldada a partir do discurso (Hopper, 1991), pela vivência individual dos interlocutores, a interpretação no momento da comunicação. A frequência da ocorrência das construções, as situações discursivas, as experiências dos interlocutores na organização do discurso configuram a gramática.

Sendo assim, nosso foco de interesse recai nas propriedades cognitivas próprias do ser humano e princípios universais que mostram como a língua opera. Começamos, então, a observar nosso objeto por uma das principais temáticas da investigação funcionalista: gramaticalização e os princípios estabelecidos por Hopper (1991).

2.5.1 Gramaticalização

A gramaticalização⁹ nos estudos linguísticos está relacionada à variação e à mudança de categorias linguísticas. As pesquisas voltadas para a mudança categorial, em nível da gramática, descrevem a trajetória de categorias, interessadas nas propriedades estruturais da forma – como o fenômeno de perda de material fonético, ocasionada pelo uso –, e do sentido¹⁰ – como

⁸ No estruturalismo de Saussure (1916), não há uma razão concreta para que um conceito (significante) esteja ligado a uma imagem acústica (significado).

⁹ Algumas pesquisas linguísticas apresentam divergências conceituais ao se referirem ao fenômeno da mudança denominado gramaticalização. Hopper e Traugott (1993), por exemplo, considera a existência de duas perspectivas, tais como: (a) *gramaticalização* – associada a uma perspectiva histórica, que estuda a origem e o desencadeamento da mudança dos itens gramaticais – e a *gramaticização* – relacionada à perspectiva sincrônica da mudança. Diante disso, defendemos, assim como Heine *et al* (1991), a não separação entre diacronia e sincronia, e, portanto, compreendemos que a gramaticalização deve ser vista numa perspectiva diacrônica.

¹⁰ Baseados na abordagem funcionalista, utilizaremos o termo função relacionando-o ao conceito teleológico, ou seja, a língua é usada para um determinado fim. Nesta subseção, termos como conteúdo, sentido e significado serão utilizados como sinônimos de função.

abstratização e polissemia. Nesse enfoque, ganham destaque os estudos sobre gramaticalização, estabelecida por Meillet (1912), como um percurso de categorias lexicais a gramaticais, e apresentado por Kurylowicz (1975)¹¹, como um processo unidirecional, no qual itens lexicais, em determinados contextos, passam a assumir funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizados, continuam desenvolvendo novas funções ainda mais gramaticais. Esse processo aponta para o aspecto instável e regular da gramática, demonstrando um contínuo de criação de novas expressões. Cunha, Costa e Cezário (2003) descrevem o processo de gramaticalização, como:

[...] trajetória dos processos de regularização do uso da língua, tudo começa sem regularidade, exatamente por ter acabado de começar, mas se regulariza com o uso, com a repetição, passando a exercer pressão suficiente para fazer com que o que no começo era causístico, se fixe e se converta em norma, entrando na gramática. (Cunha; Costa; Cezário, 2003, p. 42)

Essa afirmação demonstra o processo de gramaticalização em que envolve a criação de novas formas, novas categorias, a passagem do léxico para a gramática. Esse trajeto, conforme Neves (2018), pode ser representado como um *continuum*, formulado da seguinte maneira: lexical > sintático > morfológico.

A conceituação clássica de gramaticalização, definida por Kurylowicz (1975 [1965], p. 52), é adotada, posteriormente, por autores como Heine *et al.* (1991). Na conceituação de Heine *et al.* (1991), a gramaticalização consiste no percurso de um item lexical para o gramatical, ou menos gramatical para mais gramatical. Definição semelhante é descrita por Hopper e Traugott (1993), que designam a gramaticalização como um processo unidirecional, em que itens lexicais passam a assumir funções gramaticais, e uma vez gramaticalizados continuam a desenvolver novas funções.

A unidirecionalidade da gramaticalização é uma característica desse processo e parte do pressuposto de que uma mudança ocorre em uma direção específica da qual não pode ser revertida. Essa proposta de trajetória unidirecional – do léxico para gramática – dos itens linguísticos pode ser visualizada da seguinte forma:

Verbo pleno > Verbo auxiliar

¹¹ A definição de Kurylowicz (1975) é citada em trabalhos, como Heine *et al.* (1991) e Martelotta, Votre e Cezario (1996).

Cabe, nessa exemplificação, a análise de mudança do *ir*, que acumula funções, como: (i) a de verbo pleno, como: *Vou ao mercado todos os dias*, (ii) e a de auxiliar, como *Vou realizar alguns exames amanhã*. Nesse percurso, o *ir*, em (ii), ganhou uma nova função gramatical, partindo do mais concreto, com sentido de deslocamento, para o mais abstrato. Comporta-se como um verbo auxiliar de futuro, enfatizado pelo advérbio de tempo, *amanhã*, presente no enunciado.

O funcionalismo propõe explicar regularidades dentro da língua, sendo essas regularidades provisórias, pois estão sujeitas à mudança ou ao desuso. Desse modo, o processo de mudança do *ir* no português sugere um processo de gramaticalização: do léxico (deslocamento) para gramática (temporal e textual). Heine *et al.* (1991) propõem uma escala que representa o percurso da gramaticalização do elemento linguístico, conforme se vê no esquema abaixo:

- i. Pessoa > objeto > processo > espaço > tempo > qualidade

Nesse arranjo linear de categorias conceptuais, governa uma motivação metafórica, em que o elemento da escala pode passar para categoria a sua direita. Ou seja, um item do domínio concreto passa a exercer uma função abstrata. Fato que ocorre com o verbo *ir*, que passa da indicação original de espaço para uma interpretação temporal.

Nessa proposta, a estrutura linguística pode não mudar de categoria gramatical, mas tende obedecer à escala proposta. No caso do *ir*, esse item que designa espaço pode chegar – passando ou não pela noção de tempo – ao valor textual (qualidade), conforme exposto no esquema ii. Quanto mais o item linguístico estiver distante do seu sentido original de deslocamento espacial, mais sujeito estará a adquirir traços semânticos menos concretos, com função mais esvaziada.

- ii. Espaço > tempo > texto

Diante disso, a característica unidirecional da gramaticalização está relacionada a um *continuum* de abstratização, que ocorre da esquerda para a direita. Na perspectiva da abordagem funcionalista clássica, essa linearidade corresponde à mudança hierarquizada, que não pode ter seu percurso alterado da direita para esquerda. Conforme já mencionamos, na constituição da perífrase, o *ir* passou a ser, por meio da transferência metafórica, marcador temporal (categoria gramatical). Gramaticalizado, passou a exercer uma função ainda mais gramatical, a exemplo

de *Vou levar um guarda-chuva, vai que chove* (categoria mais gramatical – *vai que*). Assim, a trajetória de dessemantização do verbo *ir* ganhou uma nova função gramatical mais abstrata, partindo da noção de espaço para a de tempo e conector textual. Esse processo não precisa necessariamente partir de um item lexical, a trajetória pode ser iniciada por um elemento gramatical.

As novas funções do *ir* manifestadas na língua mostram-nos que a gramática e o discurso estão fortemente vinculados – o discurso caracteriza a gramática. O conhecimento gramatical que surge a partir da experiência do falante e a instabilidade do discurso refletem nas formas linguísticas, resultando na mudança sintática. Podemos dizer que as estruturas gramaticais provêm do discurso, durante a interação comunicativa, e podem se espalhar, apresentando diferentes graus de entrenchamento na língua. A criatividade humana, a capacidade cognitiva e a repetição fazem parte da formação dessa gramática. Ademais, um dos fatores responsáveis pelo desenvolvimento de construções gramaticais é o princípio da exploração de meios antigos para expressar novas funções (Heine *et al.*, 1991). Quando tentamos transmitir uma mensagem e a codificação não está acessível, utilizamos nossas experiências anteriores, adaptando-as a um novo contexto. Nessa concepção de Heine *et al.* (1991), a estrutura linguística não é base do processo de gramaticalização, pois os fatores responsáveis por esse processo são de natureza cognitiva. Esse mecanismo cognitivo é ativado durante a interação, mas não é específico da comunicação, ele abrange a capacidade humana em geral. A gramaticalização está relacionada, assim, à habilidade de o homem fazer transferências entre domínios, produzindo efeitos de sentidos desejados nas diversas situações específicas de interação, usar determinadas estruturas em contextos distintos do seu contexto atual. Dessa maneira, a mudança semântica pode estar envolvida na resolução de um problema de comunicação entre os falantes, e esse entendimento de Heine *et al.* (1991) diverge da visão de língua autônoma.

Tendo em vista o processo pelo qual uma estrutura linguística pode passar, Hopper (1991) trouxe importantes contribuições para a gradação da gramaticalização; estabeleceu a existência de cinco princípios, com intuito de identificar os estágios de um item gramaticalizado, a saber:

Estratificação (layering): Refere-se à convivência entre formas diferentes com funções similares, o que não significa que haverá substituição da antiga estrutura pela nova. É o caso das formas sintéticas de futuro, *estudarei*, e da estrutura perifrástica com o verbo *ir*, *vou estudar*.

Divergência: Refere-se ao fato de termos diversas formas, muitas vezes em convivência, com a mesma etimologia, mas com funções diferentes. O *ir*, por exemplo, permanece com seu item lexical original, com a função de deslocamento, mas apresenta, por vezes, funções diferentes, como auxiliar de futuridade. Temos como exemplo: *Eva vai ao centro da cidade amanhã* (com sentido de movimento) e *Rebeca vai comprar um carro novo no próximo ano* (auxiliar, com sentido de futuro).

Especialização: Refere-se ao uso de um item em determinado contexto sintático e/ou discursivo que se torna obrigatório devido ao estreitamento de possibilidade de escolhas. Foi o que ocorreu no Latim quando a forma sintética de futuro, como *amabo*, foi suplantada pela perífrase constituída por *amare + habeo*. No português, por exemplo, a estrutura *ir + infinitivo* passou a ocorrer em contextos específicos, diferente dos contextos favorecedores do futuro sintético.

Persistência: Próprio dos estágios iniciais e intermediários da gramaticalização, concerne à permanência de traços semânticos do item lexical original. O verbo *ir*, por exemplo, em alguns contextos, permanece com uma ideia de movimento, a exemplo de *Vou fazer feira amanhã*. Assim como estruturas com valor modal ainda carregam traços de futuro, como *Assim que comprei o carro, já fiz o seguro, vai que acontece alguma coisa*. O uso do *vai que* além de indicar uma possibilidade, remete a um tempo futuro. Ou seja, o valor temporal de futuro ainda persiste no traço semântico modal.

Descategorização ou Decategorização: Diz respeito às formas que perdem ou neutralizam as marcas morfológicas e as propriedades sintáticas das categorias plenas – como verbo *ir*, com a função de predador em seu sentido prototípico (*vou ao mercado*) – e assumem atributos das categorias secundárias como auxiliar em uma perífrase de futuro, a exemplo de *João não vai realizar as atividades amanhã*.

Em síntese, nesta Seção 2, em 2.1, vimos, a partir do latim vulgar, a formação do futuro com verbo *haver* (*cantare habeo*) constituindo um morfema para indicação de futuridade (*cantarei*) no português e a formação da perífrase temporal indicando futuro a partir do verbo *ir* (*vou cantar*). Nisso, reconhecemos o movimento cíclico da formação do futuro: o que era sintético se transformou em analítico, o que era analítico passou a ser sintético. Verificamos, em (2.2), que, apesar de já convencionalizada na modalidade escrita e de fazer parte da redação de gramáticos como Cunha e Cintra (2013), a perífrase ainda é indicada, na Gramática

Tradicional, como estrutura própria da conversação. Em 2.3, as pesquisas linguísticas confirmaram o processo de gramaticalização do *ir* e a utilização da perífrase na modalidade escrita e oral. Na subseção 2.4, compreendemos que a multifuncionalidade da língua envolve todos os níveis de uma construção: o sintático (relacionado à predicação), o semântico (relacionado ao papel semântico/ significado), o pragmático (relacionado à interação linguística). No ponto 2.5, com processo de gramaticalização e os princípios de Hopper (1991), a língua nos mostra a sua complexidade através dos seus elementos multifuncionais: uma estrutura (i) pode reter uma função sem perder a anterior; (ii) pode ser completamente substituída por outra e a restrição de traço semântico de uma construção pode gerar a perda do seu significado lexical. Dessa maneira, não são sempre nítidos os limites entre uma função ou outra. Os falantes são criadores, transformadores, responsáveis pela estrutura da língua. Sendo assim, a variabilidade é inerente ao sistema linguístico e motivada pelas práticas discursivas dos falantes.

Dessa maneira, após tratarmos do nosso objeto sob a ótica de diversas pesquisas, apresentamos, na próxima seção, a Gramática de Construções, apontando para os primeiros prenúncios da teoria, de algumas bases do Cognitivismo, do Funcionalismo Norte Americano e da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), com objetivo de reconhecer os processos responsáveis pela formação de um padrão de uso do nosso objeto em estudo e a ratificação da formação do pareamento forma > < função do verbo *ir*.

3 PERSPECTIVAS VOLTADAS PARA A NATUREZA DA LINGUAGEM

Dedicamo-nos, nesta seção, a contextualização e descrição das teorias fundamentais para a análise do nosso objeto de pesquisa: o verbo *ir*, em especial à descrição da teoria Linguística Funcional Centrada no Uso. Está corrente teórica adotada por nós se concentra na definição de língua como instrumento de interação social e na percepção de que a forma estrutural linguística, a função, o contexto comunicativo, a experiência humana, a cognição, entre outros elementos, se influenciam mutuamente na instituição da linguagem. Logo, com essa interpretação, a nossa investigação das construções formadas pelo *ir* se volta para os atos concretos de fala, buscando descrever as expressões em uso e as motivações para mudança linguística. Nesse sentido, ao discorrer sobre as construções com *ir*, estamos, sempre que possível, trazendo exemplos do nosso objeto em estudo.

Esse estudo é seguimento da pesquisa realizada por nós em 2016, intitulada “O uso do futuro perifrástico com verbo *ir* no português oral e escrito de Vitória da Conquista”, quando fundamentadas no (Sócio)funcionalismo, evidenciamos que o *ir* tem se encarregado de ocupar diversas funções na língua, ora como verbo pleno (*Maria vai à feira livre todo sábado*), ora como auxiliar verbal de futuro (*Fernando vai organizar a vida*), entre outras¹². A motivação para estudo do verbo *ir*, com base na Linguística Funcional Centrada no uso, parte do propósito de ampliar essa pesquisa da dissertação de mestrado, desenvolvida por Silva (2016), em que analisamos os dados do Português Popular e Culto de Vitória da Conquista-BA e amostras extraídas dos blogs e jornais do século XX, na perspectiva do (Sócio)funcionalismo.

Agora, diante da reorientação do Funcionalismo na contemporaneidade, que surge com a proposta de simbiose entre a gramática, discurso e cognição, baseamo-nos, para realização da presente pesquisa, na Linguística Funcional Centrada no Uso, doravante LFCU¹³, – interpretação da vertente teórica nomeada “*Usage-Based Linguistics*”. Essa abordagem é resultado da confluência entre as teorias: Gramática de Construções, Linguística Cognitiva e o Funcionalismo em sua abordagem mais recente.

Dessa forma, consideramos a LFCU a teoria pertinente para análise do nosso objeto em estudo, pois – ao aliar esses modelos e atestar que a gramática envolve funções cognitivo-

¹² Se, por um lado, o resultado dessa investigação revelou que a forma perifrástica (*ir* + verbo no *infinitivo*) utilizada com indicação de futuro tem sido mais produtiva no português popular e culto de Vitória da Conquista do que a forma sintética, por outro lado, nos *corpora* escritos, a estrutura sintética prevalece.

¹³ LFCU vem sendo firmada no cenário acadêmico nacional desde 2012, quando foi formulada pelo grupo Discurso & Gramática, da Universidade Federal Fluminense.

comunicativas, semânticas, pragmático-discursivas – possibilita que nossas hipóteses já mencionadas sejam discutidas sob diferentes aspectos. À vista disso, esta seção está organizada em três subseções: na subseção **3.1**, traçamos um breve percurso sobre os prenúncios da **Gramática de Construções**; na **3.2** abordamos a **Linguística Cognitiva**, com Lakoff (1974), Fillmore (1985), Kay e O'Connor (1988) e Pinheiro e Alonso (2018); Ferrari (2011), Traugott e Trousdale (2021) Goldberg (1995, 2006); e na **3.3**, mencionamos a **Linguística Funcional Norte-americana** até a **Linguística Funcional Centrada no Uso** – que tem como representantes, Martellota (2011); Furtado da Cunha, Bispo, Silva, (2016), Oliveira e Rosário, (2015), entre outros.

3.1 Breve contexto histórico sobre os primeiros indícios de uma teoria da construção

Aproximando o conceito de língua do Funcionalismo – entendida como produto de interação social – à concepção de que a língua é derivada de processos cognitivos e construída a partir da experiência, compreendemos que vertentes, como o Cognitivismo e a Gramática de Construções, têm muito a dialogar com os estudos funcionalistas da contemporaneidade. Com essa percepção, nesta subseção, abordamos brevemente, baseadas em Lakoff (1974), Fillmore (1985), Kay e O'Connor (1988) e Pinheiro e Alonso (2018), os primeiros indícios da formação da Gramática de Construções, destacando os vieses mais relevantes que contribuíram para a origem dessa perspectiva da mudança gramatical. Assim, trazemos, inicialmente, Lakoff (1974), Fillmore (1985), Kay e O'Connor (1988), que apresentam, em seus artigos, uma análise preliminar de padrões idiomáticos e dão início a um esboço do que seria uma construção gramatical.

Os trabalhos desses pesquisadores surgiram devido à insatisfação do modelo bipartido de conhecimento linguístico proposto pelo gerativismo: a divisão entre o léxico e a gramática. As expressões idiomáticas, por exemplo, na maioria das vezes, não podem ser explicadas por meio de padrões sintáticos e semânticos totalmente regulares. O verbo *cair* sob o paradigma sintático é tradicionalmente intransitivo ou transitivo indireto. Na afirmação *cair a ficha*, esse verbo diverge de sua transitividade regular. Além disso, não é possível depreender o significado pela soma das partes. Assim, esses fenômenos que eram inexplorados pelo Gerativismo ocuparam centralidade nos estudos de alguns pesquisadores.

De acordo com Pinheiro e Alonso (2018, p. 6), o interesse pelo estudo simultâneo dos padrões lexicais, sintáticos, semânticos e pragmáticos surgiu num artigo publicado em 1984 por Paul Kay, que conduziu uma concepção de gramática cuja unidade básica é a construção

gramatical. Nessa pesquisa, foi constatado que o isolamento da sintaxe, da semântica, do léxico e da pragmática não explicava o conhecimento gramatical do objeto em análise. Um ano depois, Charles Fillmore segue o mesmo caminho de Kay e publica um artigo, com uma seção intitulada *Gramatical Construction*, no qual aborda as construções gramaticais.

Nesses trabalhos, estão evidenciados que a teoria da construção gramatical dá conta de explicar tanto expressões idiomáticas sintáticas quanto fenômenos regulares e não composicionais. Contudo, de acordo com Pinheiro e Alonso (2018), apesar de tratarem de construções gramaticais, ainda não apresentam a nomenclatura Gramática de Construções. A Gramática de Construções¹⁴ surgiu no âmbito da Linguística Cognitiva e somente foi mencionada como uma teoria gramatical de base construcionista no texto de Fillmore (1988), *The mechanisms of “Construction Grammar”*, em que aborda a construção gramatical como unidade básica e revela uma intenção em infundir um modelo teórico alternativo.

Recuando à empreitada histórica da Gramática de Construções, partimos para 1974. Na explicação de Pinheiro e Alonso (2018), o artigo intitulado *Syntactic amalgams*, de George Lakoff¹⁵ (1974), publicado nos anais da Sociedade de Linguística de Chicago, está imbuído de uma reflexão sobre amálgamas sintáticos, com prenúncios da teoria construcionista. Paul Kay, Charles Fillmore e George Lakoff, rumo a uma direção não-derivacional gramatical, fixam a Universidade da Califórnia, *campus* de Berkeley, como o epicentro da formação da Gramática de Construções. Do outro lado, no *campus* San Diego, da mesma universidade, Ronald W. Langacker se debruça em sua própria versão da Gramática de Construções. Diferentemente dos trabalhos voltados para o idiomatismo sintático, o modelo da teoria de Langacker, contagiado pela teoria gerativista, é desenvolvido com análises sobre as sutis diferenças semânticas entre as sentenças com mesmo valor de verdade. Nesse desenvolvimento da concepção da Gramática de Construções, constatou que as “imagens mentais” estão relacionadas a essas diferenças semânticas. Nessa mesma linha de intelecção, a aluna de George Lakoff, Adele Goldberg¹⁶, estabeleceu a noção de construção em sua tese de doutorado intitulada *Constructions: a construction grammar approach to argument structure* (1995), que tornou a principal fonte dos

¹⁴ Nas palavras de Fried (2015), a Gramática de Construções surgiu a partir da Gramática de Casos, proposta por Fillmore.

¹⁵ De acordo com Alonso e Pinheiro (2018), George Lakoff (1977) foi um dos fundadores da Linguística Cognitiva, com um texto intitulado *Linguistic gestalts*.

¹⁶ Alonso e Pinheiro (2018) afirmam que Adele Goldberg, em sua tese, em 1995, associou seus estudos aos domínios cognitivos, mas, a princípio não incorporou o *uso* a sua abordagem construcionista. Ainda segundo eles, mais tarde, Goldberg, com a obra *Constructions at work: the nature of generalization in language* (2006), modificou sua definição de construção gramatical para contemplar a frequência de uso, com a justificativa de que a definição era conservadora, mas não implicava inexistência de efeitos de uso.

pressupostos da abordagem construcionista. Certamente, essa obra deu início aos estudos construcionistas.

Em suma, fica evidenciado que os objetos analisados por Lakoff (1974), Langacker (1977), Kay e Fillmore (1988) são diferentes e, por isso, as contribuições ancoradas para o surgimento da Gramática de Construções como teoria provêm de bases e perspectivas diferentes. Kay e Fillmore (1988), com o conceito de língua como um sistema formal e autônomo, desenvolvem uma teoria construcionista com propensão formalista. Lakoff (1974) e Langacker (1977) estavam embrenhados do mesmo raciocínio, com a inclusão dos modelos cognitivos: o primeiro com orientação da gramática cognitiva, sem adição da frequência de *uso*; o segundo, com direção cognitivo-funcional. Contudo, ambos extraem da marginalidade a gramática e realizam uma proposta unificacionista do léxico e da gramática.

Essa breve contextualização se faz importante para que possamos compreender a hipótese composicional (integração do léxico e da gramática), assumida pelo modelo construcionista e a postulação de análise gramatical de construções. A partir dessas pesquisas seminais mencionadas, a Gramática de Construções tem se desenvolvido e se especializado em diferentes modelos, como os que veremos a seguir. Assim, mencionados os prenúncios de uma teoria da construção, partimos para próxima subseção com a conceituação de construção gramatical definida por Goldberg (1995, 2006), Croft (2001) e Traugott e Trousdale (2021).

3.1.1 Construção Gramatical

Vimos em 3.1 que o conceito de construção gramatical foi o elemento fundante da abordagem construcionista. Nesta subseção, para dar prosseguimento à caracterização desse modelo teórico, tratamos o conceito de construção. Mas, antes de embrenharmos nessa conceituação, apresentamos três pressupostos fundamentais da Gramática de Construções, definida por Traugott e Trousdale (2021), que fazem com que esse modelo teórico seja bastante produtivo para nosso objeto pesquisado, visto que compartilha pressupostos teóricos com a Linguística Funcional : (01) o primeiro é que mesmo que as propriedades da gramática sejam universais e associadas a outros sistemas cognitivos, a gramática é inerente à estrutura de uma língua individual, como português, inglês, francês etc.; (02) o segundo pressuposto diz respeito à mudança; ela está relacionada ao uso da língua, e (03) o terceiro refere-se à distinção entre mudança e inovação. A inovação está na mente do falante, ela é apenas um impulso, um processo necessário para mudança, que só acontece se houver propagação e convencionalização social.

A abordagem construcionista evidencia que as línguas naturais são aprendidas em virtude da pressão cognitiva e pragmática. Desse modo, a concepção de língua se equipara a outros aspectos da cognição, como a percepção visual, que também é estruturado como uma rede. Para Bybee (2010), a estruturação linguística provém de processos cognitivos de domínio geral, como a capacidade de categorizar, operar em níveis específicos ou gerais e estabelecer relações. Desse modo, a língua, como outros sistemas cognitivos, é uma rede de nós e elos entre os nós. Esses nós estão associados entre si e seguem uma hierarquia de herança (Langacker, 1988). Essa rede é dinâmica, pois, constantemente, novos nós e novos elos são constituídos. Nesse contexto, cada construção é um nó na rede. Definida por Goldberg (1995), a construção gramatical é um pareamento convencional entre forma e sentido/função¹⁷, um sistema simbólico no qual são instanciados itens gramaticais. Em uma adaptação para o português, Rosário (2022) exemplifica a ideia original de construção proposta por Goldberg (1995). Vejamos os exemplos citados para elucidar a ideia de construção mencionada pelo autor.

- (2) João deu um livro para Antônio.
- (3) Maria assou um pão para Vanessa.

Existe uma regularidade entre as duas sentenças. Ambas, no plano formal, são constituídas de sujeito + verbo bitransitivo (transitivo direto e indireto) + objeto direto + objeto indireto. Essa constituição sintática pode ser assim formulada: SUJ + V + OBJ1 + OBJ 2. No plano do significado, tanto (2) quanto (3) veiculam uma ideia básica: a de transferência de posse, já que uma pessoa A transfere alguma coisa para uma pessoa B. Se observarmos bem, esse sentido se mantém em qualquer situação, ou seja, podemos preencher SUJ + V + OBJ1 + OBJ 2 de modos distintos, sem que a ideia de transferência seja anulada. Poderíamos até mesmo inventar verbos e, mesmo assim, o sentido se manteria. Por exemplo:

- (4) João coisou uma coisa para Pedro.

Não sabemos ao certo o que significa “coisar” no sentido em que a sentença (4) foi produzida, mas a ideia de transferência de João para Pedro está mantida. Essa constatação levou Goldberg (1995) à defesa de uma ideia muito original: a construção em si tem sentido independentemente dos elementos que a preenchem. Em outras palavras, tomando o exemplo que estamos discutindo para ilustrar esse ponto, SUJ + V + OBJ1 + OBJ 2 tem um sentido próprio. (Rosário, 2022, p 138-139)

Nesse sentido, as análises dos dados da língua em usos são realizadas com base no pareamento de forma e função. O cerne não recai sobre os componentes, mas sobre esquemas

¹⁷ Ao tratarmos do pareamento forma < > função, por vezes, utilizamos no lugar de função os termos sentido ou significado.

de instanciações, em seus níveis hierarquizados e na vinculação das subpartes. As construções podem abrigar cadeias composicionais. Nesse caso, o sentido é construído a partir da soma das relações entre componentes, a estrutura semântica da construção é extraída da estrutura sintática superficial (Goldberg, 2003).

Traugott e Trousdale (2021) definem a construção gramatical como um conjunto de propriedades correlacionadas em dois polos, o da forma e o do significado. Nessa perspectiva, uma característica fundamental é que as construções abarcam desde unidades menores como fonemas, morfemas até textos mais complexos, variando em tamanho forma e complexidade. No modelo de Traugott e Trousdale (2021), a construção é representada da seguinte maneira: $[[F]] \rightarrow [[S]]$, a forma corresponde à sintaxe, morfologia e fonologia e o significado inclui discurso, semântica e pragmática. A seta indica o elo entre forma e significado, e os colchetes indicam que o par forma-significado é convencionalizado. Esse pareamento pode ser analisado em variadas dimensões, todas gradientes, como tamanho, especificidade fonológica e tipo de conceito.

Desse modo, de acordo com Traugott e Trousdale (2021, p. 41), a construção pode classificada pelo (i) tamanho (atômica, complexa e intermediária); (ii) especificidade fonológica (substantiva, esquemática e intermediária) e (iii) e conceptualização (conteudista, procedural e intermediária). Nessa caracterização, (i) o tamanho e a especificidade fonológica estão relacionados com a forma e a conceptualização, com a função.

Nessa concepção, o tamanho da construção pode ser:

a) atômicas – construções monomorfêmicas, como *desinência*, ou palavra simples, como verbo *ir*;

b) complexas – unidades que formam *chunks*, como *vai que*;

c) intermediárias – expressões que são parcialmente analisáveis, derivadas por prefixação, a exemplo do surgimento da estrutura do tempo verbal futuro sintético *amarei*, que foi constituída pelo infinitivo de um verbo principal (*amar*) e o indicativo do verbo *habere*.

No que diz respeito à (ii) especificidade fonológica, temos:

a) substantiva – itens lexicais mais especificados, como verbo *ir* em determinados contextos: *Vou ao mercado*;

b) construção completamente esquemática (abstração), como $V_1 + V_2$;

c) intermediária – esquemas parcialmente preenchidos, como *vai* + X.

Quanto à (iii) conceptualização, um item pode ser:

a) conceitual – expressões mais lexicais, a exemplo de *Maria vai à praia esse fim de semana*;

b) procedural – construções mais gramaticais, como *Helena vai fazer uma festa este ano*;

c) intermediárias – unidades com sentido modalizador e futuro, como: *Ele vai ter que completar o ensino médio*. Essa proposta da pesquisa funcionalista aponta um *cline*, em que léxico e gramática possuem traços em comum e estão dispostos em trajetória.

Sendo assim, quando se trata da constituição morfossintática, as construções podem ser atômicas, complexas ou intermediárias. A especificidade fonológica está relacionada ao seu grau de preenchimento da construção, que pode ser totalmente preenchida à totalmente esquemática. Quanto à conceptualização, tem-se os polos do léxico (conteúdo) ou da gramática (procedural). Nessa visão, a língua é vista como uma rede, diferente da proposta canônica de língua como um léxico e uma gramática.

Em consonância com essas considerações, Croft (2001) conceitua a língua como uma rede de construções interconectadas, na qual propriedades fonológicas, morfossintáticas, semânticas e pragmáticas integradas compõem o pareamento forma- função. Dessa forma, ele representa esquematicamente a correspondência desses traços semântico-sintáticos conforme apresentado na Figura 2.

Figura 2 – Modelo simbólico do esquema radical



Fonte: Croft (2001, p.18).

A figura apresentada demonstra que a construção é configurada a partir de propriedades correlacionadas por dois eixos centrais: forma e função. A forma – associada às propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas – está relacionada ao sentido, que é estabelecido por meio de propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais. Nessa visão, tem-se uma proposta de correlação, vinculação entre *forma* < > *função*, e não há primazia entre elas: a semântica, morfossintaxe, fonologia e pragmática funcionam associadamente. A gramática é

uma estrutura holística. Nesse aspecto, a noção de construção se adequa a qualquer estrutura gramatical (Croft, 2001), envolvendo a forma e a função. Esse modelo de Croft (2001) enfatiza a natureza taxonômica da linguagem e a relação de herança hierárquica entre construções mais gerais e mais específicas. O uso da língua, nessa perspectiva, determina os aspectos da estrutura linguística. “Nessa linha, a gramática é entendida como conhecimento de um sistema linguístico, como representação cognitiva da experiência dos indivíduos com a língua; portanto, ela pode ser afetada pelo uso em situações cotidianas de interação comunicativa” (Cunha Lacerda; Furtado da Cunha, 2017, p. 5).

Ambos modelos da Gramática de Construções definem construção como pareamento forma-significado. Seus componentes forma-função possuem o mesmo valor, no entanto, em uma construção, pode a forma sofrer alteração e o sentido não, a exemplo de (i) *Vá logo lá* e (ii) *Vai logo lá*. Por outro, lado, a forma pode não sofrer alteração e o sentido, sim, como encontramos em: (a) “*Você despede dela e diz que vai a uma viagem* (PPVC – ELC) e (b) *Quero vê o que vai acontecer amanhã*” (PPVC – GNB). Em (a), reconhecemos que a construção *ir* exerce a função de deslocamento físico, espacial; em (b), notamos que o *ir* é um verbo auxiliar, que, no contexto, indica a realização de algo futuro. É nessa conjectura que podemos tratar da polissemia, que é um elo relacional que estrutura a rede. Por meio dela, reconhecemos os elos semânticos entre o sentido prototípico de uma construção e suas extensões. Nessa abordagem construcionista, a construção é ainda caracterizada por fatores que são parte da análise da mudança linguística, a saber: esquematicidade, composicionalidade e produtividade, que serão discutidos na subseção em que abordaremos mudança construcional e construcionalização.

3.1.2 Mudança Construcional e Construcionalização

Para a Gramática de Construções, a mudança começa com o surgimento de um novo conceito na mente do falante. Uma construção já existente é modificada e pode afetar a dimensão interna ou externa (forma e função) da construção. Dessa forma, Traugott e Trousdale (2021) estabelecem dois tipos de mudança: construcionalização e mudança construcional.

A mudança construcional, segundo Traugott e Trousdale (2021), é um processo de mudança no qual uma nova construção não é originada. A alteração ocorre em apenas um dos polos: na forma ou na função, a exemplo de *will*. Conforme os autores, *will*, como auxiliar de futuro, passou por uma alteração morfofonológica, ou seja, modificação na forma, que resultou na contração “*ll*”. Quanto ao significado, a construção *will* passou do sentido de

intencionalidade para abarcar a ideia de tempo futuro. Nessa demonstração, é notável que, no primeiro exemplo, a mudança atinge apenas a forma com uma redução, não afetando o significado. Ou seja, a mudança construcional afeta apenas um dos eixos da construção. Sendo assim, não há criação de uma nova construção, um novo nó na rede. No eixo da função é possível evidenciar a polissemia, o conteúdo se torna mais abstrato.

De acordo com Traugott e Trousdale (2021), a construcionalização acontece no eixo temporal diacrônico e é entendida como um processo de mudança que afeta tanto a forma quanto a função, originando uma nova construção e, conseqüentemente, um novo nó rede. Como exemplo, eles apresentam o *a lot of*: essa construção, de acordo com eles, sofre um rearranjo sintático entre *a lot* e *of* (mudança da forma) e uma modificação de significado, uma vez que passou de quantificador para intensificador (mudança do sentido). A criação desse novo pareamento de forma e função é antecedida pela mudança construcional, mas nem toda mudança gera a construcionalização. O processo de construcionalização está relacionado à neoanálise¹⁸, que é o mecanismo responsável pela reinterpretação semântico-sintáticas, realizadas pelos interlocutores em suas interações.

Traugott e Trousdale (2013, p. 91-92) desenvolvem passos de uma situação em que falantes e ouvintes criam uma inovação:

1. **Inovação:** O ouvinte interpreta e analisa uma construção que não é exatamente o que o falante expressou. É realizado um ajuste do que foi mencionado. O falante, então, reutiliza a construção com um novo *link*. Contudo, não há um novo nó na rede, pois não foi convencionalizado.
2. **Convencionalização:** Outro ouvinte faz associação por meio da inferência e utiliza a construção com um novo sentido.
3. **Construcionalização:** A construcionalização ocorre apenas quando neoanálise morfosintática e semântica são convencionalizadas entre os falantes. Origina-se, então, uma nova microconstrução.
4. **Pós-construcionalização:** A microconstrução pode ser expandida e reorganizada como subesquema. Posteriormente, pode haver a **redução da forma** devido à frequência de uso ou **obsolescência** por causa do uso reduzido.

¹⁸ Traugott e Trousdale (2021) adotam o termo neoanálise em vez de reanálise. Para eles, por questões terminológicas, a nomenclatura é discutível, visto que não se pode analisar novamente (re-analisar) uma construção que ainda não foi internalizada pelo usuário da língua, foi apenas analisada de modo diferente do falante.

O ouvinte interpreta o constructo de maneira inovadora, em seguida, essa reinterpretação pode propagar em grupos específicos, tornando-o convencional. Na sequência, com a convencionalização social, cria-se um novo pareamento forma-função, um novo nó simbólico na rede, que passa a ser adotado por outros usuários. Na fase da pós-construcionalização, a nova construção pode servir como base para um esquema virtual, no qual se formam subesquemas e microconstruções específicas. Esse processo é chamado de expansão de classe hospedeira (*host-class*). O estágio final diz respeito à perda de estrutura (redução formal) ou ao desuso. Isso nos mostra que a mudança ocorre durante a interação, a partir de contextos de uso que envolvem constantes negociações entre os falantes. Além disso, a diferenciação entre mudança construcional e construcionalização auxiliam na compreensão dos processos que concorrem para emergência de novos padrões construcionais.

Traugott e Trousdale (2021) destacam, ainda, que a construcionalização opera tanto no nível da gramática quanto do léxico. Nesse sentido, temos a construcionalização gramatical, que consiste no desenvolvimento de um pareamento com a função procedural, conteúdo abstrato, e, portanto, menos composicional¹⁹ e mais esquemático²⁰ na língua. A construcionalização lexical diz respeito ao surgimento do par forma-função com função lexical. Assim, o polo da função está vinculado a uma semântica mais concreta, e o da forma está associado às categorias de nome, verbo e adjetivo, logo, é mais composicional e menos esquemático.

A exemplo de construcionalização lexical, temos [Xeiro]_{agente} destacado por Simões Neto (2018). Essa construção fornece o padrão para microconstruções lexicais, como as relativas a profissões: padeiro, carteiro, peixeiro. Já, a construcionalização gramatical trata, entre outras categorias, dos marcadores discursivos, como verbo e pronome locativo [VLoc]. Ademais, o desenvolvimento das construções gramaticais é realizado em contextos específicos, de maneira gradual, em micropassos na trajetória da língua (*small-steps*), enquanto a emergência das construções lexicais pode ser instantânea, por intermédio da analogização²¹.

Essas abordagens, com propósito de reconstruir a trajetória diacrônica das construções

¹⁹ A composicionalidade, como será visto na subseção 3.1.2.1, é um fator que envolve o grau de transparência do pareamento: mais composicional significa que uma construção conserva os traços originais de cada parte que a compõe, menos composicional se refere à compreensão da soma das partes.

²⁰ Tanto a construcionalização gramatical quanto a mudança gramatical estão associados ao aumento de esquematicidade e produtividade, fatores que são tratados na subseção posterior.

²¹ Analogização é definida como uma formação de um novo pareamento em qualquer nível (do esquema, do subesquema ou da microconstrução), a partir de um modelo já existente na língua.

linguísticas, oferecem um tratamento histórico de fenômenos que ocorrem na língua. No entanto, mediante à proposta dos estudos funcionalistas de regularidade da mudança linguística, verificou-se que é possível fazer uma análise da trajetória das construções a partir de dados sincrônicos. Dessa forma, Rosário e Lopes (2019, 2023) propõem o termo construcionalidade, com vistas à investigação de construções em nível sincrônico. Amparados nos estudos de variação e mudança da Sociolinguística (Labov, 2008), que trata da mudança em curso, e nos próprios estudos funcionalistas e construtivistas que também discutem essa questão, os autores compreendem que é possível um estudo da mudança à base de dados de recorte sincrônico, uma vez que a sincronia é uma camada (a mais recente) da diacronia (Rosário; Lopes, 2019, 2023).

Sendo assim, tendo como referência a construcionalização gramatical, em que implica a expansão da produtividade e da esquematicidade e redução da composicionalidade, Rosário e Lopes (2019, 2023) propõem uma aplicação empírica da construcionalização a um recorte sincrônico. Dessa forma, a construcionalidade é definida como uma “relação sincrônica entre duas ou mais construções, de modo que uma construção pode ser apontada como base para outra(s), a partir de seus diferentes níveis de gradiência e gramaticalidade” (Rosário; Lopes, 2023, p.63).

Baseadas em Rosário e Lopes (2019, 2023), então, assumimos o tratamento da mudança construcional em uma abordagem sincrônica, em termos de gradiência e variabilidade, visto que a vivência cotidiana do ser humano influencia, continuamente, o uso da língua.

Haja vista que a construcionalização envolve três fatores, a saber: esquematicidade, produtividade e composicionalidade, propusemos a descrevê-los na subseção 3.1.2.1.

3.1.2.1 Esquematicidade, produtividade e composicionalidade

Nessa perspectiva construcional, adotada por nós, as construções emergem de generalizações que são produzidas a partir de exemplares, construções concretas. Esse processo, como já mencionamos, é próprio da condição humana. Dessa forma, com base em Goldberg (2006), Traugott e Trousdale (2021), Rosário e Oliveira (2016), nesta subseção, tratamos dos fatores que fazem parte da organização hierárquica da gramática: esquematicidade, produtividade e composicionalidade.

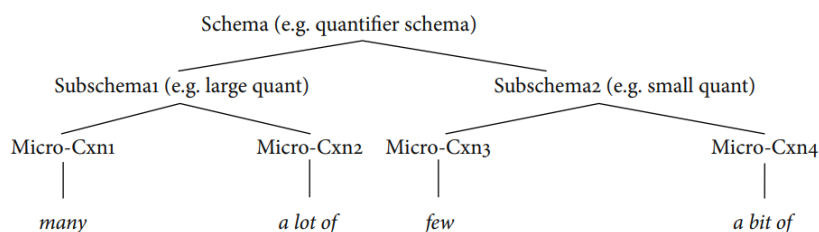
a) Esquematicidade

Para compreender a esquematicidade, iniciamos com o esclarecimento do que seja esquema. Segundo Traugott e Trousdale (2021), esquema pode ser estabelecido como

generalização taxonômica de categorias linguísticas ou não, que apresentam padrões rotinizados. “São abstrações inconscientemente percebidas pelos falantes, já que delas se originam as diversas construções da língua” (Rosário; Oliveira, 2016, p. 244). Dessa forma, a esquematicidade é uma propriedade da construção que pode ser pouco esquemática, mais ou menos esquemática ou mais esquemática. Essa propriedade pode ser associada a um *continuum*, com nível de especificidade e generalidade. Por exemplo, a frase *Beatriz ganhou um presente* é proveniente de um nível mais geral e esquemático, representado por Sujeito + Verbo + Objeto. Esse esquema abstrato (S + V + O) serve de modelo para criação de novas construções, ou seja, os falantes podem produzir outras frases que compartilham dessa mesma proposta. Conforme Goldberg (2006), o conhecimento esquemático ou generalizado do falante faz parte dos processos cognitivos da mente humana.

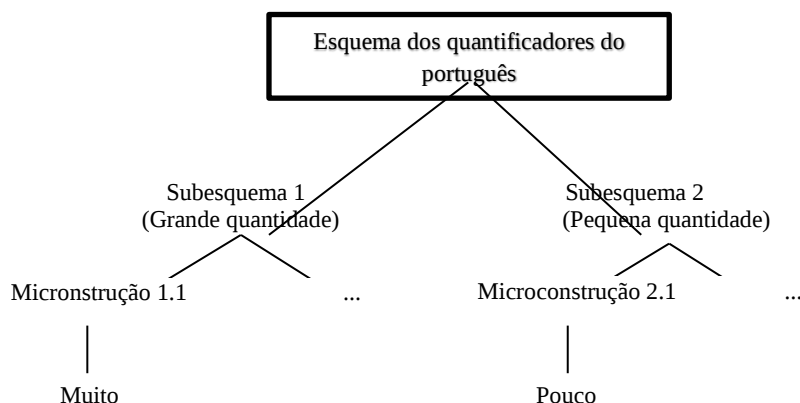
Partindo para uma exemplificação de uma categoria mais geral e abstrata, temos *automóvel*; para representar uma categoria específica, podemos mencionar *carro*; em direção a uma categoria ainda mais específica, indicamos o modelo e marca de um carro, a saber: *Gol GTI*. Seguindo uma hierarquia, os níveis de generalidade e especificidade influenciam os graus de esquematicidade, conforme apresentado por Traugott e Trousdale (2021) na Figura 3.

Figura 3 – Rede construcional dos quantificadores



Fonte: Traugott e Trousdale (2021, p.17).

Para uma exemplificação mais precisa, incorporamos à rede construcional de Traugott e Trousdale (2021) os quantificadores do português brasileiro. Vejamos a Figura 4.

Figura 4 – Rede construcional dos quantificadores do português

Fonte: Traugott e Trousdale (2013) – Adaptado pelas pesquisadoras.

Conforme o esquema apresentado, no nível mais alto temos a construção mais abstrata e esquemática – o esquema dos quantificadores. No nível intermediário, encontram-se os subesquemas: quantificadores de pequena quantidade, de um lado, e quantificadores de pouca quantidade de outro. Podemos observar que, nesse nível, o subesquema é mais específico quanto à classificação funcional (grande e pequena). No nível mais baixo, estão as microconstruções (i) muito, que instancia o subesquema específico de grande quantidade e (ii) pouco, que instancia o subesquema de pequena quantidade. Por fim, esses subesquemas instanciam o esquema mais geral e abstrato: os quantificadores do português.

As microconstruções são instanciadas pelos constructos, que são as manifestações de uso. É nesse nível que a mudança linguística ocorre. Assim, a variedade de *tokens* (dados empiricamente testados) está relacionada aos *types* instanciados pelos constructos. Conforme Rosário e Oliveira (2016), a criação de novos constructos a partir do esquema é classificada como sanção²², que pode ser parcial ou total. Nesse esquema, entende-se que as construções abstratas licenciam os constructos. Dessa maneira, o conhecimento do falante sobre os esquemas da língua determina a elaboração de novas instanciações (Rosário; Oliveira, 2016, p 245).

b) Produtividade

A produtividade é gradiente, ocorre em micropassos, igualmente à esquematicidade. Traugott e Trousdale (2021) asseveram que a produtividade de uma construção está

²² Nessa perspectiva teórica, sanção é o processo de criação de novas construções na língua a partir de um esquema mais geral.

relacionada à extensibilidade e pertence aos níveis de esquema parciais: (i) os esquemas podem sancionar outras construções menos esquemáticas; (ii) tais esquemas podem ser restringidos, ou seja, pouco produtivos. Em outras palavras, podemos afirmar que a produtividade está relacionada com a capacidade de um esquema sancionar construções menos esquemáticas. Os autores, pautados em Bybee (2003), afirmam ainda que a produtividade está associada à frequência e fazem uma distinção entre frequência de tipo (*type frequency*) e frequência de ocorrência (*token frequency*), associando-as respectivamente à frequência de construção e frequência de construto. Na pesquisa, consideramos que a frequência *type* está relacionada à quantidade de tipos diferentes de uma construção e frequência *token* se refere ao número de ocorrências extraídas dos *corpora*. Dessa forma, compreendemos que, quando novas construções são formadas, elas se espalham, aumentando a frequência de uso. De acordo com Rosário e Oliveira (2016), pesquisas têm mostrado a importância da frequência para rotinização e cristalização de novos usos na língua.

c) Composicionalidade

De acordo com Traugott e Trousdale (2021), a composicionalidade está relacionada ao nível de transparência/opacidade dos componentes. A composicionalidade pode ser compreendida em termos de semântica e sintática, conforme Rosário e Oliveira (2016). A composicionalidade semântica diz respeito à compreensão da expressão em função do significado da soma das partes ou do todo. A composicionalidade sintática concerne às propriedades combinatórias do elemento sintático, que corresponde ao nível de integridade morfosintática entre as partes. Assim, temos construções mais composicional, como o esquema Suj + V + Ob.; *João comprou um carro*, em que o significado é apreendido pela soma das partes, ou seja, o ouvinte entende o significado de cada item, decodificando assim o sentido do todo. Por sua vez, as construções menos composicionais se destacam pelo alto grau de entrenchamento. Como exemplificação têm-se as expressões idiomáticas, como: *Ele deu uma de João sem braço*. O falante refere-se a alguém que se fingiu de desentendido. Nessa expressão em destaque, o significado do todo não corresponde à soma das partes, quer dizer, há incompatibilidade entre o significado dos componentes individuais e o sentido do todo. Assim, uma construção menos composicional pode ocasionar um encadeamento entre dois ou mais elementos, resultando em um *chunk*²³.

²³ Segundo Bybee (2010) *Chunking* é processo cognitivo que concerne às sequências de palavras que são apresentadas como sendo um único bloco de forma-função, constituindo um *chunk*.

Vimos, até aqui, que essa postulação teórica permite-nos analisar não apenas um item da língua, mas todo o entorno, inclusive examinar os níveis abstratos, bem como suas propriedades esquemáticas que estabelecem o desenvolvimento de novas construções na língua em uso.

Neste estudo, acreditamos que, para análise linguística, devemos ter, também, como base os processos cognitivos de domínio geral. Desse modo, apresentamos brevemente o contexto histórico da Linguística Cognitiva e alguns dos seus conceitos, descritos separadamente para melhor identificação.

3.2 Linguística Cognitiva

Nos últimos tempos, os estudos linguísticos têm dialogado com teorias de base cognitiva, visto que já é evidenciado que a cognição possui um forte papel na função comunicativa da linguagem. Dessa forma, nosso objetivo, nesta subseção, é mostrar, de forma sucinta, fundamentos básicos que deram origem à Linguística Cognitiva, como (i) a não autonomia da língua e (ii) a integração da linguagem com domínios cognitivos e contextos socioculturais. Essas noções servem de apoio às discussões realizadas no âmbito da Linguística Funcional Centrada no Uso. Assim, tratamos, brevemente, do contexto histórico da Linguística Cognitiva, dialogando com o Gerativismo, visto que as pressuposições da teoria gerativa estão relacionadas ao surgimento do Cognitivismo.

A linguística enquanto ciência passou por diversas transformações epistemológicas. De acordo com Abraçado e Kenedy (2011), nos anos 50/60, o foco da ciência da linguagem passou a ser a dimensão mental do fenômeno linguístico. Contrário ao modelo behaviorista-estruturalista, que interpretava a língua como essencialmente condicionada pelo ambiente, Chomsky conduziu os estudos da linguagem para a capacidade mental do ser humano em criar novos enunciados. Nas palavras de Abraçado e Kenedy (2011), apesar de o tratamento da linguagem como fenômeno cognitivo já fazer parte dos estudos da psicologia, foi somente com o gerativismo que a psicologia pode tratar a linguagem de modo prático e não apenas pela argumentação filosófica. Nesse sentido, foi possível formular hipóteses sobre o funcionamento de uma língua natural na mente humana e atestá-las, empiricamente, em laboratórios. No entanto, devido ao isolacionismo radical, essas pesquisas experimentais não conseguiam encontrar evidências empíricas que validassem os modelos propostos pelo gerativistas. O gerativismo limitou-se “à busca de um modelo formal de competência linguística que se justificasse a si mesmo e fosse validado somente pelos critérios de coerência intrateórica e

elegância matemático-formal, com mínimas ou nulas considerações empíricas” (Abraçado; Kenedy, 2011, p. 5). Assim, a insuficiência de ponto de vista metodológico e o reducionismo científico, com posição isolacionista, e aversão aos dados de desempenho geraram crises no gerativismo, dando origem a uma fragmentação, que posteriormente daria luz às abordagens funcionais e sociocognitivas.

Com análises desvinculadas do usuário da língua, as pesquisas gerativas defendem a linguagem como uma faculdade autônoma. Para essa abordagem, a mente é composta por módulos e cada um desses é responsável por uma atividade cognitiva. Nesse sentido, “[...] é possível, por exemplo, estudar a sintaxe isoladamente de seus demais componentes, como o componente semântico ou o lexical” (Martelotta; Alonso, 2012, p. 95). Dessa forma, no que diz respeito à linguagem, o modelo gerativista evidencia uma primazia pela independência do módulo sintático e busca um modelo formal de competência linguística.

Ao longo dos anos, os pressupostos gerativistas passaram por reformulações, o que culminou no surgimento do Programa Minimalista, com uma nova concepção teórica, a Faculdade da Linguagem, que “funciona sob a condição de gerar objetos linguísticos que possam ser acessados e usados pelos sistemas de performance, e dessa forma faz um trabalho sob medida, orientado por/para as interfaces” (Abraçado; Kenedy, 2011, p.9). Segundo os autores, essa hipótese de Faculdade da Linguagem desfaz o pensamento de que linguagem é um órgão mental isolado, autossuficiente, governado por suas leis e princípios, independente do uso e dos outros sistemas cognitivos. Goldberg (2003) *apud* Abraçado; Kenedy (2011) afirma que críticos não gerativistas veem nos textos atuais de Chomsky uma retratação de uma posição adotada no passado.

O Programa Minimalismo assume que o design da Faculdade de Linguagem compreende um Sistema Computacional, comum a todos os humanos, e um Léxico formado arbitrariamente ao longo da experiência de um indivíduo em particular, o qual se compõe de unidades mínimas, providas de informações fonológicas, semânticas e sintáticas. Os procedimentos gerativos da gramática mental dos indivíduos são interpretados como o funcionamento do Sistema Computacional quando este gera representações sintáticas a partir das informações retiradas do Léxico. Uma vez formadas, tais representações devem ser acessadas e usadas pelos sistemas cognitivos de performance que mantêm interfaces com a Faculdade da Linguagem (mais diretamente com os subsistemas Forma Fonética (PF) e Forma Lógica (LF)) (Abraçado; Kenedy, 2011, p.10).

Nessa perspectiva, o léxico se relaciona com as abordagens socioculturais e é onde estão codificadas as estruturas arbitrárias e registradas as convenções de uso. Essa visão se concentra

na natureza das operações computacionais e abre espaços para diversas pesquisas que se preocupam em investigar o uso, a aquisição e os distúrbios da linguagem, como afasia.

Nesse contexto de desenvolvimento científico, pesquisas sobre a aquisição, a natureza e o uso da linguagem como parte e instrumento da cognição humana são fenômenos que fazem parte da Linguística. Oposto à tradição gerativa, alguns estudos linguísticos, em função de um recorte epistemológico, se caracterizaram por priorizar a língua em uso (Abordagens Baseadas no Uso). Mesmo que, de acordo com Abraçado e Kenedy (2011), “uso”, “função”, “interação”, “experiência”, “cognição” sempre estiveram associadas à cognição linguística, para os autores, esses termos demonstram pontos de convergência entre diversas perspectivas teóricas que consideram pressupostos, como (i) a aquisição da língua materna por meio da interação e (ii) aquisição da língua materna através de habilidades cognitivas que servem a funções mais gerais. A Abordagem Baseada no Uso serve como suporte para estudos que consideram, na investigação do fenômeno linguístico, além desses fatores que se referem à aquisição da linguagem pela criança, o *input*²⁴ e o contexto situacional e sociocultural.

Abraçado e Kenedy (2011), trazendo a importância do componente social, mencionam que o processo de aquisição inicial de língua materna (que é social) torna o indivíduo capaz de usar a língua (com a ajuda por ela fornecida) para determinar, por inferência, a partir do contexto, o significado de uma expressão desconhecida. A “associação de uma palavra com um significado torna possível a conversa e o pensamento verbal, mas o pensamento verbal precisa de linguagem, e a linguagem precisa da interação de, pelo menos, dois seres humanos” (Abraçado; Kenedy, 2011, p.8). Nesse sentido, o aspecto social está ligado ao desenvolvimento da linguagem humana, pois possuir apenas um cérebro evoluído não garante esse desenvolvimento.

Assim, os pressupostos cognitivos que já se faziam presentes na Gramática Gerativa de Noam Chomsky deram uma guinada com estudiosos como Leonard Talmy, Ronald Langacker, Charles Fillmore e George Lakoff. Esses precursores da nova vertente, denominada Linguística Cognitiva, buscaram analisar a linguagem por meio da relação entre a sintaxe e semântica, investigando a relação entre forma e significado. Essa inovação teórica teve êxito, com sua legitimidade reconhecida na comunidade acadêmica, devido sua compatibilidade com premissas básicas sobre a construção do significado. (Ferrari, 2011). Podemos dizer que o que

²⁴ Na teoria da linguagem de Chomsky, *input* se refere às experiências proporcionadas pelo uso da linguagem.

essas ciências têm em comum é que ambas investigam a linguagem como fenômeno cognitivo (Chomsky, 1981), como faculdade mental.

Na visão da Linguística Cognitiva, a linguagem é fruto das experiências humanas e instrumento da cognição, há uma simbiose entre linguagem e cognição, não podendo separá-las. Para processar o discurso, por exemplo, o falante faz uso de um conjunto de mecanismos de natureza cognitivas essenciais ao ser humano. Para esse modelo, a cognição se forma com base nas experiências sensório-motoras. Nessa visão, segundo Abraçado e Kenedy (2011), fazer o uso da linguagem é lançar mão de mecanismos mentais, como atenção, memória, conhecimento linguístico, que são essenciais para compreensão e produção do discurso. Assim, a linguagem, na visão cognitivista, é compreendida como um complexo mosaico de atividades cognitivas e sociocomunicativas intimamente relacionada a outras áreas da psicologia humana (Lucena, 2017, p.568).

A Linguística Cognitiva, portanto, adota uma postura integradora e não modular, à medida que a cognição é vista como um conjunto de sistema conectados, que “[...] envolve, além da linguagem, nossa percepção do mundo que nos cerca, nossa capacidade de armazenar as informações na memória, nossos sentimentos, as informações do contexto sociocultural em que nos inserimos” (Martelotta; Alonso, 2012, p. 95). Dessa forma, a linguagem é vista como meio de conhecimento e está relacionada com a percepção de mundo e deve ser entendida em seus aspectos semânticos, funcionais e sintáticos. Nesse aspecto, a função primária da linguagem é a categorização, isto é, a significação é um fenômeno fundamental nos estudos linguísticos. Desse modo, se “a linguagem serve para caracterizar o mundo, a significação linguística não pode ser dissociada do conhecimento do mundo, não se pode postular a existência de um nível de significação que pertença exclusivamente a linguagem” (Silva, 1997, p. 64). Assim, pressupõe o compartilhamento entre princípios cognitivos e a linguagem, bem como interação entre o conteúdo conceptual e a estrutura linguística (Ferrari, 2011). Não há a separação entre léxico e sintaxe, visto que as estruturas linguísticas não são vistas como entidades autônomas, mas integralizadas a outros subcomponentes da linguagem.

Resgatando as palavras de Neves (2004, p. 99), podemos dizer, em suma, que a Linguística Cognitiva acredita nas habilidades cognitivas gerais e presume “[...] que a estruturação das categorias linguísticas se faz dentro dos mesmos princípios que orientam a estruturação de todas as categorias humanas, por exemplo, as perceptuais”. Assim, ao considerarmos a linguagem como parte da cognição, logo uma série de processos cognitivos são fundamentais para análise de construções linguísticas. O interesse, então, da teoria cognitiva

está voltado para as manifestações das capacidades cognitivas relacionadas com a experiência de mundo.

Nesse percurso, houve uma forte tendência de os estudos linguísticos assumir abordagens baseadas no uso, ganhando notoriedade pesquisas de Paul Hopper, Sandra Thompson e Talmy Givón. A gramática, então, passa a ser entendida como um conjunto de regularidades resultante das pressões de uso linguístico, que, por sua vez, está associado aos processos cognitivos e discursivo-pragmáticos. Como já mencionamos é uma tendência funcionalista para o estudo da língua apropriar-se dos processos básicos do domínio cognitivo. Isso se dá pela importância que Linguística Cognitiva atribui aos aspectos funcionais da linguagem, em especial, à categorização. Além disso, os estudos da ciência cognitiva se concentram no uso da linguagem e nas funções por ela desempenhadas.

Dessa forma, para nossa pesquisa, consideramos alguns processos cognitivos tratados no modelo cognitivista, como a categorização e protótipos; metáfora e metonímia conceituais, entre outras, que servem como base para Linguística Funcional Centrada no Uso.

3.3 Os caminhos até chegar à Linguística Funcional Centrada no Uso

Desde identificada o objeto da linguística moderna, com o *Cours de linguistique générale* de Saussure, em 1916, diversas são as abordagens que se desenvolvem nos estudos da análise linguística. Assim, para descrever a linguagem, dois polos²⁵ passaram a caracterizar os modelos teóricos: o polo formalista e o polo funcionalista. Nesse aspecto, a oposição epistemológica que se coloca entre elas se resume no fato de que, se, por um lado, o polo formalista caracteriza-se pela ênfase na análise da forma linguística, procurando descrever as características inatas (arbitrárias) da linguagem; por outro lado, o polo funcionalista relaciona os fatos da língua à função que a estrutura linguística desempenha no ato comunicativo; focaliza a descrição das propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcional, consideradas em contextos reais de uso. Ou seja, nessa abordagem o componente formal, representado pela estrutura linguística, e o componente funcional são vistos de maneira integrada.

Esclarecido o objeto de análise para o Funcionalismo, partimos para o que nos interessa, *a priori*: a teoria funcionalista que ganhou impulso na década de 70, nos Estados Unidos, com os trabalhos que defendem uma linguística baseada no uso, como *From discourse to grammar*,

²⁵ Apesar de divergências, essa divisão de polos é encontrada em diversos trabalhos, como o de Martelotta e Areas (2003).

de Talmy Givón (1979), e *Transitivity in grammar and discourse*, de Sandra Thompson e Paul Hopper (1980). Esses trabalhos abordam o estudo simultâneo da gramática e do discurso e foram a base para o surgimento da Linguística Funcional Norte-americana. Como justificativa para essa simbiose, afirmam que a sintaxe é motivada por questões discursivas, ou seja, a língua emerge do uso. Supõem-se que o usuário da língua, ao utilizar suas competências comunicativas, gera novos significados, que resultam na emergência de novas gramáticas. Daí parte a noção de gramática emergente, que, apesar de ser moldável, possui certa regularidade. Para substantiar essa regularidade da língua, Du Bois (2003) declara que a gramática é limitada por regra, enquanto o discurso é o que os falantes fazem com a liberdade que lhes é permitida. Com esse pensamento, entende-se de que, apesar de serem componentes diferentes, o discurso e a gramática estão relacionados entre si. Em virtude das vicissitudes do discurso, a gramática sofre constantes mudanças e adaptações em sua estrutura. A gramática, então, serve a um propósito, é considerada um sistema aberto, maleável, formado pela língua em uso, pelas interações cotidianas entre os falantes. A formação da gramática, nesse sentido, provém da interação oral estabelecida entre os usuários da língua. A intenção de se tornar mais enfático, a necessidade de melhor se comunicar levam o indivíduo a servir-se de expressões que alcancem seus propósitos comunicativos. Então, com a recorrência de uso dessas expressões, essas se tornam fixas e passam a compor a gramática da língua.

Com essa base, o Funcionalismo passa a identificar o contexto linguístico e a situação extralinguística como os elementos principais para análise da linguagem e empenha-se em investigar a correlação entre a forma > função no uso das expressões e a trajetória dos itens, com propósito de identificar as marcas icônicas do item linguístico.

Assim, nessa perspectiva, procura-se compreender como a gramática reflete as interações verbais entre os falantes da língua, e os fenômenos gramaticais são explicados a partir de parâmetros de natureza cognitiva e comunicativa. Givón (1991), por exemplo, busca explicar as estruturas linguísticas atentando-se às funções de ordem cognitiva, como iconicidade e marcação. Diferente do Estruturalismo que enfatiza o princípio da arbitrariedade, o Funcionalismo não considera as estruturas autônomas, mas sim motivadas por pressões de uso e por processos de ordem cognitiva, como já mencionamos.

O Funcionalismo Clássico – como era chamada essa primeira fase dos estudos de vertente norte-americana por volta de 1970 – se ocupou em grande parte de suas pesquisas no paradigma da gramaticalização, da mudança de itens do léxico para gramática ou do menos gramatical para o mais gramatical. Esses processos são vistos de forma horizontal, da esquerda para direita, em um *continuum* unidirecional, como vimos na subseção 2.5.1. Esses princípios

são desenvolvidos devido a necessidade da comunicação, e o discurso e a capacidade cognitiva são os pontos iniciais desses processos. Essa visão abriu novos caminhos no campo de pesquisa, como o estudo funcionalista em sua abordagem mais recente, dialogando com estudos cognitivistas e a Gramática de Construções.

Com a concepção de que os itens não produzem sentido de forma isolada e de que é necessário considerar toda dimensão da construção, o Funcionalismo ampliou seu objeto de pesquisa e ganhou um novo aspecto nas descrições e análises linguísticas. A reorientação dessa vertente foi complementada com uma abordagem holística e contingencial dos usos linguísticos. Apesar de já presentes no Funcionalismo, como os abordados por Givón (2010), os processos cognitivos, na contemporaneidade, ganham maiores ênfases.

Dessa maneira, vimos nas subseções anteriores algumas descrições da Gramática de Construções, teorias cognitivista e funcionalista. Essas propostas, com já tratamos anteriormente, contribuem com a Linguística Funcional Centrada no Uso. Sendo assim, sintetizamos alguns pontos apreendidos pela LFCU:

- (i) O cognitivismo propõe a integração entre os subcomponentes da linguagem, estabelecendo a não separação entre o léxico e a gramática. Desse modo, a linguagem se relaciona à percepção e experiência do mundo que nos cerca, isto é, os dados mais concretos do lugar onde nos situamos servem de base para desenvolver projeções mais abstratas;
- (ii) A teoria da Gramática de Construções estabelece que qualquer unidade gramatical que vincule uma função semântica ou discursiva a uma estrutura formal pode ser considerada uma construção gramatical. Com tal característica, Goldberg (1995) definiu uma construção como um pareamento forma-significado. Essa representação também fixada por Croft (2001), em seu modelo de construção radical, destaca a natureza taxonômica do conhecimento construcional e o caráter hierárquico da construção, que herdaram características mais gerais e mais específicas;
- (iii) O Funcionalismo foca no uso da língua em situações reais de comunicação e considera que há universais conceptuais envolvidos no processo de significação.

Como diz Rosário (2016), a LFCU pode ser qualificada como uma nova fase dos estudos funcionalistas, influenciada pela Linguística Cognitiva e Gramática de Construções. Esses estudos oferecem grande contribuição, com uma visão mais holística, para análise do nosso fenômeno linguístico. Assim posto, tratamos na subseção 3. 3.1 da Linguística Funcional

Centrada no Uso. Nela, apresentamos alguns pressupostos epistemológicos importantes para o tratamento de análise do nosso objeto em estudo.

3.3.1 Linguística Funcional Centrada no Uso

Nosso objetivo nesta subseção é apresentar de modo sucinto o quadro teórico-metodológico da Linguística Funcional Centrada no Uso, além de alguns dos conceitos básicos dessa abordagem que servem para subsidiar nosso objeto de estudo. Como já sabemos, as duas correntes, Linguística Cognitiva e Linguística Funcional, integram-se à teoria Linguística Centrada no Uso, que tem em sua base de investigação o Funcionalismo. Assim, em congruência, essas teorias linguísticas formam uma base para o campo de investigação da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU).

A LFCU é uma vertente brasileira da Linguística Centrada no Uso, que engloba em sua autodescrição o termo funcional. Desenvolvida pelo Grupo de Estudos Discurso e Gramática, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a LFCU incorpora a tríade Gramática de Construções, Linguística Cognitiva e Funcionalismo Norte-Americano e tem por objetivo identificar a regularização de padrões construcionais – considerando os aspectos fonológicos, morfossintáticos, semânticos – bem como os esquemas virtuais desse padrão e as motivações semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticos implicadas no uso. Essa contemplação da LFCU possibilita analisar na seção 5 os níveis da hierarquia construcional das construções formadas pelo verbo *ir*.

Levando em consideração tais aspectos em suas análises, a LFCU acredita que os usos linguísticos são resultados de modelos convencionalizados, provindos da capacidade cognitiva (princípios de categorização) e da experiência humana em suas atividades sociointeracionais e culturais. Essa inter-relação, em contextos específicos, motiva a fixação de padrões gramaticais (Furtado da Cunha *et al.*, 2013). Nessa visão, assumida da Linguística Cognitiva, a categorização, a organização conceptual e a experiência humana estão vinculadas às construções linguísticas, ou seja, as unidades da língua (forma e significado) são estabelecidas a partir do processo cognitivo mais básico: a categorização (Bybee, 2016). O processamento linguístico, nesse sentido, realizado para a comunicação intercorre da mesma maneira que as demais habilidades cognitivas humanas. Admite-se com isso que as línguas são moldadas pelos princípios cognitivos e pela interação discursiva, uma vez que as estruturas refletem o funcionamento da mente dos falantes inseridos em um espaço sociocultural, bem como as experiências armazenadas na memória. Sob essa perspectiva, a estrutura linguística é, então,

resultado emergente da aplicação repetida dos processos de domínio geral. Junto aos processos cognitivos, trajetória contínua de mudança fornecem explicações para os fatos linguísticos, considerando os efeitos de frequência de uso, os contextos discursivos e as inferências pragmáticas que estão presentes da interação comunicativa.

Assim, fatores como gradiência e variação identificados nas análises linguísticas fazem com que a língua seja considerada um sistema adaptativo complexo (Hopper, 1987; Bybee, 2016). Dessa forma, esses processos revelam uma aparente instabilidade e regularidade da língua e são compreendidos pela LFCU como motivados pelas práticas discursivas entre os falantes e envolve habilidades cognitivas.

Com essa visão de emergência das estruturas, a teoria assume a concepção de gramática “[...] como uma rede conceptual de construções linguísticas, pareamentos simbólicos de forma-sentido, que formam o *constructicon* de uma língua” (Cezário; Júnior, 2020, p. 7). Nessa proposição, a gramática, para LFCU, é uma rede hierárquica em que são distribuídos os esquemas (nível mais abstrato); subesquemas (nível mais específico) e microconstruções (*types* mais específicos) (Croft, 2001). Com essa proposta, tem-se um rearranjo dos polos forma > função, propostos pelo Funcionalismo Clássico, para a forma < > função, tal como postulado pela abordagem construcionista, em que a forma também influencia a constituição e a função dos componentes linguísticos e vice-versa. Assim, essa reorganização contribui, metodologicamente, para dar conta dos eixos hierarquizados propostos por Traugott e Trousdale (2021).

Como se vê nessa perspectiva de pareamento forma-função, o conteúdo sintático e semântico da construção é analisado de forma indissociável. Nesse ponto de vista, a LFCU propõe a não distinção entre léxico e gramática. Na interpretação de Goldberg (1995), a diferença entre construções lexicais e construções gramaticais refere-se ao grau de complexidade interna de cada uma delas. Para LFCU, a distinção entre eles mantém-se em termos prototípicos: o léxico é definido “[...] como conjunto de categorias da língua de sentido referencial, e a gramática, como conjunto de categorias da língua de sentido procedural” (Oliveira; Wiedemer, 2019, p. 2). Nesse sentido, quando falamos, extraímos do léxico itens lexicais ou construções que fornecem, cada um deles, um significado e os moldamos de forma lexicalizada, inovadora ou idiomática. As construções, então, emergem de um processo de categorização, baseadas em instâncias apreendidas do repertório linguístico do falante (Furtado da Cunha *et al.*, 2013).

Sob a perspectiva da LFCU, devemos focar não nas estruturas em si, mas nos processos que as criam e permitem a inovação. Busca-se propriedades universais linguísticas relacionadas

à cognição humana, como os processos cognitivos responsáveis pela trajetória de gramaticalização, que gera novas construções gramaticais, como a passagem do verbo pleno *ir* (sentido espacial) a um auxiliar (sentido temporal) que designa tempo futuro.

Com propósito de contextualização, apresentamos as teorias, e, agora, descrevemos nas subseções seguintes os conceitos²⁶ que permeiam o uso da língua, tais como 3.3.1.1 iconicidade; 3.3.1.2 marcação; 3.3.1.3 categorização; 3.3.1.4 *chunking*; 3.3.1.5 mecanismos de mudança semântica: metáfora e metonímia.

3.3.1.1 Iconicidade

Entre os processos que influenciam a variação e mudança da língua, podemos tratar da iconicidade. Esse princípio implica na relação (não arbitrária) entre forma e função, considerando que existe uma motivação para a linguagem. Na visão funcionalista, algumas palavras, ao longo do tempo, sofrem alterações que se distanciam do seu sentido original e passam a exercer uma nova função semântica. Como, por exemplo, o verbo *ir*, que, apesar de preservar seu sentido original de deslocamento, por diversas motivações, passa a atuar como verbo auxiliar da expressão do futuro. Essa construção apresenta essa ligação entre forma e conteúdo e é moldada a partir das condições de uso, por isso, pode ser considerada motivada.

Outras construções, como mesa, cadeira, entre outras, podem ser consideradas arbitrárias, pois não possuem nenhuma relação transparente entre a forma e o conteúdo/ sentido e o som. É nessa visão de arbitrariedade que a língua, para o Estruturalismo, é um sistema autônomo, convencionado socialmente e definido por suas relações internas. Existente na coletividade, a língua, para Saussure (1916), é uma espécie de acordo entre os falantes. Dessa forma, não se pode fazer da língua o que quiser, pois é um elemento histórico, herdado socialmente.

No entanto, quando tratamos da estruturação dos enunciados, da criação de novas palavras, nos distanciamos do foco da noção *arbitrariedade do signo linguístico* proposto por Saussure (1916) e nos apegamos à observação de mecanismos responsáveis por criar novos materiais para novos referentes. Os funcionalistas consideram o caráter icônico da linguagem, isso quer dizer que, como instituição viva e dinâmica, instável, produto da interação social, a língua não existe por si e em si mesma, como uma estrutura arbitrária, mas sim, em virtude de

²⁶ Muitos dos conceitos presentes na Linguística Funcional Centrada no Uso foram adotados do Funcionalismo Clássico.

motivações e necessidades comunicativa, além de pressões que atuam no discurso. Os falantes não criam novos itens linguísticos, mas tendem a utilizar materiais já existentes na língua, estendendo o sentido das palavras (Areas; Martelotta, 2003, p.19). Para os funcionalistas, tudo que remete a algum tipo de motivação é denominada de *iconicidade*, que, de modo geral, é definida por Givón (1979) como a correlação entre a forma e a função. As estruturas linguísticas são motivadas pela função que exercem.

Segundo Givón (1995), a iconicidade é manifestada em três subprincípios, a saber: (i) quantidade de informação; (ii) grau de integração entre os constituintes da expressão; e (iii) ordenação linear dos conteúdos.

- (i) O subprincípio da quantidade está relacionado ao tamanho da estrutura de uma construção: quanto maior a quantidade de informação, maior a quantidade de formas. A relevância da informação pode motivar a quantidade de formas.
- (ii) O subprincípio da integração considera que a proximidade cognitiva dos elementos indica que tais conteúdos também estarão mais integrados sintaticamente. Quanto mais juntos estão os conteúdos, mais próximas serão as estruturas.
- (iii) O subprincípio da ordenação linear significa que a ordem em que se encontram os elementos linguísticos indica o grau de importância daquele conteúdo. Isso significa que o que ocupa o primeiro lugar no enunciado tende a ser o mais importante.

Como já vimos, para o Funcionalismo, as estruturas linguísticas são icônicas e, por meio da convencionalização, elas se regularizam. Uma vez estabelecida socialmente, distanciam-se dos seus contextos originais. Conforme Rosário (2022), a expressão *salário*, por exemplo, que surgiu por conta da porção de sal que era paga aos soldados de Roma, foi definida como pagamento mensal de um trabalhador. Dessa maneira, consideramos que a arbitrariedade é resultado da sistematização gramatical, perde-se a relação icônica devido à dinâmica comunicativa. Consideramos, portanto, que a arbitrariedade é consequência dessa regularização e desgaste das formas linguísticas. As desinências do futuro do indicativo – *rei, rás, rá, remos, reis, rão* – também é um exemplo de iconicidade. Como já mencionamos anteriormente, essas desinências se convencionalizaram a partir do verbo haver, como: *hei de amar > amar hei > amarei*, e, atualmente, são marcações gramaticais da morfologia verbal do português brasileiro. Essas discussões revelam a existência de motivações de natureza humana que interferem na formulação e organização dos elementos linguísticos. Nesse sentido, podemos afirmar que o falante é o próprio agente das transformações da língua e, por isso, a

estrutura linguística pode ser considerada reflexo das propriedades da conceitualização humana do mundo.

3.3.1.2 Marcação

Como já citamos, a frequência de uso e as condições cognitivas humanas processadas durante a interação entre os falantes também refletem nos traços estruturais da língua. Os termos *marcado* e *não marcado* designam a oposição entre dois elementos – é considerado *marcado* quando se tem uma propriedade que é ausente no outro elemento, classificado como *não marcado*. Na categoria morfológica numeral, por exemplo, temos a forma *marcada* (+ plural) *casas*, em oposição a forma *não marcada* (- plural) *casa*. Esse pressuposto, denominado *princípio de marcação*, foi formulado pela Linguística Estrutural, que estabeleceu três critérios para distinguir categorias marcadas e não marcadas, tais como (Furtado da Cunha; Costa; Cezário, 2013).

- (i) Frequência: a estrutura marcada tende a ser a menos recorrente, enquanto a estrutura não marcada é mais utilizada. Como exemplo, temos a colocação do pronome oblíquo átono entre o radical e a desinência das formas de futuro (mesóclise), como *esforçar-me-ei*, em oposição à perífrase, *vou me esforçar*, é marcada, visto que é pouco utilizada.
- (ii) Complexidade estrutural: a estrutura marcada tende a ser mais complexa (morfologicamente, sintaticamente) do que a não marcada. Dessa forma, grosso modo, nos exemplos (a) *Eu vou à UESB* e (b) *Eu vou caminhar até a UESB*, do ponto de vista da complexidade estrutural o exemplo (b) é mais marcado.
- (iii) Complexidade cognitiva: a estrutura marcada é mais complexa cognitivamente em termos de exigência de atenção, esforço mental, entre outros. Como exemplificação de fenômeno marcado, temos o discurso formal, citado por Givón (1995), que requer uma demanda de maior de processamento mental. O enunciado, por exemplo ii (b) *Eu vou caminhar até a UESB*, possui uma maior complexidade estrutural e, assim, pode ser considerado também com uma maior complexidade cognitiva.

Givón (1995) considera que uma estrutura pode ser marcada em um dado contexto e não ser em outro. Por exemplo, a forma sintética do futuro do presente – *falará* – é marcada na linguagem oral, por não ser muito usada na interação verbal. Entretanto, em outro contexto,

como um texto escrito formal, essa estrutura, a rigor, não é marcada, visto que o uso dessa forma linguística é de maior frequência no discurso escrito. Nessas considerações, Givón (1995) admite que a marcação não se limita a categorias linguísticas, mas se expande a outros fenômenos.

3.3.1.3 Categorização

A categorização é um dos principais mecanismos das capacidades cognitivas. De maneira mais abrangente, podemos defini-la como um processo responsável pela identificação, classificação dos conceitos/objetos – provindos da experiência humana e do mundo real – em categorias. A categorização está relacionada à memória, ao armazenamento de informações realizado de forma organizada. Para Ferrari (2011, p.31-31), “podemos agrupar objetos em categorias para falarmos do mundo, mas não podemos criar um número finito de categorias, pois isso acarretaria em sobrecarga em termos de processamento e armazenamento de informações”. Isso revela que a categorização é uma estratégia de economia de informações para nossa memória, uma vez que seria muito laborioso para nosso sistema cognitivo organizar a infinidade de elementos existentes no mundo.

Nas palavras de Ferrari (2011), a categorização é um processo pelo qual agrupamos entidades semelhantes (objetos, pessoas, lugares, entre outros) em classes específicas. Dessa forma, a um conjunto de coisas semelhante atribuímos um nome (Ferrari, 2011, p. 31), ou seja, separamos objetos, animais, etc., de acordo com suas características. A raça de cães nomeada como *yorkshire terrier*, por exemplo, é instituída a partir de características físicas do animal, como: peso corporal; altura média, tipo de pelagem, formato da orelha e do focinho. Com essa classificação, o animal apenas poderá ser considerado *yorkshire terrier* se possuir tais atributos.

Nessa perspectiva, as categorias são conceitualizadas a partir de um protótipo (exemplar), que, culturalmente, é selecionado pela sociedade. Além da experiência cultural envolvida na escolha do membro que servirá como exemplar, os atributos responsáveis pela categorização de um exemplar são: (1) características comuns entre os objetos e (2) a distinção entre os traços. Assim, os membros de uma categoria podem reunir traços mais representativos (exemplar) ou periféricos, que se afastam dos protótipos. Na exemplificação de Bybee (2016), alguns pássaros, como pardal, estão estabelecidos na centralidade, enquanto o pinguim, por apresentar características contrastivas, se localiza à margem do protótipo.

Essa definição de categorização estabelecida no modelo cognitivista é alocada também para os estudos da linguagem. No domínio linguístico, a categorização refere-se à “[...]”

similaridade ou emparelhamento de identidade que ocorre quando palavras e sintagmas, bem como suas partes componentes, são reconhecidos e associados a representações estocadas” (Bybee, 2016, p. 26). Assim, a experiência humana está associada à codificação da linguagem. Subentende-se, então, que, assim como a experiência biofísica é moldável, os protótipos também podem sofrer alterações no decorrer do tempo.

Nesse sentido, as construções (lexicais ou gramaticais) se distribuem num *continuum* categorial e sua localização na cadeia radial depende das propriedades conceituais mais ou menos definidas. Compreende-se, então, da seguinte maneira:

- I. Ao apresentar características bem definidas é parte de uma categoria;
- II. Ao possuir atributos que oscilam entre categorias, situa-se em um ponto intermediário do conjunto, ou seja, nem “[...] todos os membros de uma categoria compartilham todos os traços com outros membros. Pode haver membros centrais que têm todos os traços relevantes, mas também pode haver membros que carecem de certos traços” (Bybee, 2020, p. 338);
- III. Ao conter traços poucos similares ao protótipo, localizar-se nas extremidades, a ponto de ser considerada parte de outra categoria.

Podemos, então, afirmar que a organização das entidades em categorias não apresenta limites rígidos. Essa assertiva pode ser exemplificada com o verbo *ir*, tal como se encontra nos excertos extraídos dos *corpora* orais do PCVC e PPVC:

- (02) É, cada um no seu ca::nt0/ tranquilo assim/ tranquilo, ninguém se mete na vida de ninguê::m, nenhum **vai** na casa do o0tro , cabo (risos). (AAB – PPVC)
- (03) É de um policial que ele, ele se passa por um alcoólatra aí o pessoal pega ele pra levar pra por pra lutar numa <rena> né, pra sobreviver, dizem que quem sobreviver vai **vai ser** livre né? No caso não seria né eles matava0 na arena né? (AAB – PPVC)
- (04) ...tudo que Machado fez nesse livro mas ainda assim eu ainda refiro *eh...* Dom Casmurro que é a história de Bentinho e Capitu e o seu amigo Escobar em que ele se apaixona por Capitu desde criança eles se apaixonam se casam e tal só que aí cheia um moment’ da história que ele começa a desconfiar que Capitu tá traindo ele com Escobar que é o seu melhor amigo então aco... começa a surgir nessa história um lado meio lóco de Bentinho porque assim... e é o que assim mais instiga as pessoas no livro é saber se Capitu traiu ou não é o mistério que o livro deixa no ar e aí leva... só que Bentinho leva o... o... o leitor a acreditar que Capitu traiu porque ele narra que o filho era a cara de Escobar e tal eu terminei o livro detestando Capitu achando que Capitu traiu porque eu me deixei levá pelo narrador, né, por Bentinho só que aí *eh...* depois eu parei pra pensar ele [é]... **vai que** ele era lóco **vai que** esse menino nem parecia com Escobar e tal então assim mostra... acaba mostrando depois de toda essa quest... [a separação] de Bentinho

Capitu *eh...* eles mostram o término de Bentinho uma pessoa solitária por conta das perdas que ele teve por causa dessa obsessão de que Capitu traiu {INIT} livro que me encantou bastante. (CBS – PCVC)

Mediante esses fragmentos, constatar que, no exemplar (02), o *ir* pode ser categorizado como verbo pleno (protótipo), em virtude de se apresentar como predicador, com a função de espacial de deslocamento: *vai na casa*.

Em (03), o *ir* atua como auxiliar de outro verbo no infinitivo; deixa de carregar as características de verbo pleno, e semanticamente, designa tempo futuro. Nesse caso, o *ir* distancia-se do protótipo.

Em (04), *vai que*, o verbo *ir* possui uma relação de dependência com *que* e exprime ideia de suposição/possibilidade. Nesse caso, o *ir* se afasta consideravelmente do protótipo de verbo pleno.

Esses exemplos nos revelam que durante a interação comunicativa, o *ir* passa a assumir, além de da função lexical, funções gramaticais como verbo auxiliar e conector textual. Mostram-nos, ainda, que, do membro central de uma categoria, podem-se emanar, por meio de repetição e convencionalização social, variações, que começam criar, por sua vez, outras categorias (Bybee, 2016). Nesta subseção, apresentamos os conceitos: categorização e prototipicidade, na medida em que podem ser relacionados com os trabalhos de análise linguística, e, nesse sentido, estendemos a exemplificação para dados da nossa pesquisa realizada em 2016, de base sociofuncionalista.

Conforme Silva (2016), foi constatado que as formas analíticas *ir + infinitivo* e a sintética para representação do futuro convivem no português de Vitória da Conquista. Sendo a forma perifrástica a mais utilizada entre os falantes, isto é, é bastante produtiva. Assim, reconhecemos que a frequência pode influenciar a categorização à medida que as construções mais usadas são as mais fortes (mais centrais), como testemunhamos na declaração de Bybee (2016):

Dado que construções são objetos linguísticos não convencionais, e não objetos naturais que inerentemente compartilham características, parece que a frequência de ocorrência pode influenciar significativamente a categorização na língua. Considerando também que usar uma língua é uma questão de acessar representações estocadas, aquelas que são mais fortes (as mais frequentes) são acessadas mais facilmente e podem então, ser mais facilmente usadas como base para a categorização de itens novos. Por causa disso, um exemplar de alta frequência classificado como um membro de uma categoria tende a ser interpretado como um membro central da categoria ou, ao menos, sua maior acessibilidade significa que a categorização pode acontecer com referência a ele (Bybee, 2016, p. 132)

Nessa probabilística, a interação entre as duas dimensões acarretará em uma categoria na qual o membro central será o mais frequente (Bybee, 2016). Como já vimos anteriormente, a categoria é constituída pelo conjunto de traços semelhantes e os componentes mais representativos (exemplar) são os mais centrais. Assim, em torno desse exemplar (prototípico) altamente frequente, outras expressões tendem a ser formadas por meio da analogia com a construção mais frequente. Na visão de Goldberg (2006), a frequência das construções, com o verbo *go* (*ir*), por exemplo, não está apenas relacionada à frequência na língua, mas em virtude de eles serem semanticamente gerais e por poderem ser empregados em um grande número de argumentos.

Então, complementando essa visão de protótipo na constituição de uma categoria, vimos em Furtado da Cunha *et al.* (2013, p.29) que essa prototipicidade envolve tanto a gradualidade quanto a fixidez de determinados traços ou propriedades. Isso significa que as construções podem variar em grau de fixação e esquematicidade, como tratada na subseção 3.1.2.1. Essa esquematicidade pode se referir a traços semânticos, fonéticos, sintáticos ou padrões mais holísticos da construção. Dessa maneira, as construções posicionadas na escala mais baixa podem ser mais fixas (menos esquemáticas), enquanto a posição mais alta pode permitir um grau de variação (mais esquemática). Essas posições esquemáticas nas construções podem resultar no desenvolvimento de categoria de exemplares.

3.3.1.4 *Chunking*

Todos os mecanismos responsáveis pela mudança linguística atuam em conjunto com outros mecanismos particulares de processamento. Na subseção 3.3.1.3, tratamos da categorização e evidenciamos que o uso afeta a estrutura das categorias. Nesta subseção, verificamos que, quando duas ou mais palavras são frequentemente usadas juntas, desenvolvem uma relação sequencial que tem impacto em suas propriedades fonéticas, morfossintáticas e semânticas.

Conforme Bybee (2016), o mecanismo responsável pela formação e pelo uso de sequência de palavras apresentadas como um único bloco é denominado *chunking*. Esse processo emerge porque as construções são usadas de forma repetida seguindo a mesma ordem, conforme encontramos no fragmento (4). Compreendemos, por meio da pesquisa realizada em 2016, que a perífrase utilizada para expressar o futuro tende a seguir a ordem: verbo auxiliar constituído por *ir* + verbo no infinitivo.

Em (04), a construção *vai que* forma um *chunk*, visto que os dois itens são acessados em conjunto. Após “[...] a experiência de algumas repetições de uma sequência de palavras, o cérebro estabelece uma representação (ou exemplar) para aquela sequência como atalho. As palavras na sequência ativarão outros exemplares da mesma palavra” (Bybee, 2016, p. 226). Rotinizada, a construção *ir + x* expandiu o sentido, de auxiliar verbal, com sentido temporal de futuro, passou, em determinados contextos, a exercer também a função modal, atuando como conector, conforme dado (04). A construção *vai que* são duas construções formando uma unidade só (*chunk*), e é estabelecida morfológicamente como uma construção fixa. Essa disposição dos componentes possibilitou uma abstratização, em que o *vai que*, neste contexto, apresenta um valor modal de possibilidade.

Além da repetição, o *chunking* é uma estratégia facilitadora da articulação: *chunks* repetidos tendem a ser fonologicamente reduzidos (Traugott; Trousdale, 2021). Os itens são reduzidos em termos de complexidade estrutural e o grau de vinculação é aumentado.

Ainda nessa visão, se dois ou mais *chunks* são realizados juntos com frequência, um *chunk* maior é constituído. *Chunks* grandes como provérbios e poemas podem ser armazenados na mente dos falantes. No entanto, quanto maior o *chunk*, menos frequente ele será. Dessa forma, *chunks* menores dentro dos maiores permitem a organização hierárquica da estrutura da língua (Bybee, 2016). Nesse sentido, para fins de análise, qualquer construção, desde morfemas ou sequências fonéticas, pode ser considerada um *chunk*, desde convencionalizada na língua por meio da repetição.

Essa formação de *chunk* pelas múltiplas palavras não significa que o falante não tenha conhecimento de cada um dos elementos que o compõem. Ao contrário, é por causa desse reconhecimento, dentro do discurso, que o falante pode acessar uma ou outra construção e a interpretação dos compostos depende do contexto. Nesse sentido, podemos abordar a analisabilidade, que, no parecer de Langacker (1988), é o reconhecimento da colaboração que cada componente dá à conceitualização.

Ao formarem um bloco estrutural único, as construções sofrem mudanças, do ponto de vista morfológico, sintático e semântico. Podemos afirmar que o *ir* ampliou suas funções, ora como verbo auxiliar, ora como conector textual, incorporando novos sentidos mais subjetivos, diferentes do seu significado primário de movimento espacial. Além disso, *vai que* possui os seus componentes indissociáveis, na medida que não há possibilidade de separá-los sob pena de alteração de sentido.

Andrade (2017), em sua tese de doutorado, observou, em textos escritos da *web*, *blogs* em específico, que o uso simultâneo dos dois componentes em uso (*vai ver*) é determinado pelo

contexto. Nesse sentido, além das novas funções de uso que surgem devido a inferências pragmáticas, podemos concordar com Bybee (2016) que dos contextos específicos emergem significados específicos.

3.3.1.5 *Mecanismos de mudança semântica e a natureza discursivo-pragmática da construção*

Feitas as apresentações nas subseções 3.3.1.3 e 3.3.1.4 dos processos cognitivos (categorização e *chunking*) responsáveis pelas formações dos exemplares particulares, a partir de agora, vamos, nesta subseção, abordar alguns mecanismos atuantes na linguagem cotidiana, responsáveis pela mudança de sentido: (inter)subjetividade, metáfora e metonímia, bem como elementos discursivo-pragmáticos envolvidos.

No Funcionalismo, os usos linguísticos podem ser marcados pela subjetividade ou (inter)subjetividade. Podemos afirmar que primeira está relacionada a crenças e perspectivas assumidas pelo falante/escritor, enquanto a segunda envolve os interlocutores, ouvinte/leitor ou falante/escritor, que negociam o significado na interação. De acordo com Traugott e Dasher (2002), o falante/escritor gera uma mensagem que pode ou não ser compreendida pelo ouvinte/leitor da maneira intencionada. Em alguns casos, o ouvinte/leitor atribui um significado, com objetivo de entender a opinião do falante/escritor. Nesse sentido, a subjetividade se deve à inferência realizada pelo ouvinte/leitor. Essa nova associação de sentido que o ouvinte lida com o emprego inesperado de uma construção linguística em um novo contexto de uso se dá em decorrência do *mismatch*²⁷ entre a ocorrência e o esquema que lhe saciona (Traugott; Dale, 2021). Assim, a repetição desse fenômeno, replicada em uma comunidade linguística, pode levar à mudança, isto é, a convencionalização de um novo pareamento de forma-função. Acreditamos que a perífrase com verbo *ir* no português pode ter surgido por meio de um processo inferencial. Vejamos:

- I. Maria vai à sorveteria tomar sorvete.
- II. Maria vai tomar sorvete

²⁷ *Mismatch* está associada à falta de regulação, a divergência entre as imagens criadas no momento da interação entre falante e interlocutor. *Mismatch* – ocorreria quando não há correspondência entre o significado de cada item particular e o significado do todo. Já o *match* – acontece quando o falante produz, do ponto de vista sintático, uma sequência e o interlocutor, ao compreender o significado de cada item em particular, depreende o significado do todo (Cunha Lacerda; Furtado da Cunha, 2017).

Em (I), temos uso prototípico do verbo *ir*, com a função de deslocamento físico. Maria se movimentou de um lugar para outro. No enunciado (II), não há presença do substantivo *sorveteria* indicando espaço físico. Provavelmente, a inexistência desse elemento locativo, deve-se à redundância, por se referir a uma localização evidente. O uso da perífrase *ir + infinitivo* repetido em uma comunidade de falantes pode ter chegado à convencionalização social. Essas inferências atuantes nas perífrases podem ter levado à perda semântica de movimento espacial, com estabelecimento da função temporal e expansão de categoria. Segundo Traugott e Dasher (2002), a criação desses novos sentidos provém dos processos de (inter)subjetivação. “Isso se dá dessa maneira porque os falantes não baseiam a sua compreensão exclusivamente no material linguístico disponível, mas recorrem às crenças que constroem sobre as intenções e estados mentais de seus interlocutores” (Lopes; Rosário, 2023, p. 92).

Na inter-relação discursiva, o locutor, então, ao se comunicar, não procura somente informar, tem-se a intenção de alterar o conhecimento, a ação do interlocutor. Nessa interação, o falante supõe que o ouvinte tenha um repertório suficiente de informações, que provém das experiências vivenciadas, para poder realizar a negociação de sentidos e, assim, monitorar qual tipo de visão quer imprimir. Desse modo, um dos referentes voltados para aplicação do *status* da informatividade é a categoria inferível, que corresponde ao processo de inferência, realizado a partir da ativação de informações presentes na memória do interlocutor. Em suma, “a noção de informatividade refere-se ao conteúdo que os interlocutores compartilham, ou supõem compartilhar, no momento da interação verbal” (Furtado da Cunha; Bispo; Silva, 2013, p. 26).

Esses mecanismos são imprescindíveis no processamento cognitivo e desempenha um papel importante na gramaticalização. Baseada na experiência sensório-motor dos falantes, a metáfora, mediante processo de inferenciação, licencia o uso de um item lexical para uma significação mais abstrata, que passar a assumir função gramatical. (Heine *et al.*, 1991). Sendo assim, a essência de metáfora não está em criar novas construções, mas, sim, em utilizar novos significados para as formas já existentes na língua. Devido essa extensão de sentido, para as pesquisas baseadas no uso, a metáfora é um processo cognitivo estritamente associado à gramaticalização, uma vez que os itens lexicais, em um processo de abstratização, vão incorporando novas funções, mais complexas e mais abstratas.

Na visão de Heine *et al.* (1991), a transferência de sentido por meio do processo da gramaticalização não se restringe apenas à metaforização. A escala de abstratização envolve ainda a metonímia, seguida dos fatores contextuais linguístico e extralinguístico. E nessa escala de transição, lenta e discreta, das categorias conceptuais, as funções em um determinado

momento coexistem, como acontece com as formas de futuro sintética e analítica, constituída com o verbo *ir*. A princípio, conforme Neves (2004), há uma reinterpretação, que é resultado de uma ambiguidade. Logo após, essa fase de ambivalência é superada, quando o uso da construção, via repetição, tem sua função transparente e convencionalizada como novo uso. Ou seja, na medida que a frequência de uso aumenta, a construção perde seus traços semânticos primários e se torna regular.

No fragmento (05), evidenciamos que *vai ver* indica uma noção abstrata temporal futura e, concomitantemente, sugere uma concretude espacial.

(05) Eu não gosto do Natal porque eu acho um... um... uma época extremamente hipócrita, eu acho, particularmente, entendeu? Tirando o fato de que você se lembra que Jesus nasceu e isso pra mim é maravilhoso e que... na minha... na minha concepção assim de história não é comprovado que Jesus nasceu em dezembro, né, a gente sabe que é uma data comercial, é uma data assim que não me traz alegria nenhuma, eu num tenho muitos parentes... assim... próximos... eu tenho mais amigos, né, eu acho assim, pra mim é uma falsidade você passar o ano inteiro num dá um abraço numa pessoa e chega no final de ano todo mundo se abraça... eu te amo, feliz Natal... feliz Natal? Eu acho assim, qual é o... é... é... a... o significado do Natal? Embora assim Jesus não tenha nascido nessa época do ano comprovadamente, né, embora não comprava isso com certeza, mas eu acho assim já que tem uma data pra ser lembrada, a gente não se lembra disso, não comemora o nascimento de Cristo mesmo, a felicidade que é, a alegria que é, o prazer que é ter tido um rei em forma de homem que salvasse a humanidade, então né... podre. A gente não vai pro centro de Vitória da Conquista comprar, comprar, comprar, gastar, gastar, gastar, presentear que você nem conhece direito, fazer amigo secreto, eu acho uma data hipócrita, é por isso que eu num gosto, num aproxima a família, a... a... aproximação que se tem é pra você comer naquela noite e depois você nem se lembrar que você só **vai ver** aquela pessoa, tem parentes que eu vejo em final de ano de família no Natal. (DFP – PCVC)

Dessa forma, podemos, então, compreender que, *a priori*, o *ir*, em determinado contexto, se desenvolve “[...]metaforicamente a partir da pressuposição de futuridade que existe no movimento espacial” (Neves, 2004, p. 136). Assim, segundo a autora, conceitos espaciais podem licenciar implicaturas temporais, como perceptível no fragmento (07).

A teoria da relatividade de Einstein confirma que tempo e espaço são uma coisa só, e intuitivamente os seres humanos sabem disso, visto que um deslocamento espacial envolve uma passagem de tempo (Bagno, 2012, p. 617). Não é à toa que dizemos: *de Vitória da Conquista ao Rio de Janeiro são 22 horas de carro*. Com isso, as expressões constituídas pelo verbo *ir* + verbo no infinitivo passaram a ser analisadas pelos falantes como futuridade, favorecendo a metaforização, que parte do espacial/concreto para o temporal/abstrato. Nessa lógica, podemos elucidar a motivação icônica da metáfora. Na definição de Votre (1996, p. 32), “toda metáfora é icônica até certo ponto, uma vez que está baseada num grau de semelhança, ou

compartilhamento semântico entre o significado fundante e o significado derivado”. Isso quer dizer que o processo de transferência metafórica se dá partir de alguma semelhança entre o significado original e o novo. Com isso, podemos dizer que há um vínculo entre o significado novo do *ir* (futuridade, por exemplo) e o significado original (deslocamento). Podemos recuperar a motivação da transferência a partir da função primária do verbo *ir*, em que indica uma locomoção de um ponto a outro, uma possível distância. “Metaforizados, o verbo de movimento passa a significar o trânsito do tempo presente para o futuro. Essas declarações se tornam bastante evidentes quando lançamos nosso olhar para a perífrase *ir* + infinitivo” (Silva, 2016, p. 58).

Além disso, as extensões metafóricas podem enfraquecer os traços semânticos do verbo. Quando os falantes utilizam uma construção com uma nova função, eles adicionam novos contextos na categoria prototípica, fazendo com que não compartilhem os mesmos traços da construção original. Na hipótese de Votre (1996), o item que anteriormente era transparente e icônico, no processo de mudança, torna-se opaco de significado e menos transparente. Além disso, passam a ocorrer em contextos mais genéricos e menos específicos. Por esse ângulo, verificamos que a medida que o *ir* vai para outra categoria, adquirindo outros traços, os traços do seu significado lexical originário começam a se perder, como verificamos em *vai que* empregado no enunciado como conector textual (04).

Na compreensão de Silva (1997), a metáfora não é apenas uma extensão semântica de uma categoria para outra, “[...] mas envolve uma analogia sistêmica e coerente entre a estrutura interna de dois domínios da experiência e, conseqüentemente, todo conhecimento relevante associados aos conceitos e domínios em causa”. Isso quer dizer que os processos metafóricos estão relacionados com a nossa experiência no mundo.

Dessa forma, enquanto a metáfora ocorre em domínios diferentes (domínio fonte e domínio alvo), em que propriedades concretas passam a se referir a propriedades abstratas, a metonímia acontece dentro de um mesmo domínio, “[...] quando um termo para um conceito é usado para um conceito associado” (Bybee, 2020, p. 342). A metonímia se baseia em relações de contiguidade conceitual entre os componentes linguísticos, que estão relacionados na cadeia sintática, ou seja, a metonímia está ligada às relações estruturais da língua, à proximidade de elementos, que, devido essa contiguidade, geram outros componentes, podendo gerar mudanças.

Em determinados contextos, por exemplo, o *ir* pode ocasionar uma ambiguidade estrutural devido à ordenação sintática dos elementos. Em (05), como mencionado anteriormente, o verbo *vai ver* pode indicar movimento espacial e futuro temporal. Assim como

na metáfora, essa reinterpretação, devido á contiguidade do *vai* e do *ver*, gera ambiguidades, motivando, dessa forma, a mudança linguística. Com isso, vimos que a metáfora e a metonímia estão relacionadas, pois, para analisar as relações metonímicas na cadeia sintática, há de se considerar os sentidos derivados da metáfora. Diante desse viés, notamos que não há um limite rígido, separado de análise dos processos metonímicos e metafóricos.

Em suma, podemos dizer que esta subseção retomou os estudos recentes da Linguística Funcional Centrada no Uso, apontando para alguns processos básicos que determinam a estrutura da língua e mecanismos que podem ser responsáveis pela inovação do nosso fenômeno. Dessa forma, apresentamos dados históricos da Gramática de Construções e da Linguística Cognitiva e os conceitos provindos dessas abordagens que, como já vimos, apesar de suas especificidades, compartilham características em comum, que são fundamentais para os modelos baseados no uso. Assim, apresentamos, de forma conclusiva, essas características gerais, tais como:

- (i) a não separação rígida entre o léxico e a gramática;
- (ii) a rejeição à autonomia sintática;
- (iii) a análise da língua baseada no uso;
- (iv) a estrutura serve a funções cognitivas e comunicativas;
- (v) a gramática é emergente.

Esses pressupostos teóricos oferecem compreensão das características próprias da linguagem que nos ajudam a encontrar explicações universais para as inovações linguísticas. Nesses termos, reconhecemos que a LFCU, além de dispor de seus pressupostos específicos, legitimam os da Linguística Cognitiva, da Gramática de Construções e do Funcionalismo Clássico, permitindo uma visão mais holística do fenômeno estudado. À vista disso, tratamos brevemente, no 3.1, da Gramática de Construções, das propriedades da construção, com foco na hierarquia construcional, evidenciando que o uso linguístico frequente tende a servir como modelo para novas formações analógicas (exemplar). Desatacamos, ainda, a mudança construcional, construcionalização e construcionalidade, compreendendo que há algumas propriedades de uso que afetam a estrutura interna do item linguístico, como esquematicidade, produtividade, composicionalidade.

Mais à frente, em 3.2, testemunhamos a visão da Linguística Cognitiva, que presume o desenvolvimento da linguagem a partir da categorização de experiências humana no mundo. Nessa perspectiva, as estruturas linguísticas não são consideradas entidades autônomas, são

compreendidas como manifestações das capacidades cognitivas gerais. A linguagem pode ser arbitrária, sem relação entre palavra e objeto – motivada pelos sentidos envolvidos. Essa teoria evidencia a não separação entre léxico e gramática, tem interesse nas características estruturais da categorização, tais como metáfora, polissemia.

Em consonância com a Linguística Cognitiva, a Gramática de Construções e o Funcionalismo, a LFCU incorpora pressupostos dessas teorias e propõe investigar os fenômenos linguísticos do ponto de vista cognitivo. Dessa maneira, em 3.3, vimos que um dos mecanismos básicos responsáveis pelo agrupamento de constituintes codificados da experiência é o *chunking* e que este processo não é caracterizado apenas pela coesão entre as unidades, mas também pela frequência, contexto, convencionalização social. Tratamos também dos princípios de marcação, da iconicidade e da (inter)subjetividade e projeções metafóricas e metonímicas, uma vez que podem estar envolvidas na produção de sentidos do nosso objeto de estudo. À metáfora está atribuída a polissemia (eixo da função), enquanto a metonímia leva em conta as relações estruturais dos constituintes linguísticos, ocasionando ambiguidade no nível da estrutura (eixo da forma). Em alguns contextos de uso, metáfora e metonímia atuam de forma conjunta e afetam, respectivamente, o sentido e a estrutura. Por vezes, sempre que nos foi possível, estabelecemos um diálogo entre os pressupostos teóricos e nosso objeto de estudo, com exemplos extraídos dos nossos *corpora*, ainda que tal prática antecipasse a seção de análise de dados. Posto isso, na seção 4, nos ocupamos com o delineamento dos procedimentos metodológicos da pesquisa.

4 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

A interface funcionalismo-cognitivismo tem se revelado um campo bastante profícuo, no sentido de conferir maior rigor teórico-metodológico à investigação dos usos linguísticos. Por conta da amplitude dessa abordagem, podemos assumir que a língua constitui um sistema simbólico de pares de forma-função e optar pelo tratamento da análise dos dois níveis da construção (forma e função). Quando se trata de variação e mudança linguística, a LFCU considera que há uma relação estreita entre a estrutura da língua e o uso dela nos contextos de interação. Para Bybee (2016 [2010]), a estrutura da língua é derivada da aplicação repetida de processos cognitivos de domínio geral. Isso significa que a língua é motivada por processos cognitivos e comunicativos. Por isso, ao contrário de uma investigação que privilegia apenas um nível da construção, buscamos dar conta da articulação entre fatores morfossintáticos, semânticos, cognitivos, convencionalizados em contextos pragmáticos-discursivos.

De acordo com Bispo e Lopes (2022), pesquisadores atrelados a LFCU buscam avaliar e identificar fatores de natureza semântico-cognitiva e discursivo pragmática que regulam o uso do fenômeno estudado, atentos ao caráter formal que impulsiona ou bloqueia a regularização do fenômeno. Assim,

Em termos metodológicos, a LFCU tem o compromisso primeiro de lidar com dados da língua em situações efetivas de interação verbal, visto que defende que as formas linguísticas são motivadas por fatores de natureza vária (estruturais, sociocomunicativos, cognitivos e históricos). Esses fatores, em conjunto, atuam de modo diverso nos distintos contextos de comunicação, complementando-se em uns casos e anulando-se em outros. Isso implica a adoção de uma metodologia que considere não apenas a interdependência desses fatores, mas sua atuação contextualmente diferenciada (Lopes; Bispo, 2022, p. 5).

Por conta desse novo campo de pesquisa que abrange a visão da teoria construcional, com as seis propriedades da construção em conjunto (Croft, 2001), os processos cognitivos de domínio geral, as situações efetivas de interação verbal (sociocomunicativa e histórica), podemos encontrar padrões fixos que emergem a partir da frequência e regularidades com que são produzidos na comunidade. Na perspectiva da LFCU, compreendemos que a língua é configurada a partir da interação entre funções cognitivas e comunicativas, e são essas funções que organizam e influenciam o sistema linguístico. Na medida em que as línguas naturais apresentam semelhanças em suas relações gramaticais, como sujeito, objeto direto, objeto

indireto, entre outros, essas correspondências podem ser consideradas resultado dos princípios cognitivos e funcionais (Furtado da Cunha; Bispo, 2023).

Frente a essas concepções, entendemos que o discurso exhibe padrões, e estes podem ser explicados no âmbito da cognição e da comunicação. Assim, em termos metodológicos, investigamos a configuração das estruturas no contexto linguístico e os processos cognitivos e comunicativos subjacentes ao uso. Para isso, utilizamos a metodologia qualitativa, com foco na descrição e interpretação das amostras, e a quantitativa, em termos absolutos e percentuais, com interesse na frequência de uso dos dados selecionados.

De acordo com Rosário e Lopes (2023), o procedimento de análise que associa os métodos quantitativo e qualitativo deve levar em consideração a natureza do objeto e o/os *corpus/corpora*. Então, antes de aplicá-lo, segundo os autores, deve-se observar seis passos:

1. A escolha do objeto. Esta deve ser pensada a partir de um problema concreto de pesquisa, a exemplo de objetos que contradigam descrições gramaticais vigentes;
2. A seleção ou constituição do/dos *corpus/corpora*. Após determinado o objeto, o analista pode escolher um *corpus* já constituído, de livre acesso, ou constituir um *corpus* por meio de uma coleta de textos reais que leve em conta, dentre outros aspectos, a modalidade linguística, os gêneros textuais, o grau de formalidade e/ou a(s) variedade(s) linguística(s) pretendida(s);
3. A revisão de literatura. Este passo consiste em realizar uma apresentação cronológica de trabalhos. Rosário e Lopes (2023) recomendam que, ao trabalhar com a LFCU, na abordagem construcional da gramática, que busca descrever as propriedades formais (fonológicas e morfossintáticas) e funcionais (semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais) das construções, verifiquemos o que outros pesquisadores disseram a respeito dessas propriedades;
4. Análise piloto. Esta análise é construída a partir da seleção e interpretação de uma quantidade de dados. Nesta parte, é onde se aventa hipóteses e são estabelecidos os critérios de análise, com base em duas observações:

(i) a relação entre as propriedades levantadas na revisão de literatura e os dados empíricos de uso, isto é, as conclusões a que os outros estudiosos chegaram sobre o objeto são pertinentes ao uso real da língua? São generalizáveis, a ponto de captar os diferentes usos? Tais conclusões deram conta de captar, de maneira holística, os aspectos formais (fonológicos e morfossintáticos) e funcionais (semânticos, pragmáticos e discursivo-funcionais) das construções? (ii) a relação entre os dados empíricos do uso linguístico e as generalizações teóricas de base cognitivo-funcional, isto é, em que medida as investigações cognitivistas e funcionalistas nos ajudam a

escrever a polissemia e/ou a polifuncionalidade do objeto em estudo?
(Rosário; Lopes, 2023, p. 44)

5. Implementação das hipóteses e planejamento dos fatores de análise. Nesta etapa, a hipótese pode ser um prognóstico de generalizações de uso e das propriedades formais e funcionais das construções, criadas a partir da análise piloto;
6. Análise sistêmica, tabulação de ocorrências e apresentação dos dados. Nesta fase, as ocorrências devem ser submetidas a todos os fatores, de forma sistêmica, com objetivo de confirmar ou não as hipóteses levantadas. É necessário construir um sistema de tabulação.

Seguindo essas etapas, apoiadas na LFCU, selecionamos nosso objeto e buscamos um tratamento mais holístico na investigação. Dessa forma, escolhemos os *corpora* orais já constituído (PPVC e PCVC) e formamos outros *corpora* na modalidade escrita. Recorremos a pesquisas funcionalistas e (sócio)funcionalistas que tratam do nosso objeto e das propriedades da construção proposta de Croft (2001). Na interface com a proposta de construção de Croft (2001), empenhamo-nos com planejamento de dar conta dos dois níveis da construção e aventamos nossas hipóteses. Com propósito de confirmar nossas hipóteses, submetemos nossas ocorrências a uma análise sistêmica.

De modo sucinto, podemos afirmar que nosso objetivo de análise é (i) interpretar e descrever os fatos linguístico a partir das funções que exercem nos contextos de uso; e (ii) identificar as motivações semântico-funcionais, verificando o efeito delas na estrutura.

Dessa forma, partimos para subdivisão dos procedimentos metodológicos, que se encontram em 3 partes, nas quais descrevemos a caracterização geral da pesquisa; os *corpora* utilizados e os procedimentos de análise.

4.1 Caracterização geral da pesquisa

Como já mencionado anteriormente, a língua, na visão de Traugott e Trousdale (2021), é uma rede de construções, de elos entre função e forma, conectados, horizontal e verticalmente, por uma série de relações. Nesse viés, o enfoque da LFCU está na investigação dos padrões de uso linguístico e nos esquemas virtuais que se manifestam a partir desses padrões. Nesse sentido, a emergência das microconstruções pode ser motivada por fatores de diversa natureza: comunicativa, social, cognitiva, pragmática e discursiva. Esses fatores são interdependentes e atuam em diferentes contextos comunicativos.

Desse modo, tendentes pela nossa pergunta, que consiste em, baseadas no esquema radical postulado por Croft (2001), buscar explicar quais os padrões fonético-fonológicos e morfossintáticos das construções com o verbo *ir* na terceira pessoa do presente do indicativo, bem como as motivações semânticas e discursivo-pragmáticas para a emergência dessas construções, retomamos nossas hipóteses nesta subseção, com breve delineamento dos aspectos formais e funcionais do nosso objeto.

- (i) Considerando as propriedades específicas de cada eixo formal e funcional proposto por Croft (2001), conjecturamos que, no plano formal, apesar de o verbo *ir*, em seu sentido prototípico, possuir traços fonológicos e prosódicos individuais, as construções perifrásticas e as expressões idiomáticas constituídas com o *ir* parecem formar uma só unidade fonético-fonológico (*chunking*), em virtude de fatores como frequência de uso e rotinização;
- (ii) Na sua configuração morfossintática, especulamos que a construção com *ir* passa por uma neoanálise, e, conseqüentemente, torna-se pertencente a outra(s) classe(s) hospedeira(s) (*host-class*). Acreditamos que a construção *vai que*, por exemplo, opera como conector e é invariável, enquanto o *ir* na formação da perífrase pode concordar em número (singular e plural) e pessoa (1ª, 2ª, 3ª);
- (iii) Em relação ao fator semântico, do eixo funcional, procuramos compreender o significado de cada subcomponente e a sua contribuição para o sentido total da construção. Assim, nossa hipótese é que as construções acompanhadas pelo *ir* na terceira pessoa do singular, do presente do indicativo apontam para traços temporais de futuro, e esses estão relacionados a um valor modal. Além disso, supomos que há mecanismos metafóricos e metonímicos no uso das construções com *ir*, com sentidos que se distanciam do protótipo/exemplar;
- (iv) No eixo discursivo-pragmático, empenhamo-nos em investigar o nível de formalidade e o fluxo informacional. Aventamos que haja questões como informatividade, inferência, subjetividade, que favorecem as construções formadas com o *ir*.

Diante dessas conjecturas, coube a nós a investigação do nosso fenômeno em um ponto específico do tempo, visto que buscamos a gradiência linguística. Sendo assim, esta pesquisa, do tipo explicativo-descritiva, conforme já mencionamos, pode ser considerada de base empírica, com enfoque no caráter sincrônico, já que as amostras são extraídas em uma única dimensão temporal. O estudo sincrônico, de acordo com Neves (2017), enfatiza a descrição dos

padrões de uso da língua e permite a compreensão da relação entre as inovações e os padrões construcionais.

4.2 Constituição dos *corpora*

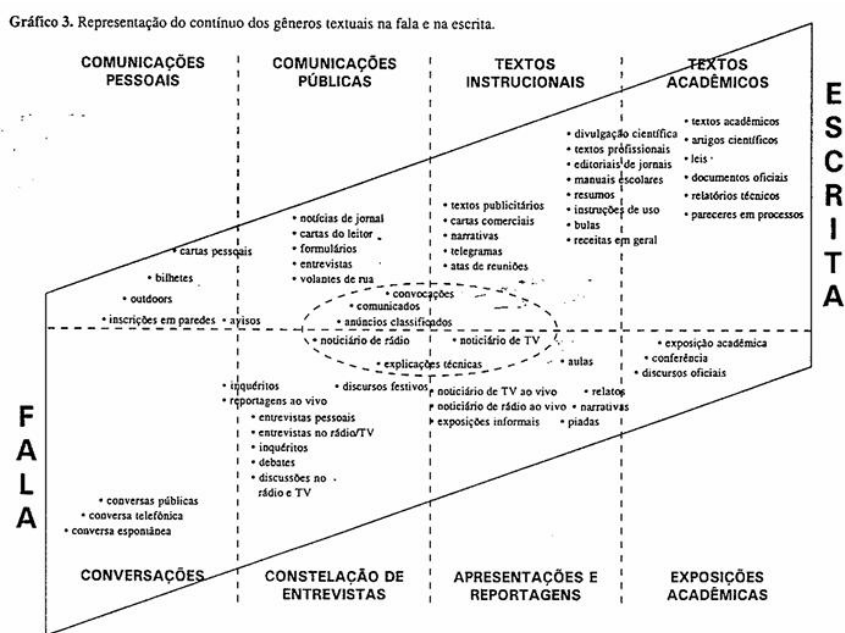
Para alcançar os propósitos desta pesquisa, recorreremos a exemplares de duas modalidades, que, aparentemente, encontram-se em polos distintos da língua: oral e escrita do português brasileiro de Vitória da Conquista- Bahia. Os materiais foram recolhidos no exercício da competência comunicativa dos falantes/ escritores. A competência linguística aqui tratada é a capacidade que os falantes/escritores “têm não apenas de acionar a produtividade da língua (jogar com as restrições), mas também – e primordialmente – de proceder a escolhas comunicativamente adequadas (operar as variáveis dentro do condicionamento ditado pelo próprio processo de produção)” (Neves, 2002, p. 80). Esclarecemos que o material oral, que foi convertido em transcrições, constitui um registro sonoro de uma amostra de falantes da cidade, e o escrito foi extraído de um *Blog* jornalístico e de uma conta do *Instagram* de caráter humorístico.

De acordo com Neves (2002), o sistema, tanto da língua falada quanto da escrita, é o mesmo. Isto é, possuem a mesma gramática e as mesmas regularidades. Entretanto possuem características diferentes, que estão ligadas à implementação das determinações do sistema e às condições de produção. O escrito e o oral se diferem no modo de aquisição, na transmissão e recepção, na organização e nos meios de produção/ de uso. Na mesma linha de pensamento, Marcuschi (2001, p.37) defende que oralidade e escrita fazem parte do mesmo sistema, “as diferenças entre fala e escrita se dão num *continuum* tipológico das práticas sociais de produção textual e não da relação dicotômica de dois pólos opostos”. Estabelecer dicotomias, segundo ele, entre fala e escrita pode ter consequências, como (i) atribuir características negativas em relação à fala e (ii) associar à variação da fala um motivo para a deterioração da língua. Sendo assim, não se pode observar as diferenças e semelhanças entre elas sem levar em consideração seu uso nas práticas sociais. Dessa forma, o tratamento dessas duas modalidades não pode ser centrado apenas no código linguístico. Isso, em suma, significa dizer que as formas devem ser analisadas a partir do uso e das práticas sociais.

De acordo com Marcuschi (2001), as práticas determinam o papel, o lugar e a importância da oralidade e letramento²⁸ em uma sociedade e justificam que relação entre ambas seja colocada num *continuum* sócio-histórico de práticas. Esse *continuum* pode ser compreendido como uma forma de gradação ou mesclagem de oralidade e escrita. A escrita, para o autor, é usada em contextos básicos da vida cotidiana, em paralelo com a oralidade. Esses contextos são variados, como família, trabalho, escola, atividade intelectual etc. Em cada um deles, os objetivos de uso são variados e diferenciados, por isso a relação entre contexto e uso é inevitável, e é, a partir dessa relação, que surgem os diferentes gêneros textuais e formas comunicativas, bem como expressões típicas para determinada situação.

Bebendo da fonte sociointeracionista da linguagem, em que fala e escrita apresentam igualmente propriedades dinâmicas e dialógicas, Marcuschi (2001, p. 41) desenvolve um gráfico em que é representado um contínuo de gêneros nos contextos de fala e escrita. Vejamos.

Figura 5 – Representação do *continuum* de gêneros textuais na fala e na escrita



Fonte: Marcuschi, 2001, p. 41.

²⁸ Citando Street (1995), Marcuschi (2001) define letramento como processo de aprendizagem social e histórica da leitura e da escrita em contextos informais para usos utilitários, por isso é um conjunto de práticas sociais, ou seja, letramentos. Este letramento envolve desde a apropriação da escrita até a participação de um indivíduo não alfabetizado em eventos de letramento, como a identificação de marcas de embalagem e reconhecimento de um ônibus que deve tomar.

O Gráfico em questão ilustra um contínuo de gêneros na fala e na escrita. Vemos uma gradação entre fala e escrita, de maneira que os extremos dos eixos²⁹, na horizontal, mostra maior prevalência ou da fala ou da escrita. Na porção central do contínuo, destacado com um círculo, podemos verificar um entrecruzamento dos gêneros, chamado, por Marcuschi (2001) de gêneros mistos, nos quais se dão as mesclagens entre as modalidades. Um texto oral acadêmico universitário, por exemplo, construído com bastante cautela terá mais semelhança com texto escrito do que uma conversa de bar. É nesse sentido que devemos falar do *continuum* variações entre fala e escrita. Assim, no ponto de vista de Marcuschi (2001), o critério de análise deve ser fundado no *continuum* de gêneros e não na estrita separação entre fala e escrita.

Nesta pesquisa, dividimos a análise entre modalidade oral e escrita como procedimento de metodológico, pois, partilhando da mesma visão de Marcuschi (2001), mostraremos que, apesar de serem textos escritos, em virtude do gênero textual, as modalidades oral e escrita se correlacionam. Do ponto de vista metodológico, acreditamos que os gêneros vão permitir detectar a regularidade de uso das construções em suas condições de produção.

4.2.1 Modalidade oral: corpora PPVC e PCVC

Dessa maneira, investigamos, na modalidade oral, as construções com *ir* nos corpora Português Culto de Vitória da Conquista (PCVC) e Português Popular de Vitória da Conquista (PPVC), organizados pelos pesquisadores do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em (Sócio)Funcionalismo/CNPq – Grupo Janus, vinculado ao Laboratório de Pesquisa em Sociolinguística e em (Sócio)funcionalismo (LAPESF), nos anos de 2011 e 2015, integrado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGLin/UESB). Os *Corpora* foram resultado do Projeto de Pesquisa “Estudos de Fenômenos linguísticos na perspectiva sociofuncionalista a partir da descrição e análise do *Corpus* da comunidade de fala de Vitória da Conquista”, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Valéria Viana Sousa, cadastrado no Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE), número 34221214.9.0000.00552.

Para constituição dos *Corpora*, foram realizadas 48 (quarenta e oito) gravações com informantes de Vitória da Conquista (Ba). *Corpus* do PCVC foi formado por 24 (vinte e quatro) entrevistas concebidas por falantes que tinham 11 (onze) anos ou mais de escolarização. Para a

²⁹ Apesar de incontestável a proposta de Marcuschi (2001) a respeito da não separação rígida entre fala e escrita, ainda há críticas em relação à sua colocação quantos aos extremos eixos, no entanto, essas avaliações não são relevantes para nossa análise.

composição do *Corpus* PPVC, foram entrevistados 24 (vinte e quatro) informantes sem escolaridade ou com até 5 (cinco) anos de escolarização. Resolvemos manter as variáveis extralinguísticas, visto que essas variáveis podem fornecer mais evidências a nossa análise.

Para esta pesquisa, utilizamos as 48 (quarenta e oito) entrevistas (gravações e transcrições) disponíveis. Essas gravações consistem em diálogos entre documentador e informante, com duração média de 60 minutos, e foi transcrita segundo a chave de transcrição elaborada pelo professor Dr. Dante Lucchesi (Projeto Vertentes). Com base em pesquisas, como Silva (2016), assumimos que essa modalidade favorece o uso do nosso objeto.

4.2.2 Modalidade escrita

Quanto à modalidade escrita, extraímos amostras provenientes de um *blog on-line* jornalístico: *www.blogdoanderson.com* e de dois perfis da rede social *on-line Instagram*³⁰: *Conquista Post* e *Partiu Conquista*. Do *blog*, foram coletadas 50 (cinquenta) notícias, durante os meses de junho a agosto de 2022, sobre diferentes temas, desde política nacional a temas sobre a região de Vitória da Conquista. Para essa análise, optamos pela escolha do *blog*, devido à dinamicidade de notícias em curto período de tempo, o que resultaria em um texto escrito muito próximo da língua em uso. Assim, em virtude das condições de produção, acreditamos que esse gênero apresenta características tanto da língua falada quanto da língua escrita, com uso de regras propostas pela Gramática Tradicional.

Quanto ao *Instagram*, foram realizados *prints* de 50 (cinquenta) postagens ou comentários expostos e publicados no *feed notícias* de contas abertas ao público em geral, durante os meses de abril de 2022 a dezembro de 2023. De forma interativa, o responsável pela plataforma *Instagram* publica imagens ou vídeos no espaço denominado *feed*, ou no *stories*, que são publicações temporárias de fotos ou vídeos, com duração de 24 horas. Nessas postagens, o público que visualiza pode comentar, responder perguntas, interagir.

A respeito das contas do *Instagram*, a conta *Partiu Conquista* apresenta um conteúdo humorístico, com críticas a respeito da cidade e regiões circunvizinhas, e *Conquista Post* tem a focalização voltada para divulgação de informações e notícias sobre Vitória da Conquista-BA. A partir do surgimento de novas tecnologias, novos gêneros e novas formas de comunicação vão surgindo, o que favorece o aparecimento de formas inovadoras (mas não completamente

³⁰ De acordo com o site Wikipédia, *Instagram* é uma rede social *on-line* de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários, que permite aplicar filtros digitais e compartilhá-los em uma variedade de serviços de redes sociais.

novas) tanto na oralidade quanto na escrita. Nesse contexto, buscamos em uma sincronia e gênero diferentes sentidos mais abstratos no português contemporâneo.

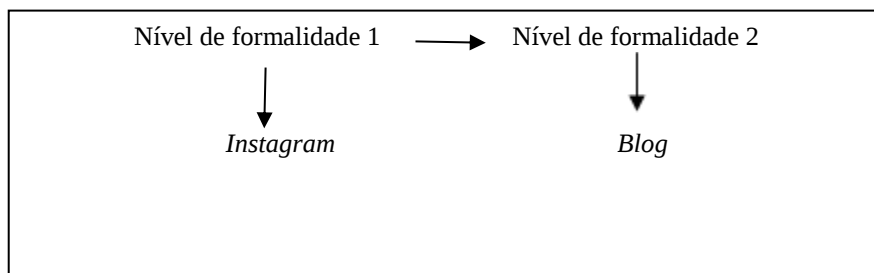
4.3 Procedimentos de análise

Buscando alcançar os objetivos estabelecidos para a pesquisa, com base na literatura da LFCU, recorreremos à língua em contextos reais de comunicação, com vistas a analisá-la em momentos específicos, isto é, em um recorte temporal (sincronia). Sendo assim, esta pesquisa pode ser caracterizada de natureza transversal, visto que os dados não são analisados em uma ordem cronológica longitudinal. Além disso, apoiadas em Sampieri *et al* (1998), afirmamos que esta pesquisa não é de caráter experimental, uma vez que os dados são analisados em seu desenvolvimento natural, sem manipulação da realidade.

Como primeiro procedimento, para coleta das amostras, recorreremos aos *corpora* orais PCVC e PPVC, produzido por meio do gênero entrevista. Nessa modalidade, os falantes constroem o discurso de modo interacional e simultâneo, em que retratam de modo espontâneo momentos vividos. Em seguida, dando continuidade à investigação do fenômeno, optamos pela escolha do *Instagram*, pois acreditamos que nessa ferramenta *on-line* encontramos dados representativos do *continuum* oralidade-escrituralidade. Por fim, com objetivo de verificarmos a distribuição das variantes na modalidade escrita, optamos pelo *blog* jornalístico da cidade de Vitória da Conquista. Nossa hipótese inicial é a de que esse tipo de ferramenta (*blog*) exija um maior grau de formalidade, por se tratar de um gênero textual escrito com tempo de elaboração, de planejamento e de correções gramaticais.

Tanto o *Instagram* quanto o *blog* apresentaram diversos gêneros discursivos. Dessa forma, gêneros textuais foram um fator considerado para seleção das amostras, pois eles indicam graus de formalidade que podem ser motivadores ou não para o uso de ocorrências com o verbo *ir*. Com base em Oliveira (2012), distribuímos, então, esses *corpora* escritos em dois níveis de formalidade. Segundo a autora, a noção de formalidade para elaboração do *continuum* possui três níveis e decorre da perspectiva da variação diafásica. Para esta pesquisa, nós readaptamos a proposta de *continuum* estabelecido por Oliveira (2012), com vistas a esquadrihar os contextos de uso do fenômeno como pode ser observado no Quadro 2.

Quadro 2 – *Continuum* proposto para os dois níveis de formalidade que compõem os *corpora* escritos



Fonte: Adaptação do quadro proposto por Oliveira (2012).

Assumindo que novos usos emergem em contextos comunicativos específicos, avaliamos que os textos do nível de formalidade 1 apresentam uma escrita voltada para oralidade, menos policiada e menos presa à tradição gramatical. Isso se deve ao suporte virtual (*Instagram*) que possibilita uma menor preocupação com os critérios da escrita padrão. O *blog* (próprio do nível de formalidade 2), apesar de serem mais despojadas na escrita dos seus conteúdos, exigem uma maior preocupação com escrita formal. No Quadro 3, organizamos os níveis de formalidade.

Quadro 3 – Organização dos níveis de formalidade

Nível de formalidade	Descrição
Nível de formalidade 1	Opiniões pessoais, críticas, piadas
Nível de formalidade 2	Textos sobre política, saúde e acontecimentos em geral.

Fonte: Autoria própria.

Nos Quadros 2 e 3, são apresentados os níveis de formalidade conforme os gêneros textuais. Comentários, opiniões pessoais, críticas e piadas são próprios do nível de formalidade 1; os textos sobre política, saúde e acontecimentos em geral fazem parte do nível formalidade 2, pois, conforme já mencionado, requerem uma escrita um pouco mais elaborada. Para o desenvolvimento desta pesquisa, recorreremos ao método misto, apresentado na subseção 4.3.1.

4.3.1 Método misto

Desenvolvemos um estudo explicativo-descritivo, tendo como objetivos descrever e analisar as construções gramaticais constituídas pelo *ir*. Para tanto, baseamo-nos na associação

entre as metodologias qualitativa e quantitativa, compreendidas como método misto quali-quantitativo, proposto por Cunha Lacerda (2016). Embora cada campo tenha enfoques distintos, a conjugação desses dois métodos consolidou-se nas pesquisas funcionalistas contemporâneas, com propósito de alcançar resultados mais aprofundados.

Tendo em vista que, para a abordagem da LFCU, a frequência de uso de uma construção já é um recurso explicativo e um elemento propulsor para a implementação da mudança, consideramos os dois procedimentos metodológicos complementares para esta pesquisa. Traugott e Trousdale (2021) fazem uma reflexão da importância da associação das duas abordagens (qualitativa e quantitativa) em estudos de mudança linguística em curso, embora a abordagem construcional da mudança não tenha desenvolvido uma proposta metodológica própria,

Consideramos as abordagens qualitativa e quantitativa como complementares para o estudo da linguística histórica e contemplamos a possibilidade de aproximar as duas abordagens para estudos de mudança da língua em curso, em que a análise da microvariação no nível dos falantes individuais pode ser combinada com a análise quantitativa da macrovariação no nível do grupo social. Esses estudos quantitativos permitem uma abordagem mais pormenorizada da relação entre frequência e fixação e o grau de abstração no qual grupos de falantes parecem organizar seu conhecimento linguístico (Traugott ; Trousdale, 2021[2013], p. 402).

O uso frequente de uma construção demonstra que ela já está estabelecida na mente do falante, e isso pode resultar em uma mudança, um novo nó na rede. Sendo assim, elegemos e definimos a nossa prática de investigação no método misto, a fim de obter uma análise mais ampliada do nosso objeto em estudo. Podemos afirmar que a associação desses dois métodos (qualitativo e quantitativo) colabora para o entendimento sobre a motivação do surgimento de novas construções na língua.

Na visão de Cunha Lacerda (2016), a conjugação desses métodos pode ainda contribuir para que os níveis esquemáticos apontados na abordagem construcional da mudança linguística sejam testados empiricamente. Dessa forma, o tratamento qualitativo consiste em (i) definir o pareamento forma e função no nível da microconstrução, esquema e subesquema e (ii) descrever os contextos de uso que levaram o *ir* a passar por um processo de construcionalização. Dessa forma, do ponto de vista qualitativo, buscamos ainda compreender as motivações da emergência das construções, identificando as relações metafóricas e metonímicas envolvidas na articulação dos sentidos.

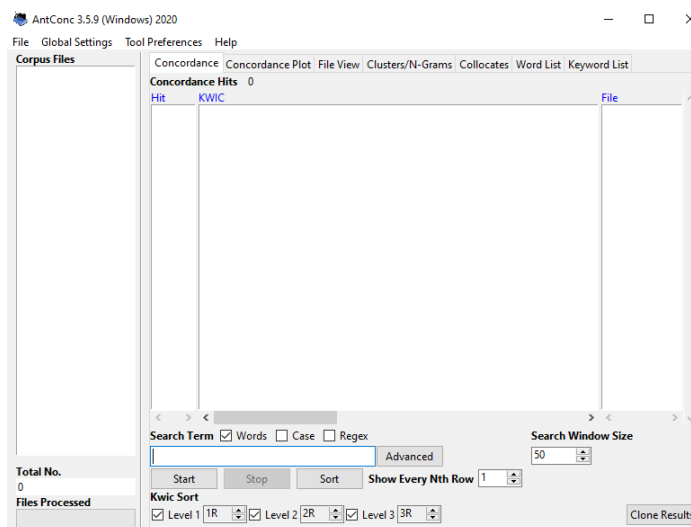
O levantamento da frequência de ocorrência do fenômeno linguístico em estudo, também, é muito importante, pois revela padrões microconstrucionais da língua. A análise de natureza quantitativa dos dados, que se caracteriza pelo uso de técnicas de estatísticas, evita também desvios interpretativos de análise e permite o levantamento das frequências *Token*, que revelam padrões de uso. Dessa forma, em nosso tratamento quantitativo, foi realizado contagem de ocorrências para levantamento da frequência e utilizada a razão centesimal para comparar a frequência das construções encontradas.

A metodologia quantitativa, nesta investigação, contribui, ainda, com a análise das propriedades: esquematicidade e produtividade, visto que estão envolvidos nos estágios de mudança. Então, a partir da perspectiva quantitativa, observamos os graus de esquematicidade que pertencem aos níveis de generalidade ou especificidade. O grau mais geral e abstrato desempenha a função de modelo para o surgimento de outras construções. Verificamos também a produtividade, que está relacionada à frequência de uso: (i) Frequência *Type*, que corresponde ao número de diferentes expressões pertencentes a um padrão; e (ii) Frequência *Token*, que concerne ao número de vezes que a construção aparece em ocorrências.

Dessa forma, podemos alcançar, por meio do processo de quantificação, objetivos, como: (i) compreender a extensão dos níveis hierárquicos da rede, comprovando que, quanto mais esquemático (maior número de *slots*) é um esquema, maior é o número de microconstruções sancionadas; e (ii) constatar que, quanto mais produtivo for uma microconstrução, maior a probabilidade de ela se tornar um exemplar por meio da analogização e, consequentemente, ser responsável por emergir novos padrões microconstrucionais na língua.

À vista disso, utilizamos um sistema operacional desenvolvido por Laurence Anthony, o *AntConc*, programa utilizado no escopo da *Linguística de Corpus*. Esse *software* é uma ferramenta de análise que otimiza a exploração de dados, com técnicas de contagem de frequência e coocorrências. O seu acesso pode ser realizado pelo www.laurencyanthony.net/software/antcont/. Vejamos a Figura 6.

Figura 6 – Entrada do programa *AntConc*



Antes de utilizar o programa, inicialmente, em virtude de o programa aceitar apenas *txt* ou *html*, convertemos (i) as transcrições das amostras de fala dos *corpora* PPVC e PCVC, (ii) os dados do *Instagram* e (iii) as notícias dos *blogs* do formato *word* para *txt*. Para rodada dos dados, configuramos o sistema para o reconhecimento automático de caracteres, como acentuação e cedilha, para que as formas gráficas da escrita brasileira pudessem ser reconhecidas. Assim, para análise das ocorrências, optamos por rodar no programa cada *corpus* separadamente, tanto orais quanto escritos. Posteriormente, devido à semelhança entre os *types* dos *corpora* orais, observamos a não necessidade de separação do português culto e popular. Decidimos, então, alimentar o programa com os *corpora orais* em conjunto.

Realizamos a busca pela construção *vai*, selecionando a aba intitulada *seacher term*. Essa aba permite a digitação da palavra-chave, após isso, o programa apresenta um resultado geral de todas as construções realizadas com *vai*, encontrados nos *corpora* introduzidos no *AntConc*. A partir dos resultados das frequências *type* e *token*, prosseguimos para criação das tabelas com cálculo percentual das amostras das modalidades orais e escritas, para, em seguida, analisarmos qualitativamente as motivações e contextos que justifiquem o uso das construções com o verbo *ir* e os aspectos formais e funcionais.

Em síntese, realizamos, nesta seção, a apresentação da caracterização geral da nossa pesquisa e composição dos *corpora*, partimos para procedimento de análise. Na seção a seguir, estabelecemos um diálogo entre esses pressupostos teóricos e nosso objeto de estudo, com exemplos extraídos dos nossos *corpora*.

5 ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, analisamos as construções gramaticais com o verbo *ir* em dois *corpora*, escritos e orais. Organizamos nossa pesquisa da seguinte forma: primeiramente, optamos pela disjunção da análise de dados orais e escritos para que, além de uma melhor apresentação didática, pudéssemos realizar uma comparação entre os dois usos das construções no português de Vitória da Conquista. Com essa determinação, em 5.1, apresentamos a análise dos *corpora* orais, organizando a seção da seguinte forma: em 5.1.1, identificamos os dados orais do PCVC e PPVC; em 5.1.2, estabelecemos alguns critérios de análise, e, por fim, nas demais subseções, descrevemos os padrões formais (fonético-fonológicos e morfossintáticos), bem como as motivações funcionais (discursivo-pragmáticas e semânticas) implicadas no uso.

Dando continuidade à nossa pesquisa, seguimos para investigação das construções na modalidade escrita, *blog e Instagram* de notícias de Vitória da Conquista. Conforme realizamos na descrição dos *corpora orais*, definimos em 5.2 a identificação dos dados escritos e, em 5.2.1 a 5.2.2, caracterizamos as construções de acordo com as propriedades da forma e da função estabelecidas por Croft (2001). Dessa forma, ambas análises seguem o modelo de construção determinado pela Gramática de Construções Radical, procurando estabelecer as motivações de natureza semântica e formal.

5.1 Análise dos *corpora* orais

5.1.1 Identificação dos dados do PPVC e PCVC

Conforme vimos na seção de metodologia, nossos dados são empíricos, isto é, produzidos em situações reais de comunicação, oriundos de duas modalidades: oral e escrita. Na oral, extraímos 658 (seiscentas e cinquenta e oito) ocorrências dos *corpora* do Português Culto de Vitória da Conquista (PCVC) e Português Popular de Vitória da Conquista (PPVC). A princípio, exibimos duas tabelas com amostras das construções extraídas de português popular e português culto, em razão de o procedimento metodológico de captação das ocorrências ter sido realizado em partes. Contudo, essa fragmentação não é considerável já que encontramos, praticamente, os mesmos *types* nesses *corpora*.

Definimos como variável dependente o verbo *ir* no presente do indicativo, na terceira pessoa do singular. Essa delimitação é realizada em virtude de considerarmos o padrão construcional V_{ir} no presente do indicativo (3^{ap}) + X muito produtivo. Essa produtividade justifica-se pelo

número elevado de *tokens* (658), em contraste com o número limitado de padrão *type* (7). Outra justificativa se concentra no propósito de buscarmos investigar as formas mais abstratas, como *vai que*, em contraste com outras construções menos abstratas do *ir*. Agora, vejamos alguns exemplos dessas construções.

(06) Não, [to']... tem a maioria... a maioria é católica pode contá na... na família assim... e quase não **vai** à igreja... a maioria...é católica e quase num **vai** à igreja, uns ainda **vai**, {ININT} [agora] tem ôtos que quase não vai, é mesmo mais [ni bebedêra, [ni] farra {ININT} [de minha mãe mesmo] é mais ni farra bebeno. (GNB – PPVC)

Em (06), constatamos o *ir* em sua função lexical de deslocamento, enquanto no fragmento (20): *qualquer coisa um lápis vira avião na mão dele, ele vai e cria todo mundo*, o *ir* apresenta um nível mais esvaziado do seu sentido lexical, porém, ainda, carrega um traço que contribui para o significado de toda expressão. Nesse caso, podemos considerar *vai e cria* (V_{ir} Conj V_2) como uma estrutura perifrástica, em razão de que há uma unidade significativa, em que o primeiro elemento desempenha uma função gramatical, e o segundo, adjunto a uma conjunção, desempenha uma função lexical. Argumentamos, ainda, que há uma projeção subjetiva de deslocamento. Essa subjetividade é comumente presente em outras construções perifrásticas de futuro, diferente das construções de futuro morfológico. Isso nos faz compreender que pode haver um padrão gerando novas funções.

Outro fator importante sobre a produtividade do padrão é a sua extensibilidade, visto que possui uma base ampla de componentes no nível microconstrucional. Os membros do padrão são variados no que diz respeito ao pareamento forma-função. Essa diversidade motiva, no contexto em uso, o aumento de subfunções das construções com o *ir*. O fator extensibilidade do padrão $V_{ir} + X$ provém do fundamento de que, uma vez em expansão, o padrão pode tanto agregar novos membros quanto tornar itens antigos mais abstratos. Dessa maneira, concordamos que há uma interação entre produtividade e esquematicidade (Traugott; Trousdale, 2021, p. 116).

Podemos afirmar que a dinamicidade do discurso provoca a possibilidade de criação de novos *types*. Essa afirmação é fundamentada na medida que itens constitutivos de um padrão exibem diferentes níveis de abstração. Devido à perda de composicionalidade, alguns já apresentam características de idiomatidade, como a construção *por aí vai*, em (07). Alegamos que construções menos composicionais são mais complexas estrutural e cognitivamente.

(07) Olha eh... o Natal eu acho interessante como marco emocional, sabe?, é um marco emocional mundial, eu diria a nível de população. Porque geralmente é nessa época que o pessoal costuma pegá e repensá sobre a questão do ôtro, do próximo, né? Infelizmente isso deveria sê algo que acontecesse ao longo do... de todo o ano, né? Mas justa... especificamente no mês de dezembro, né, com a proximidade do Natal, o pessoal tem esse sentimento mais aflorado e é um período que eu acho assim de extrema importância eh... é importante de se participá também do Natal, por conta de que é uma... é realmente como o São João, que tem aquela coisa de movê com a... a... a cultura populá, né, com aquelas... aquelas... aqueles personagens, né, tipo do papai Noel, de rena e **por aí vai**. Tem a coisa do... do religioso que é o... o... o... o suposto aniversário de cristo, eu digo suposto porque eu num sei em que data que ele nasceu, né. Mas... então, aí tem essa coisa da religião e tem a coisa também do artesanato, né, que é onde dá uma movida realmente na economia, que com os enfeites de Natal, a árvore, né, essas... esses símbolos todos, né, do... do Natal. Além da coisa da comida, eu acho super interessante.

Convencionalizado por rotinas cognitivas, o *ir* ganha sentidos mais abstratos durante as interações comunicativas, isso motiva a especialização de sentidos funcionais das construções, conforme verificamos nas amostras (08) e (09).

(08) Uma coisa que as pessoas visam bastante eh... saúde, saúde, saúde, saúde. Sim, saúde e melhorias de eh moradia tal, mas uma coisa que a gente deve investir pesado mesmo é em educação. Com educação eu acho que a gente consegue chegá a quase todos os patamares que realmente tem necessidade. A China mesmo... em caso de... a China ou o Japão, se eu num me engano, tava leno sobre isso, eh... o número de acidentes que reduz... de carro lá reduziram a zero. Eram nove, dez por dia, reduziram a zero, porque investiram em educação, entendeu? Educação é o foco. Pode investir... pode investir... pode investir muito bem em saúde... eh pode... pode sim. Investe em saúde, investe, investe, investe, mas sempre **vai tê** doentes.

(09) [...] E a FAINÓ só tá se importano com o dinhêro que você tem pra investi dentro daquela universidade, apenas isso. Eu ti... eu, não só pelo... pelo fato de não tê gostado da... da universidade, de me senti preso lá detro, num me senti bem naquele lugá, e aliado ao fato de que eu num tinha liberdade porque o contrato do... do PROUNI falava claramente assim, se... que o PROUNI só pagava pelas matérias que tivessem na grade, aí por exemplo se eu repetisse alguma... se eu perdesse alguma matéria no decorrê do curso, eh... las... lasque-se você Laelson, porque você **vai tê** que pagá pra repeti a matéria, aí pagá a matéria na FAINÓ é um rôbo, uma matéria oitocentos e noventa e oito reais, que era o... era o preço exatamente da... do... da... do curso todo por mês.

Nas amostras (08) e (09) extraídas dos *corpora* orais de Vitória da Conquista, asseveramos que devido à dinamicidade do discurso, novos arranjos de frequência *type* podem ser criados, uma vez que o padrão construcional recruta novas funções discursivo-pragmáticas mais especializadas, muitas vezes, com sentidos metafóricos inferidos. Em (08), podemos constatar que a construção *vai ter* é constituída de dois verbos: o *ir* (V_{ir}) manifestado como auxiliar e o *ter* (V₂), que apresenta o sentido original de possuir. Assim, essa construção, no

contexto (08), veicula o sentido de futuridade, de possibilidade, e poderia, por exemplo, ser substituída pelo futuro simples *terá*. Já a amostra (09), constituída, também, por *ir* (V_{ir}) + *ter* (V₂), o sentido da construção não é gerado pela herança lexical do verbo *ter*. A forma dessa construção é recrutada, mas com regulação de significado, negociado no sentido do contexto. O verbo *ter* acompanhado do *que* pode ser interpretado, juntamente com sentido de tempo futuro, como obrigação. Do ponto de vista semântico, a diferença de significado entre as sentenças está no fato de a modalização expressa pelo verbo principal instituir diferentes proposições. Apresentemos mais algumas amostras encontradas nos *corpora*:

(10) Porque se fo... se o governo trabalhasse em cima da criminalidade abatia muito. De primêro um... um... uma criança de catorze ano podia trabalhá, podia ir pr'uma oficina, podia lavá um carro, olhá um carro... hoje se eles pegá uma criança de catorze anos fazeno isso, é crime, os pai **vai** pra cadêa. E nisso que a criança se revolta. “Ah, eu num posso trabalhá então eu vô usá droga.” E acaba entrano no mei das droga.

(11) [...] Agora se você conscientizá as pessoas, como é a área minha que eu faço, ININT conscientizá pra num acontecê, educá **vai reduzir** o número de pessoas que **vai procurá** o hospital. Por exemplo, na minha área tem que... tem que educá o cara, desculpa a expressão, educá o indivíduo, a pessoa a não se acidentá, falá “Oh, tem que sê assim, assim, assim, assim. Se você seguir dessa forma nada **vai acontecê** com você.” Mas se eu não educá? Aí ele vai e tá exposto ao risco, **vai sofrê** um acidente e **vai acabá** ino pra onde? Hospital. Mas se eu investir em educação. Em todas as áreas tal, em educação, educação, as pessoas vão se conscientizá. E num ININT tantos relatos de investimento em educação... eh em saúde, eh moradia. Sim eh são coisas que devem sê investidas realmente, mas primeramente educação, o foco. (JLC – PCVC)

(12) [...] eu terminei o livro detestando Capitu achando que Capitu traiu porque eu me deixei levá pelo narrador, né, por Bentinho só que aí *eh...* depois eu parei pra pensá ele [é]... **vai que** ele era lôco **vai que** esse menino nem parecia com Escobar e tal então assim mostra... acaba mostrando depois de toda essa quest... [a separação] de Bentinho Capitu *eh...* eles mostram o término de Bentinho uma pessoa solitária por conta das perdas que ele teve por causa dessa obsessão de que Capitu traiu {INIT} livro que me encantou bastante (CBS – PCVC)

É possível observar a existência de diversas variantes com o verbo *ir*. No fragmento (10), constatamos o uso da construção em seu sentido lexical de deslocamento; em (11), o verbo *ir* manifesta-se como uma auxiliar da perífrase, remetendo a um contexto temporal, enquanto o *vai que*, em (12), apresenta uma forte marca de modalidade epistêmica, atuando como operador de possibilidade. Essa ocorrência apresenta-se em menor número nos *corpora orais*, indicando apenas 0,15 % dos dados. Embora esse percentual possa indicar que o *vai que* é uma expressão nova, de baixa frequência, já verificamos, em outros trabalhos, como o de Andrade (2017), que

essa é uma construção de alta frequência na modalidade escrita, liderando em número de ocorrências, oriundas da ferramenta de busca *Google*.

A construção *ir* + verbo no infinitivo, codificando futuridade, já foi objeto de análise na pesquisa de mestrado, na perspectiva (Sócio)funcionalista (Silva, 2016). Neste estudo, pesquisamos construções que não codificam apenas futuridade, mas também assumem outras funções discursivas, como dúvida, suposição, possibilidade, entre outras. Dessa forma, nossa análise será descrita com base em contraste entre amostras.

Heine (1997) explica algumas estratégias que os falantes utilizam para criação de novas estruturas, entre elas, apontamos para as que são especiais para essa tese, a saber: (i) composição e derivação de novas formas com base em outras que já existem; (ii) extensão de uso de expressões já presentes na língua para a representar novos significados, normalmente por meio de transferências metafóricas, metonímicas e analógicas. Assim, com necessidade de serem mais expressivos, os usuários da língua buscam construções já existentes para serem reproduzidas em outros contextos. Com uma visão mais holística da linguagem, buscamos, para efeitos de análise, capturar um padrão que esteja relacionado diretamente com recrutamento de outras construções com o *ir*. De acordo com Heine (1997), os falantes criam novas formas com base em outras existentes para serem reproduzidas em outros contextos, isto é, fazem extensão de uso de expressões já presentes na língua para representar novos significados, normalmente por meio de transferências metafóricas, metonímicas e analógica. Vejamos a Tabela 1 com a representação da frequência *token* e a frequência *type* das microconstruções.

Tabela 1 – Distribuição da frequência *token* e *type* das construções do *Corpus* Português Culto de Vitória da Conquista

<i>Types</i>	<i>Tokens</i>	%
(S) + V _{ir} + V _{inf}	246	75
V _{ir} + Prep + SN	35	10,68
V _{ir}	24	7,32
Pre + Loc + V _{ir}	12	3,66
V _{ir} + Loc	8	2,44
V _{ir} + Que	2	0,6
V _{ir} + De	1	0,3
7	328	

Fonte: Autoria própria.

O levantamento da frequência *token* demonstra que das microconstruções, a que apresenta maior número de ocorrências é a forma constituída pelo *vai* + verbo no infinitivo, representada por (S) + V_{ir} + V_{inf}, com 246 amostras (75%). Em seguida, visualizamos 35

ocorrências (10,68%) se referindo ao verbo em seu contexto lexical ($V_{ir} + \text{Prep} + \text{SN}$). Posteriormente, o uso do *ir* em sua forma intransitiva (sem complemento) aparece com 24 ocorrências (7,32%), seguida da microconstrução *por aí vai* ($\text{Pre} + \text{Loc} + V_{ir}$), com 12 (3,66%) empregos. As microconstruções *vai lá* ($V_{ir} + \text{Loc}$); *vai que* ($(V_{ir} + \text{Que})$) e *vai de* ($V_{ir} + \text{De}$) possuem baixas ocorrências como verificamos na Tabela 1, com respectivamente 8 (2,44%); 2 (0,6%) e 1 (0,3%) de amostras.

Como já mencionado anteriormente, apesar de não ser significativo para nossa análise, preferimos demarcar os *corpora* orais, para posterior adjeção das ocorrências. Vejamos, então, a Tabela 2, com a frequência *token* e a frequência *type* das microconstruções do *Corpus* PPVC.

Tabela 2 – Distribuição da frequência *token* e da frequência *type* das construções do *Corpus*

Português Popular de Vitória da Conquista		
Types	Tokens	%
(S) + $V_{ir} + V_{inf}$	197	59,3
$V_{ir} + \text{Pre} + \text{SN}$	67	20,2
V_{ir}	51	15,4
$V_{ir} + \text{Loc}$	12	3,6
$\text{Pre} + \text{Loc} + V_{ir}$	2	0,6
$V_{ir} + \text{De}$	2	0,6
$V_{ir} + \text{Que}$	1	0,3
7	332	

Fonte: Autoria própria.

Encontramos, no *corpus* do Português Popular de Vitória da Conquista, 332 ocorrências com o verbo *ir* na terceira pessoa do singular, no presente do indicativo (*frequência token*), constituídas por 7 microconstruções (*frequência type*). Sendo as mais produtivas (i) *vai + verbo no infinitivo*, representada por (S) + $V_{ir} + V_{inf}$, com 197 (59,3%) amostras, e (ii) *ir acompanhado de preposição e sintagma nominal* ($V_{ir} + \text{Prep} + \text{SN}$), em seu sentido lexical de deslocamento, correspondendo a 67 (20,2%) ocorrências. Em seguida, observamos 51 (15,4%) construções, em sua forma intransitiva (sem argumentos), posteriormente, visualizamos 12 amostras do esquema $V_{ir} + \text{Loc}$ (verbo + lá), com a frequência de 3,6%, seguida de $\text{Pre} + \text{Loc} + V_{ir}$ (por aí vai), com 2 (0,6%) empregos. Verificamos, também, 2 ocorrências de $V_{ir} + \text{De}$, com sentido lexical de deslocamento (0,6%), e 1 *type* $V_{ir} + \text{Que}$, correspondendo a 0,3 % dos dados.

Comparando os *Corpora*, observamos que os tipos de construções são semelhantes (a frequência *type* das construções do português culto corresponde a 7 *types* e a do português popular, 7 *types*), podendo haver uma diferença semântica durante o uso. Acreditamos que esta frequência esteja diretamente relacionada ao caráter polissêmico de sua subparte nuclear. Isso

pode significar que a distinção entre o *corpus* culto e *corpus* popular não é muito significativa. Ambas ocorrências se inserem do âmbito lexical ao gramatical. Desse modo, apresentamos, em (a), as características em comum dos *corpora* PPVC e PCVC e, em (b), as distinções.

(a) Além da alta produtividade das perífrases ($V_{vai} + V_{inf}$) e do *vai* acompanhado de preposição e sintagma nominal ($V_{vai} + Prep + SN$), ambos *corpora*, apresentam a mesma quantidade de *types*.

(b) Quanto às distinções, o fator nível de escolaridade pode estar influenciando o uso da construção. Observamos que a microconstrução *por aí vai* é mais produtiva no português culto (3,66%). No PPVC, houve uma inversão significativa, com diminuição de uso do *por aí vai* (PPVC – 0,6% e PCVC – 3,66%). Verificamos também a semântica e nível de intergração podem mudar a depender do contexto. Podemos considerar essa microconstrução cristalizada, com *slots* totalmente preenchidos, tendo como função semântico-discursiva a introdução de *status* informacional inferível, ou seja, o interlocutor deixar a critério do ouvinte a conclusão das informações implícitas.

A microconstrução *vai lá* é mais utilizada pelos falantes do português popular (3,6%). Um aumento de 1,2% em comparação ao português culto. Consideramos que os contextos instanciam o esquema $V_{ir} + Loc$, podendo constituir um novo *type*, dada sua funcionalidade adicional. Vejamos os excertos (13) e (14).

(13) Já sim, foi... pra São Paulo que a gente participou de um congresso e... recentemente né, que a gente também foi pro Espírito Santo também participando de um congresso certo? Mais também é... São Paulo também a outros motivos também familiares que... de vez em quando a gente **vai lá**, né, visitá-los ou então eles vêm pra cá, [só isso] (LOF-PCVC)

(14) Pôco por que a gente sab' que... que as meninas quando tem coragem **vai lá** e fala aí mas ôtros os cara nem espera vai e mata hoje a gente vê muito caso assim que num resolve muito não ni alguns casos os homens ficam presos mas quando sai vem e mata a mulher, né, essa segurança que a mulher tem são poucas que consegue e a maioria dos homens eles vêm e mata sem pena são assim possessivos acha que é o don' da mulher e ninguém é don' de ninguém a gente fica até o dia que der cert' ninguém é perfeito, né, e ninguém é pra sempre nada é eterno só Deus então amor de homem o... ou amor de mulher acaba e quand' a gente vê que tá send' maltratada que tá send' pisada tanto o homem quanto a mulher também que a gente sab' que tem mulher também braba, né, mas a gente sab' que num deu certo paciência, né, a vida tá... a gente tem livre arbítrio, né, então a gente pode escolher então que deixe num deu certo deixe que ôtro vai ser feliz ou ôtra, né, mas o pessoal "ah... é minha" tem posse parec' que comprô e pagô e ni... num pod' nem olhá pro lado aí vai tirá a vida ou as vez' tira até a vida dele dêxa filhos ou então mata os filhos, né, então a gente vê que são pôcos caso que cert', né, a lei Maria da Penha espero em Deus que ela seja firme e que vai melhorando mas são pôcos casos, né? (JVB – PCVC)

Na amostra (13), o *ir* exerce função no nível lexical, complementado pelo *lá*, que atua como um elemento anafórico, designando um lugar específico: *São Paulo*. No contexto (14), o *ir* revela uma maior subjetividade, com alto nível de vinculação semântico-sintático com *lá*, que se refere ao espaço inespecífico, implícito. Nesse uso, tanto o locativo *lá*, quanto o elemento verbal nuclear (*ir*) perdem traços de sua categoria prototípica, em favor da constituição de um pareamento de função gramatical, no nível de conexão textual. Podemos considerar que novos sentidos são negociados, no plano interacional, com base em construções já existentes, sendo abstratizados para desempenhar novos propósitos comunicativos. Batoréo (2000, p. 26) declara que o espaço é “considerado um dos domínios mais transparentes e complexos da interdependência da Linguagem e Cognição e que esquemas espaciais são recrutados para esquemas formados por outras expressões de caráter não espacial”. Desse modo, presumimos que $V_{vai} + Loc$, além de desenvolver novo *type*, é instanciado por um esquema maior $V + X$. Outras construções perifrásticas com inferências de futuro, tais como dever/poder, podem fazer parte deste esquema. Como já mencionamos, visto a não necessidade de divisão dos *corpora* PPVC e PCVC, uma vez que possuem os mesmos *types*, apresentamos, na Tabela 3, a união do *corpus* do Português Popular de Vitória da Conquista com o *corpus* do Português Culto de Vitória da Conquista.

Tabela 3 – Distribuição total da frequência *token* e da frequência *type* das construções dos *corpora*, constituído pelo Português Popular e Português Culto de Vitória da Conquista

<i>Types</i>	<i>Tokens</i>	%
(S) + V_{ir} + V_{inf}	443	67,27%
V_{ir} + Prep + SN	102	15,39%
V	75	11,32%
V_{ir} + Loc	20	3,01%
Prep + Loc + V	14	2,11%
V_{ir} + Que	3	0,45%
V_{ir} + De	3	0,45%
7	663	

Fonte: Autoria própria.

Nessa convergência, identificamos 7 *types* provenientes das microconstruções com verbo *ir*. No geral, foram 663 amostras, sendo (i) 443 (67,27% - $[S] + V_{ir} + V_{inf}$) construções com verbo *ir* no presente do indicativo + verbo no infinitivo; (ii) 102 (15,39% - V_{ir} + Prep + SN) dados em que o *ir* atua como lexical, acrescido de preposição e um sintagma nominal; (iii) 75 (11,32% - V) amostras do uso do verbo com significação lexical, em sua forma intransitiva; (iv) 20 (3,01% - V_{ir} + Loc) expressões em que o verbo *ir* acompanha o locativo *lá*; (v) 14 (2,11%

- Prep + Loc + V) ocorrências da expressão cristalizada *por aí vai*; (vi) 3 (0,45% - V_{ir} + Que) usos do operador hipotético *vai que* e (vii) 1 (0,45%) amostra do uso do *vai de*.

No vernáculo em análise, compreendemos que a recorrência de uma estrutura, com certo nível de frequência, passa a esquematizar novas construções, com progressivos graus de abstração. Esses novos usos linguísticos, depois de um determinado tempo, rotinizam-se e se cristalizam na língua. Assim, a partir da visualização dessas frequências, buscamos rastrear um padrão. Entendemos, então, que o V + X é um padrão produtivo esquemático, pois sanciona diferentes formas menos gerais, algumas mais convencionais do que outras, com uso acima de 60%.

Com base nas propriedades da construção, podemos considerar graus de esquematicidade, composicionalidade e produtividade, na medida em que os *slots* podem ser preenchidos com diferentes elementos:

(i) [V_{vai} + X] - a segunda posição da construção pode ser preenchida por uma categoria verbal: qualquer verbo no infinitivo. Podendo ser considerada, então, mais esquemática, mais produtiva, mais composicional;

(ii) [V_{vai} + Prep + SN] – a segunda e terceira posição dos *slots* podem ser preenchidas, respectivamente por uma preposição (pra/para/em) e um sintagma nominal, de conceptualização lexical de referência espacial. Compreendemos que essa construção é mais esquemática, mais composicional e mais produtiva;

(iii) [V_{vai}] - construção atômica (*vai*); menos esquemática, mais produtiva e mais composicional.

(iv) [V_{vai} + Loc] – *slots* fixos, preenchidos por *vai* na sua posição inicial, e a forma locativa (*lá*) na segunda posição. Essa construção é menos esquemática, mais composicional, em alguns contextos, e menos produtiva;

(v) [Pre + Loc + V_{vai}] - *slots* completamente preenchidos pela preposição *por*; locativo *aí*; *ir* conjugado na terceira pessoa do singular, do indicativo, com posição sintática dependente, em que é possível decodificar o significado a partir do todo arranjo sintático. Ou seja, menos composicional, menos esquemática e menos produtiva.

(vi) [V_{vai} + Que] - *slots* completamente preenchidos pelo verbo conjugado *ir* e a conjunção *que*, sendo essa uma construção complexa, menos esquemática e menos composicional e menos produtiva.

Essa constatação nos mostra que é possível defendermos uma organização esquemática para esses padrões microconstrucionais, devido às suas regularidades.

Assentindo isso, investigamos as propriedades das microconstruções que servem de base para a rede esquemática e consideramos os efeitos da frequência de uso. Dessa maneira, apontamos alguns critérios de análise na subseção 5.1.2.

5.1.2 Critérios para análise da construção

Baseadas na orientação funcionalista, em consonância com a Gramática de Construções, em especial, a Gramática de Construções Radial (GCR), que representa a estrutura simbólica de uma construção, podemos afirmar que esta pesquisa situa seu fenômeno de estudo em um domínio complexo, que envolve motivações de natureza diversa. Sendo assim, contemplamos nossa análise nos dois níveis do modelo de Croft (2001), como se apresenta no Quadro (i) formal e (ii) funcional. No nível formal (i), descrevemos as propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas. No nível funcional (ii), observamos as propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcional. Optamos pelo agrupamento de alguns termos, em substituição dos designados por Croft (2001), como pragmático-discursivo e morfossintático, uma vez que estão relacionados, e fonético-fonológico por entendermos que certas construções são ³¹suprasegmentais e que a mudança também pode ter uma motivação de natureza fonética.

Dessarte, no Quadro 4, relatamos os critérios utilizados para descrição das propriedades.

Quadro 4 – Critérios de análise das propriedades o pareamento forma-função das construções

FORMA	Fonético-fonológico	• Componentes mais ou menos encadeados • <i>Chunking</i>
	Morfossintática	• Flexão verbal (formas fixas ou variações flexionais) • <i>Host-class</i> • Mais ou menos composicional
FUNÇÃO	Semântico	• Projeções metafóricas e metonímicas
	Discursivo-pragmática	• Infomatividade • Inferência • (Inter)subjetividade

Fonte: Autoria própria, seguindo as propriedades de Croft (2001).

³¹ Segundo Souza e Santos (2017), as propriedades suprasegmentais têm a função de distinguir itens lexicais. No português, por exemplo, o acento tem uma função distintiva. Dessa forma, em palavras como sabiá, sabia e sabiá, a acentuação distingue o significado delas.

Assim estabelecido, tratamos, da subseção 5.1.2.1 a 5.1.2.1.2, das características das propriedades formais e, da subseção 5.1.2.2 a 5.1.2.2.2, identificamos as propriedades funcionais.

5.1.2.1 Aspectos formais

É sabido que a representação construcional se dá por meio da configuração $[[F] \leftrightarrow [M]]$, em que F diz respeito a forma e M se refere ao eixo do sentido (Traugott, Trousdale, 2021, p.8). Nesse primeiro momento, tratamos do eixo formal, que é caracterizado em termos de sintaxe, morfologia e fonologia.

5.1.2.1.1 Processo fonético-fonológico

Ao tratarem do processo de abstratização, Hopper e Traugott (1993) consideram que a reanálise morfossintática e semântica envolvida no favorecimento das construções que passam a configurar uma única forma significativa, a partir de um processo de amalgamação fonética, envolve a reestruturação de suas fronteiras fonológicas. Discorrendo sobre a propriedade fonológica da sentença, Castilho (2012, p. 248) afirma que as “definições fonológicas aparecem misturadas a considerações sintáticas e semânticas sobre a sentença”. Frente a essas considerações e tendo em vista que esta pesquisa envolve algumas propriedades da construção, analisamos, nesta subseção, o *ir* do ponto de vista fonético-fonológico.

A investigação das alterações fonético-fonológicas requer certa especialização do pesquisador, por isso, em diversos trabalhos de cunho descritivo, esse tipo de análise é deixado de lado. Em nossa pesquisa, porém, não podemos deixar de considerar que segmentos fonológicos estão atrelados a evidências semântica e morfossintáticas. Sendo assim, efetuamos uma análise fundamentas no conceito de *chunk*, observando intuitivamente a realização segmental.

Analisando a construção *diz que*, Casseb-Galvão (2010) afirma que em um ambiente segmental de uso concreto de uma construção, a sílaba tônica recai sobre o verbo e afirma, ainda, que, entre ele e complementizador, há um movimento entonacional que indica uma interrupção significativa. Isso significa que os dois segmentos são pertencentes a grupos entonacionais diferentes. Em uso mais abstrato, esse movimento recai sobre o contexto posterior ao *diz que* [*disk*ⁱ], constituindo um único grupo tonal, ou seja, seus constituintes segmentais possuem uma mesma base significativa (*chunk*). Um dos efeitos do *chunking* na

produção é a sobreposição e a redução dos movimentos articulatórios (Bybee, 2016, p.65). Esses efeitos ocorrem em palavras de alta frequência de uso. Dessa forma, quanto mais usadas, mais expostas aos processos de mudança, e essa mudança avança para outros níveis da construção, como morfossintáticas, semânticas, funções pragmáticas.

Nessa linha de pensamento e com base na hipótese inicial de que o *ir* acompanhado de outro elemento, em contextos mais abstratos, pode ser concebido como um vocábulo único, um *chunk*, descrevemos a seguir contextos que reforçam nossa pressuposição.

Em (15), (17) e (18), entendemos que a construção *ir* é um item lexical pleno, unidade autônoma, com identidade fonológica e traço prosódico individual. Lehman (1991) argumenta que quanto mais autônomo um signo, menos gramaticalizado ele é, e quanto menos autônomo, mais gramaticalizado. Na perífrase (16), mesmo que o *ir*, ao ser utilizado como auxiliar, junto ao verbo *ter*, perde seu significado prototípico, desenvolvendo uma relação sequencial de unidades, não podemos considerá-lo, como *chunk*, visto que a retirada do elemento *ir* não acarretará em consequências semânticas, pois poderíamos utilizar *terá*.

Partindo da premissa de que itens linguísticos que coocorrem em um dado contexto de uso, via repetição, podem passar a ser vistos integradamente como um todo formal e semântico, um *chunk* (Bybee, 2010), podemos considerar (12) um *chunk*; o verbo *ir* e o termo adjacente a ele parecem formar um único vocábulo. Nesse contexto, para ser atribuído um significado, os elementos *vai* e *que* devem ser acessados conjuntamente, formando um único sentido, baseado no contexto de uso. Nesse caso, os componentes são sintaticamente vinculados. Vejamos a seguir os dados extraídos dos *corpora*:

(15) Gosto e eu me sinto útil, porque ali eu sei por eh... um trabalhadô entra na empresa, tá trabalhano ali e eu sei que quando ele **vai** pra casa, que ele passa da portaria, que tá saino bem, eu fiz uma meia parte ali, entendeu? Quando ele tá sob risco ali que eu falo “Não, tá dessa forma”. Dô um treinamento, passo uma palestra, que eu vejo que ele se conscientiza, eu me sinto importante naquela hora, podê prevenir e garantir a integridade física dele. (JLLS -PCVC)

(16) Mas eu não... não, assim, num sei, eu sei que eu vô pensá pequeno, eu tô pensano pequeno acho que eu num quero... eu só quero formá só. Num quero exercê alguma... assim, alguma... professora, professora, eu acho que professora ganha muito pôco, é assim, é muito desvalorizado o professô, né? Não todos, mas eu acho professô ganha muito pôco, pelo que eles faz, ganha muito pôco, eu acho que ganha muito pôco, pelo que ele faz pra guentá uma sala de diabin' igual eu vejo aí... eu não. Aí eu falo assim, depois eu volto atrás, mas se, se eu pensá assim, o futuro dos meus dos meus neto não **vai tê** professô. Mas aí **vai tê** ôtro pessoa que já **vai tê** ôtra cabeça que ININT ao contrário da minha, vai querê ser professô, aí vai ser mais um, mais um... Professora não, professora ganha muito pôco, e sofre muito, né?

(17) A mãe já morreu, morreu quando ele era pequeno, tinha quatro anos, quando a mãe dele morreu. E quem criou ele foi a avó, mas tem cinco anos que a avó dele morreu, que ele chama de mainha. E o pai ele num tem contato com o pai não, o pai dele abandonou ele assim que a mãe morreu, o pai dele largou ele. Ele num tem mãe... num tem mãe, mas também, ele num... num... num vai, num vê não, muito pouco, só vê quando tá doente. Quando ele tava com uma doença lá, aí “Oh seu pai tá doente”, aí ele **vai lá**. (ESP – PPVC)

(18) Titanic... entrei no Titanic e entrei no... [num] daquele que vo', num trenzinho que **vai de** um lugar pra outro (MLSS – PPVC)

As amostras (17); (18) e (20) podem ser caracterizadas, em termos fonológicos, como unidade de identidade própria em termos prosódicos. Ao fazermos uma comparação com os exemplos (09), *vai ter que pagá*, e (12), *vai que era loco*, *vai que esse menino*, notamos que os dados destacados constituem um só vocábulo fonético-fonológico, não podendo mais considerá-los como unidades autônomas. Na visão de Bybee (2020, p. 402), “em todos os níveis de organização, a repetição de cadeias de elementos leva-os a formar amálgamas na representação cognitiva. Os amálgamas são armazenados e acessados juntos”. E à medida que o amálgama (*chunk*) é usado, ele tende a sofrer redução e fusão fonética interna. Constatemos as amostras (21); (22); (23) e (24).

(19) E fui parir, quando eu cheguei lá eu conversei com médico, chorei um bocadinho, falei que eu tive mais um e que no caso já era o terceiro, né, aí ele “Não, cê tá muita nova e...”, e tinha ido com minha mãe, eu falei “Oh mainha a senhora fica aqui”, já tinha levado uma roupa pra mim ficar, “que se o meu..., que se o médico não operar eu vou ficar aqui.”, mainha falou “Não fia que Tião **vai ter** que vir aqui assiná”, que é o meu marido, né, “Tião tem que vim assiná”, eu falei “A senhora assina, que a senhora é minha mãe, melhor que mãe... que mãe, melhor que marido é mãe!” (ESP – PPVC)

(20) Eu acho assim depende muito da criança mas eu acho que *eh...* elas se dão... elas sempre vão encontrar a diversão em alguma coisa tanto as de hoje... claro! Eu acho que as de hoje ficam mais difíceis encontrar diversão num carrinho que você... depende de você pra se movimentar, mas, assim, eu acho, acabam se adaptando por exemplo, também a gente não pode generalizar, porque meu primo... eu tenho um primo que ele... qualquer coisa um lápis vira avião na mão dele, ele vai e cria todo mundo mas nem todas crianças são iguais a ele então eu acho que **vai muito de** criança por criança (CBC – PCVC)

(21) Correto, ele aprende essa questão de... de valores, né? Ele deixa de ver a... a... a... a relação de preço e passa a ver a relação de valor, né, entre as coisas. **E por aí vai**. Então eu acho que, realmente muito válido que realmente as crianças comecem a trabalhar cedo sim. É claro, que seja... que haja uma divisão deste tipo de trabalho que não seja algo estafante, que a pessoa... que a criança não conviva horas dentro daquele ambiente. Não. Mas que... que isso seja presente na vida da criança sim. (OSR – PCVC)

(22) Qué fazê direito, o sonho dele é direito, desde de pequenininho, desde de... meu menino até da pequenininha ela falava assim, quando ela tinha dois anos “Qué ser o que mamãe quando você crescê?”, “Eu quero ser aeomoça.” aeromoça, desde de pequenininha, lá... lá em casa tinha uma fita que o meu irmão gravô, no tempo de fita daquelas fitinha pretinhas assim, gravado ela falano que queria ser aeromoça. Hoje ela... hoje ela qué ser policial, ela qué ser policial, porque ela fala que... que os policiais assim, que ela vê, que tem uns que é abusados, mas também tem uns que valorizado,né? e aí ela... ela... ela diz ela que assim que ela qué ser policial, enquanto ela num... num... o sonho não aparece ôtro sonho pra ela, né, **vai que** lá pra frente aparece, então dêxa esse mesmo, eu só num quero que fique é vagabundo, né? (ESP – PPVC)

Contrário ao que encontramos em dados como o (06), *vai à igreja*, em que o *ir* manifesta-se como construção lexical, verificamos, nos excertos de (19) a (22), que cada uma dessas construções, nos contextos específicos, *vai ter que*; *vai muito de*; *por aí vai*; *vai que*, pode ser classificada como uma só unidade de expressão e sentido. Ademais, elas apenas podem constituir significado se tomadas em conjunto, representando uma cadeia sonora única e cada parte não é interpretada separadamente. Essa integração semântica entre os itens, como *vai que*, no exemplo (22) revela uma indissociabilidade dos componentes na construção, não podendo ser encaixado nenhum item. Diferente do que observamos na amostra (20), *vai de*. Embora, a construção *vai de* apresente um sintagma adverbial de intensidade entre os componentes da construção (*vai muito de*), podemos identificá-la como encadeada semanticamente, considerando-a um *chunk*. De acordo com Bybee (2016, p. 67), os *chunks* não têm de ser contínuos, eles podem ser interrompidos por itens de classes abertas. Em (21), *por aí vai*, pode ser classificada como uma expressão idiomática, altamente integrada, e, portanto, os elementos são bem encadeados, ocasionando em um bloco sonoro único.

Ao referirmos à dimensão de especificidade fonológica, podemos dizer que as microconstruções, no contexto (19) *vai ter*, instanciadas por (S)+ V_{ir} + V_{inf}, podem ser classificadas como abstratas, completamente esquemática, enquanto (22) *vai que*, instanciada por V_{ir} Pres.Ind + QUE pode ser considerada intermediárias, ou seja, têm partes substantivas e esquemáticas.

Podemos, ainda, afirmar que o verbo *ir*, mesmo em construções complexas, pode ser propenso à redução fonético-fonológica, semelhante ao que ocorreu com *going to*. Além da perda de significado, houve redução de quatro sílabas: De *Be going to* para três *Be gonna*. Na constituição das perífrases, o verbo auxiliar tende a sofrer erosão, tornando-se dependente do verbo principal. De acordo com Heine *et al* (1991), a redução fonológica está relacionada à redução do conteúdo semântico. Quanto menor a substância semântica, menor a substância

fonológica. Lehman (1991) afirma que, quanto maior a frequência de um item linguístico, menor é o valor da sua informação; e, quanto menor o valor de uma informação, menor será a quantidade de material fonológico necessário para expressá-la. Registramos ocorrências em que há perda de elemento fonético /i/, como exemplificado em (23).

(23) Eu acredito que hoje em Vitória da Conquista, em relação à rede pública, é muito deixado de lado, muito em segundo plano. No Brasil em si, educação sempre foi em segundo plano, então hoje, em Vitória da Conquista, eu não acredito que seja realmente uma educação de qualidade, que seja responsável para passar pro ... uma coisa legal pra ser passado pro aluno, que lá na frente ele não **vá sentir** deficiência disso, não vai ter dificuldade em relação àquilo, mas é uma educação muito precária, acho que pra melhorar ai mesmo deveria pelo meno'... primeiro, estimular os... os docentes pra que vão passar aquela educação, dá a eles mais qualificação, dá a eles recursos pra que chegue a um certo, não desanime, não deixem de passar. (LCS – PCVC)

Na perífrase, houve uma substituição da conjugação do *ir* no presente do indicativo pelo modo subjuntivo (*vá sentir*). Essa mudança causa uma impressão sonora: o auxiliar parece se transformar em um prefixo, dando origem a estruturas como *vásenti*, formando uma única unidade sonora. Usadas frequentemente juntas o verbo *ir* + verbo no infinitivo ($V_1 + V_2$) são processados como unidade única, constituindo um *chunk*. O *chunking* e erosão fonética, como presenciado em *vá sentir*, estão relacionados à frequência de uso, à produtividade da construção. De acordo com Bybee (2010), a frequência de uso de um item em uma sentença pode influenciar sua representação e gerar uma nova construção.

No futuro românico, como já mencionamos, verificamos que o auxiliar *habeo*, em perífrases com *habeo* + infinitivo, após sofrer redução fonológica e perder seu sentido original, transformou-se em um morfema. Isso significa constatar que o verbo, na perífrase, desenvolveu-se para uma forma sintética, a exemplo de *habeo amare* > *hei de amar* > *amarei*.

Em suma, do ponto de vista formal-funcional, podemos concluir que em contextos específicos, o V_1 se integra cada vez a um componente, com um grau de vinculação aumentado da esquerda para direita, bloco fonológico e tornando-se um novo signo na língua. Algumas dessas formas, de alta frequência, são usadas como base de criação para novas formas. Além disso, vimos que as construções formadas com o verbo *ir* parecem ser tão propensas à variação fonética, visto que algumas ocorrências houve o pagamento do /i/, como observado em (23). Essa redução pode ser um prelúdio a uma mudança que poderá ocorrer mais tarde. Essas mudanças fonéticas, segundo Bybee (2020), apenas acontecem em sintagmas de alta frequência, como nosso fenômeno em estudo. Assim, ainda inseridos nas propriedades formais e compreendendo que a frequência com a qual dois itens coocorrem constitui a base cognitiva

para a morfossintaxe, damos continuidade à análise, na subseção 5.1.2.1.2, com foco na propriedade morfossintática.

5.1.2.1.2 Morfossintaxe

Do ponto de vista morfológico, o paradigma verbal do português oral do Brasil é um processo de redução e expansão, com variações sintética e analítica, que vem acontecendo desde o latim. Atualmente, existem pesquisas, como as de Gibbon (2000) Oliveira (2003), Nunes (2003), Oliveira (2006), Silva (2016), entre outras, que, evidenciam a emergência construções perifrásticas, como as constituídas pelo *ir*, em expansão.

Quando tratamos dos aspectos morfológicos, já havíamos evidenciado em pesquisa anterior (Silva, 2016) que o verbo *ir* atua como item lexical e auxiliar e está sujeito a flexões. Nesta pesquisa, observamos que em outras construções, como (22), *vai que*, não há possibilidade de flexão do verbo. Como comprovação, verifiquemos as seguintes ocorrências:

(24) A gente **vai** pá Porto Seguro pá Arraial D'ajuda pá Coroa Vermelha **vai** pá praia [também] do sul da Bahia, eh Nova Viçosa, essas praia que a gente já foi [que a gente vai] (SJS – PPVC)

(25) Né, então, né, aí no meu caso foi esse, aí foi por isso que eu desisti. O menino meu mesmo já acostumou tanto aqui que num queria ir lá po Padre Palmeira {risos} que achô diferente e num queria estuda. Eu falei não, mas cê tem que concuri o primeiro ano aí, depois **vai prosseguir**. (WSO – PPVC)

(26) Não, meu prime... não, ô meus Deus do céu, minha vida n'era boa assim, como eu tenho hoje não! Oxe! Meu Deus do céu, ham, trabalhei muito em casa do ô't muito, muito, ô meu Deus do céu, trabalhei com uma muié mesmo que, logo assim, quando meu pai morreu, como eu te falei, eu fui trabalhá na casa de uma muié, e ela assim, num deixava eu ir pra casa de minha mãe toda semana, e... e... assim e a gente é muito apegado assim com mainha em casa, a gente é muito apegado com família assim, e pra mim, minha mãe tá acima de tudo! Num tá acima de Deus sabe? Mas tá acima de tudo, acima de trabalho, sei lá, acima de dinheiro, pra mim minha mãe tá acima de tudo, e aí ela num deixava eu vê minha mãe final de semana. “Ah cê **vai vê** sua mãe pra quê? Se sua mãe tem um bocado de filho lá, num vai nem sentir falta de você.”, eu falava pra ela “Só se fô a senhora, que no lugá desse coração tem uma pedra, mais aqui, aqui dentro, bate um coração que é de carne ó, no seu aí de pedra, problema da senhora.”, aí ela falava coisa desaforada, eu falava pois a senhora só me paga meu tempo que eu fiquei aqui, que eu vô mim embora, porque se a senhora... se a senhora precisa do meu trabalho, mas antes do meu trabalho minha mãe precisa de mim lá em casa e aí eu falei pra ela “Num via por causa do dinheiro não.”, falei pra ela, “Eu trabalho porque eu preciso, mas eu num morro com trabalhá não!” (ELC – PPVC)

Em (24), o verbo *ir* opera como uma construção lexical plena e envolve itens morfológicos que podem ser flexionados. Em (25) e (26), a ideia da auxiliaridade do *ir* é evidenciada, com nítido desbotamento (*bleached*) de carga semântica e marca morfológica de tempo/modo de futuro. Conforme alternância do sujeito, tanto verbo *ir*, atuando como pleno em (24), quanto ao auxiliar no exemplo (25) e (26) poderiam ser flexionados em tempo, modo, pessoa e número.

Nessas amostras, a morfologia está presente no verbo *ir* e, ao associar-se a um verbo no infinitivo, revela-se um auxiliar correspondente ao morfema de futuro simples. A variante *vai*, nesse caso, assume uma posição próxima ao verbo, uma vez que a semântica do verbo principal é importante para a semântica do auxiliar. Ou seja, o auxiliar junto ao verbo principal parece formar uma só unidade, não apenas na questão sintática e semântica, mas morfológica, como podemos verificar na correlação entre as sentenças (25) e (25a).

(26a) Né, então, né, aí no meu caso foi esse, aí foi por isso que eu desisti. O menino meu mesmo já acostumou tanto aqui que num queria ir lá po Padre Palmeira {risos} que achô diferente e num queria estuda. Eu falei não, mas cê tem que concruí o primeiro ano aí, depois **prosseguirá**.

Há uma equivalência entre as sentenças (25) e (25a). No evento descrito em (25), o auxiliar *ir* carrega a marcação de tempo verbal, indicando futuro. Essa constatação se faz evidente ao adjungirmos o morfema à base do predador verbal, como em (25a). De acordo com Castilho (2012, p. 393), os morfemas-vocábulos prefixais compreendem verbos auxiliares, como o *ir*, que opera como especificador do sintagma verbal, cujo o núcleo poderão ser as formas nominais: participípio, infinitivo e gerúndio. Essas expressões organizam as perífrases, que expressam o tempo, o aspecto e o modo. Antagônico ao que ocorre com as amostras (20) *vai muito de criança*, (21), *por aí vai*, (23), *vai que*, e (27) *vai vê*.

(27) Um bucado de coisa + Quando eu vô fican0o dent0o de casa ouvin0o no youtube gosto de ficá remedan0o os cara0 cantan0o, a gente pensa que certo, mas **vai vê** não ta cantan0o certo. (LBR – PPVC)

Nessas sentenças (20), (21), (23), (27), respectivamente, *vai muito de*, *por aí vai*, *vai que*, *vai ver*, notamos a perda da base verbal flexional. São nulas as possibilidades de flexão do verbo *ir* nessas construções, mesmo com a substituição do sujeito. Os verbos se manifestam morfológicamente como forma fixa, na terceira pessoa do singular, no presente do indicativo.

Isso nos revela que o *ir*, nesses contextos, não apresenta identidade única, no quesito formal e funcional, ou seja, vinculado a um termo adjacente, o *ir*, em determinados contextos, constitui-se como um bloco formal fechado, não admitindo variações gramaticais. Poderíamos, com isso, afirmar que há uma cristalização morfológica do termo *ir* nessas construções, em determinados contextos.

Assim como o *ir*, do ponto de vista morfológico, apresenta distinções em sua manifestação como auxiliar ou item lexical, percebemos que, no tocantes às propriedades sintáticas, ele também possui características distintas. Na amostra (28), por exemplo, o *ir* configura um sintagma verbal (SV), com omissão do argumento.

(28) Eu falei pro meu marido “Bora juntá uma... uma galinhotinha aí e bora juntá todo mundo.”, minhas menina nunca tinha ido, elas nunca tinha ido, minha menina já tinha ido, ela... ela... ela tinha ido... ela tinha ido, ela tinha um... dois anos e oito meses, mas num lembra, ela num lembrava aí ela fala, que ela num conhece, aí então esse ano a gente foi! Ficô numa alegria, aí eu até falei “Oh Érica, dêxa pra gente ir eh... depois do carnaval que é mais barato.”, ela “Ah mamãe ir é agora, porque senão a senhora fica falano que **vai**... e todo ano a senhora promete pra gente que vai e num... e a senhora nunca **vai**.”, aí esse ano então pra a gente ir... a gente ia alugá uma casa lá por coincidência ou por sorte, a gente conhecia o dono da casa! (ESP – PPVC)

Em outras construções, o *ir* pode ser um núcleo do sintagma verbal (SV), que pode selecionar argumentos, como: (i) [SN] Sujeito-agente e (ii) [SP] Oblíquo direcional³², em uma estrutura sintagmática funcional [S_{sujeito} + V + SP/SN_{oblíquo}], conforme visualizamos na amostra (26), *vai vê sua mãe pra quê?*

(29) Sim. Ele pensava que ela nunca tinha comido. Aí a nega... que nesse tempo o povo tudo tinha nego, né, comprado... aí ele... ela foi e falou pra ele que nunca comeu na vida dela. Aí a nega falô: “Você despede dela e fala que **vai a** uma viagem e num sabe se vem dia depois ou... ou que dia que dá pra ele chegá.” Aí ele escondeu no [sótão], pôco ela: “Nega ININT bem gordo. (ELC – PPVC).

(30) Sempre sai, né. **Vou pra** roça também com ela + quando meus pai vem pra cá e aí ela volta pra lá de novo. Aí, sempre a gente **vai lá** aos finais de semana. (JRS –PPVC)

Ao atuar como item lexical nos enunciados (28), (29) e (30), o *ir* é predador com relações sintáticas com outros membros da sentença, é um sintagma verbal (SV), com

³² Baseadas em Castilho (2012), optamos pelo termo complemento oblíquo. O complemento oblíquo, entre outras características, ocorre mais frequentemente com verbos de movimento. Esse complemento pode manifestar-se como complemento meio adverbial, comutando com um sintagma preposicional complementado por um advérbio dêitico locativo (Castilho, 2012, p. 335).

identidade fonético-fonológico, morfológica e sintática próprias, podendo estabelecer padrões sintáticos. Em (28b) *a senhora fica falano que vai*, a sentença dispõe de (i) um predador – sintagma verbal composto, em que seu núcleo está preenchido por um verbo suporte e um verbo pleno nominal (*fica falano*); (ii) um argumento externo - sujeito (*a senhora*) e (ii) interno (*que vai*). Nessa situação, o *ir* está ligado à conjunção *que*, estabelecendo um vínculo sintático entre eles, instalando um tópico discursivo declarativo. Dizemos que ocorreu uma relação conjuncional (Castilho, 2012), formada por sentenças encaixadas (subordinadas).

No exemplo (29), temos também uma sentença complexa encaixada (*Você despede dela e fala que vai a uma viagem*). A sentença *que vai* está encaixada no sintagma verbal *fala*, estabelecendo uma relação de dependência e constituindo um único tópico de fala. Nesse contexto, *que vai a uma viagem* funciona como argumento interno de *falar*. Podemos considerar *que vai a uma viagem* como uma sentença substantiva argumental (objetiva direta), por estar encabeçada por uma posição sintática preenchida por uma conjunção e por atuar como complementizador. Fragmentando a sentença para analisar o *ir*, temos (i) $\emptyset$ *vai a uma viagem*. Nessa condição, consideramos a estrutura sintagmática [(S) +V + SP/SN_{oblíquo}], em que V_{ir} seleciona dois argumentos: externo (sujeito omitido pelo símbolo $\emptyset$) e interno (complemento oblíquo). Para testarmos se o verbo seleciona um argumento interno, nesse caso o complemento oblíquo, basta comutá-lo por um sintagma preposicional ou trocá-lo por *para isso, disso, para lá*. Com a conversão, temos $\emptyset$ *vai para lá*. Dada a possibilidade de comutação, podemos dizer que o *ir*, nesse contexto, seleciona um complemento oblíquo.

Na amostra (30), *sempre a gente vai lá aos finais de semana*, podemos observar que o verbo seleciona dois argumentos: (i) argumento externo (*a gente*) e (ii) argumento interno oblíquo (*lá*). Em enunciados como (31), (32), (33), o *ir* é um elemento secundário e não possui as mesmas relações sintáticas que (28) e (29). Ele não constitui um sintagma em si mesmo, assim sua função depende da relação sintagmática com os outros componentes da sentença.

(31) [...] eu ingressei na UESB em ... abril... de mil novecentos e oitenta e três, né, já tem trinta e um ano, **vai** completar trinta e dois anos de instituição, mas antes eu... na época assim de estágio, estagiei no Bradesco e trabalhei durante dois anos e meio mais ou menos na concessionária da revendedora da Mercedes Bens, Toyota, Convema [ININT] (JBDF – PCVC)

(32) eu acho assim, mesmo a comunidade de mobilizando eu acharia.... na minha opinião não **vai mudá** muita coisa. (PUGB – PPVC)

(33) [...] mainha já é mais na dela, mainha é mais fechada, minha mãe é mais fechada, agora meu pai, minha mãe fica é com vergonha. Ah.. tá dêxa eu contá uma história que

vocês vão ri... no dia... dia oito de... de janeiro foi o aniversário dele né? Só que aí a gente foi lá dá os parabéns e ele tava bebendo só que ele tava bebendo muito e isso era nove e meia da noite a gente ficou preocupada de vim embora e ele ficou no bar sozinho, aí minha irmã chegou e falou assim, aí minha mãe falou assim "Oh **Peu vai buscar** seu pai". Aí eu falei assim "Oh mãe eu vou me embora, num vou esperar pai não". Aí **Peu** falou assim ""Não Só deixa eu colocá ele pra dentro pra gente ir embora", porque senão ele num vinha, se num for buscá ele num vem, aí moça, tá eu e minha irmã cá na porta sentada e aí vem meu pai e três home' bêbo abraçado {risos} aí quando ele chegou cá em casa né? Aí minha irmã foi lá e falou pra ele, moça, que tava tendo um aniversário cá em casa pra ele vim que tinha uma surpresa, falou que tinha uma surpresa pra ele, quando ele chegou cá disse que era aniversário dele... oh vergonha, viu, e chegou esses três home' começaram cantá parabéns pro meu pai e perguntô cadê o bolo, qual bolo? Num tinha nada pra dá, minha irmã morreu de vergonha e eu num aguentei não, morreu de ri, aí ela foi lá e pegô refrigerante quente e deu pro povo.(SJS – PPVC)

O *ir*, em circunstâncias como em (21), *por aí vai*, e (22), *vai que*, revela sua função sintática se estiver em conjunto com outros membros, formando com eles um bloco sintático não composicional, em que não se é possível analisar unidades individuais. Isso significa que o *ir*, nesses contextos, não pode ser visto como um item sintaticamente autônomo, pois não há preservação de composicionalidade sintática. Contudo, em (33), a relação sintática do *ir* com termos adjacentes é de outra ordem, em virtude de haver uma ambiguidade na sentença. *Vai buscar* pode ser considerada uma construção mais composicional, de modo que o *ir*, mesmo classificado como um elemento periférico, aparenta ser sintaticamente autônomo, pois revela, de modo sutil, um deslocamento de espaço: *Peu* desloca-se para buscar seu pai em um bar. O enunciado também poderia ser expressado sem o uso do *ir*, na forma imperativa *Peu, busque seu pai*.

Para uma melhor compreensão, sumarizamos no Quadro 5 algumas ocorrências que formam ou não um bloco único sintático, configurando para mais ou menos o grau de composicionalidade.

Quadro 5 – Diferenças sintáticas entre as construções com o *ir*

AMOSTRAS	ASPECTO MORFOSSINTÁTICO
• (22) <i>eu acho que vai muito de criança por criança</i> (CBC – PCVC) • (18) <i>num trenzinho que vai de um lugar pra ôtro</i> (MLSS – PPVC)	• Menos composicional • Mais composicional
• (27) [...] <i>mas vai vê não tá cantando certo.</i> (LBR – PPVC) • (26) <i>Ah cê vai vê sua mãe pra quê?</i>	• Menos composicional • Mais composicional
• (08) [...] <i>investe, mas sempre vai tê doentes.</i> • (09) [...] <i>porque você vai tê que pagá pra repeti a matéria.</i>	• Mais composicional • Menos composicional

Fonte: Autoria própria.

Ao identificarmos a autonomia sintática das construções com *ir*, podemos também considerar o grau de composicionalidade. Depreendemos dessas sentenças que, quando o *ir* se apresenta como predicator, pode ser considerado mais composicional, enquanto em sentenças, a exemplo de (19), *vai ter que*; (20), *vai muito de*, (21), *por aí vai*, e (22), *vai que*, a construção não é analisável em suas partes individuais, sua função apenas é depreendida do todo sintático. Em *vai de*, o *ir* manifesta-se como um SV acompanhado de um completo, com sentido de deslocar-se em um trajeto, diverso do que encontramos em *vai muito de*. Nessa construção, apesar de haver um elemento interveniente, podemos referenciá-la como menos composicional, posto que formam um todo sintático. Dessa forma, concordamos com Sambrana (2017, p. 48) ao dizer que quando “forma-sentido da construção encontra-se consolidada no repertório dos falantes e todos compartilham suas significações, traços da propriedade sintática permitem selecionar o sentido que melhor satisfaça a troca comunicativa”. Assim, a partir da amostra do Quadro 5, podemos concluir que a composicionalidade das microconstruções, assim como o fator sintático-semântico dependem mais do contexto envolvido do que da soma das partes.

Conforme Freitag *et al* (2018, p.188) as “[...] mudanças ocorridas no plano morfofossintático afetam as funções semântico-discursiva relacionadas ao verbo, as quais compõem o que conhecemos por domínio funcional complexo de tempo, aspecto e modalidade”. Resumidamente, podemos afirmar que o *ir*, com seu termo adjacente, compõe um par forma-função. Sendo assim, ele afeta não apenas o nível sintático da oração, mas todo

conjunto informacional, estabelecendo vínculos semântico e discursivo-pragmático entre os elementos da sentença. Assim compreendido, partimos para subseção 5.1.2.2 com a análise das propriedades funcionais.

5.1.2.2 Aspectos funcionais

Nesta subseção, aproximando-nos do modelo proposto por Croft (2001), buscamos examinar nosso fenômeno em estudo no que se refere ao polo da função. À vista disso, objetivamos identificar as motivações semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas para o uso dessas construções. Para isso, elegemos os processos metafóricos e metonímicos, uma vez que acreditamos estarem envolvidos no aspecto semântico-cognitivo, e recorreremos à informatividade, nível de formalidade, intersubjetividade, tendo em vista às propriedades discursivo-pragmáticas.

5.1.2.2.1 Aspectos semântico-cognitivos

Já identificamos que as construções com o *ir* podem ser manifestadas em nível lexical, em que o *ir* atua como predicador (SV), com seu sentido prototípico de movimento, deslocamento espacial, e, em sua natureza gramatical, em que opera como auxiliar verbal em uma estrutura perifrástica, indicando tempo futuro, e operador modal. Vejamos os enunciados (34), (35), (36) e (37).

(34) Bem.. São João a gente vai, faz as festas juninas nas casas de parentes, né, ou então a gente viaja, vai pra alguma cidade vizinha que tenha eh... essa festa... ainda existe... Tamile aqui no bair... aqui em alguns bairros de Conquista existe ainda o São João dos Bairros que é um projeto que eles têm né, mais aí são o que... eh... três vezes... no mês de junho... eh.. aí **vai lá**... tipo itinerário... **vai lá** e muda **vai pra** outro bairro é assim... e antigamente não.... era o São João todinho só num bairro só, entendeu? Quando eu disse que era São João... cada bairro tinha o... seu barracão, era assim, fica o mês todo de São João... ali né, mas hoje não é mais itinerário mesmo e eu não acho muito interessante essa forma não. (RFV –PCVC).

(35) sim porque no meu caso que estud'psicologia a gente **vai estudá** a mente das pessoas então é muito interessante descobrir comportamentos.. os modo... por que as pessoas se comportam de determinada manêra po.. o que leva pessoas a... a... as pessoas ficarem traumatizadas coisas que envolvem a mente no geral eu acho bem interessante eu acho bem importante a gente saber tê conhecimento sobre isso. (PGL – PCVC)

(36) Ô eu acho assim... toda criança ela deve ter suas atividades... seu trabalho mais não um trabalho do jeito que é colocado a criança para trabalha fora ni rua ni... num acho que a criança tem que trabalhar... a criança tem que ter eh... obrigações por exemplo a criança tem que sabe que dentro de casa ela tem que ajuda... ela tem que forrar sua cama... ela tem que lava seu prato... ela dependendo do tamanho dela ela **vai ter** que [lavar] um banheiro entendeu? Ela têm obrigações de um ambiente onde ela esta convivendo até ai eu aceito... agora eu não acho justo uma criança de 10,11,12 ate 13 anos ter que trabalha para se sustentar não acho justo isso... eu... eu acho e creio que a criança ela deve... estudá e vivê como criança... entendeu? (SSRS – PCVC)

(37) A pessoa bebe, enche a cara e, quando **vai vê**, pega o automóve' ou a moto ou um carr', cai, atropela um ou ele mesmo se acidenta, então a maioria dessas coisa tê consciência, né? (WSO – PCVC)

Na amostra (34), podemos observar construção lexical *ir*, em sentido de deslocamento, movimento. A informante relata sobre dirigir-se a locais ou cidades vizinhas onde acontece a festa de São João. As demais (35) a (37) são gramaticais que indicam intenção e obrigação. Nessas construções, o *ir* fica desbotado [*blelachead*] de especificidade de significado. Há perda de significado lexical, e o sentido é gerado devido à interpretação que a construção recebe do contexto. Nesse caso, a semântica do verbo principal é importante para o *ir*. Bybee (2020, p .235) citando Haiman (1994) esclarece que quando "um vocábulo ou sintagma é usado repetidamente, nós nos habituamos a ele, e ele perde algo do seu impacto". A frequência de uso do *ir* nas formas perifrásticas, como observado em nossos *corpora*, contribuem para o desbotamento ou generalização. Assim, em (35), o *ir* atua em um contexto de tempo futuro, junto ao valor de intenção. O falante revela seus propósitos, levando em conta a atividade que exercerá profissionalmente, isto é, mostra a intenção de realizar algo no futuro. O valor de movimento é transferido metaforicamente à forma gramaticalizada de movimento temporal abstrato, indicando uma atitude intencional. De acordo com a hipótese da Linguística Cognitiva, as metáforas primárias têm base neuronal, mas estão fundadas na experiência sensorial e motora. Dessa forma, nosso sistema conceptual se desenvolve por meio das percepções possibilitadas pela natureza e pelas especificidades do nosso corpo, na interação com ambiente.

A geração de metáforas conceituais deve-se à capacidade imaginativa da razão humana, uma razão corpórea, no sentido de que as estruturas diretamente significativas para o ser humano derivam de sua experiência corporal. Essa experiência orienta a geração de esquemas de imagens de natureza cinestésica, que têm o corpo como ponto de referência; são esquemas basilares para a formação das demais estruturas cognitivas humanas. Todos esses processos são inconscientes e automáticos em sua origem. Como se disse, as metáforas

conceituais estão presentes em toda experiência humana e encontram-se em diversas formas de discurso (Feltres *et al*, 2014, p.89)

Ao manifestar sua ideia, o falante mapeia dois domínios: o domínio-alvo, que corresponde ao conceito abstrato, e o domínio-fonte, que são as categorias que ele compreende a partir de uma experiência, de base perceptual. Assim, ele associa um domínio ao outro, por meio do estabelecimento de alguma relação, em geral, analógica. A amostra (37) indica um processo de movimento imagético, em que um observador se desloca e presencia um acidente. Em virtude de amostras como essa, podemos afirmar que devido contiguidade do *ir* com outros verbos pode ocorrer uma ambiguidade: (i) com sentido de movimento físico e (ii) servido como auxiliar temporal, e, assim, o falante instituiu o uso da perífrase. Ou seja, por meio de um processo metafórico conceptual, o usuário da língua projetou o *ir*, de um domínio concreto (domínio-origem) para o domínio abstrato (domínio-alvo). Essa é uma maneira de simbolizar nossas conceptualizações do domínio-alvo de uma maneira facilmente apreensível pelo outro.

Destacamos que a motivação para escolha do *ir* para indicar futuridade sucedeu por analogia, em que novos enunciados são gerados com base em experiências já existentes na língua. Desse modo, o falante licencia itens lexicais e contextualiza-os num contexto mais abstrato, que passam a fazer parte do nosso conhecimento gramatical (Heine *et al*, 1991). Por meio de projeções metafóricas, o *ir* segue uma trajetória em que está vinculado ao sentido de deslocamento (concreto), passa para uma noção temporal (abstrata) até adquirir uma função como operador modal (mais abstrata).

Constatamos, também, vinculado ao processo metafórico, a projeção metonímica, que implica uma transferência semântica que se dá por contiguidade entre os elementos. A esse respeito, consideramos que, na cadeia sintagmática, o *ir* se relaciona com os outros elementos envolvidos, no que concerne à interdependência morfossintática e semântica. Na associação conceitual, a noção de movimento por meio do espaço físico inclui um movimento temporal. Nas palavras de Andrade (2017, p. 85), “o deslocamento espacial é perspectivado tendo como figura seu ponto de chegada (que é, na verdade, objetivo principal do trajeto). Pensamos, então, que essa conceitualização, de base metonímica, favoreceu o estabelecimento da metáfora de *ir* como tempo futuro”.

No excerto (35), *vai estudar*, o falante recruta o circunstanciador espacial *ir* (domínio-origem) para colaborar com a representação do evento, voltado para projetar intenções futuras (domínio-alvo). O conceito de contiguidade é instaurado quando o falante aproxima a noção de projeção para codificar intenção. Nesse contexto, é expressada a intenção do sujeito assumindo,

assim, um valor também modal. Em *vai ter*, (35), também encontramos a contiguidade no conceito de projeção, uma vez que o *ir* é estruturado como elemento que indica obrigação. Conforme Bybee (2020), um tipo de metonímia é a sinédoque, em que uma parte de um elemento representa todo o elemento, como constatamos em *vai ter*.

Apesar de a ocorrência *vai de*, encontrada na amostra *vai muito de criança* (22), ter a frequência insuficiente para uma análise, discutiremos brevemente sobre ela, direcionando para resultado de outra pesquisa. Nos termos de Andrade (2017), a construção *vai de* + SN é derivada de *vai depender de* SN/O, que se refere a uma suposição. Dessa forma, a pesquisadora compreende que *vai de* é um *chunk*, nos termos de Bybee (2010), e resultado de uma reorganização sintática e reinterpretação semântica de *Vai depender de* + SN.

Similarmente, em nossa única amostra (20), podemos depreender uma projeção de suposição. No contexto, podemos substituir naturalmente o *vai muito de criança* por *depende muito da criança*. Em outras palavras, podemos afirmar que o falante declara que a diversão *depende* muito da criança.

Assim como defendemos que as construções com o *ir* originaram de processos cognitivos, de forma semelhante acreditamos que o ³³*vai que* é resultado da é uma reinterpretação do ouvinte na interação comunicativa, devido à proximidade dos componentes. Descrevemos, resumidamente, a situação criada por Traugott e Trousdale (2021, p. 169) para exemplificar a circunstância em que o ouvinte cria uma inovação.

- a) O ouvinte interpreta um constructo e o analisa de modo diverso ao que o falante realmente pretendia dizer. Nesse momento, é feito um ajuste para uma melhor correspondência com alguma propriedade de um nó que é diferente do intencionado pelo falante.
- b) Mesmo sem convencionalização, o ouvinte reusa o constructo com novo elo.
- c) Outro ouvinte passa pelo processo similar, a saber: (i) faz uma associação entre a “o novo constructo” com a semântica de uma construção que já existe na rede; (ii) usa partes do constructo em um nicho distribucional particular ou (iii) repete parte de um constructo como um *chunk*. (Traugott; Trousdale, 2013, p.169). Com a frequência de uso, os falantes concordam com a relação convencional entre a forma inicial e o novo significado. Nesse processo ainda não houve a convencionalização.

³³ Certamente, o número baixo das ocorrências do *vai que* seja devido aos *corpora* utilizados. Como já mencionamos anteriormente, há pesquisa que aponta para alto índice de uso do *vai que* como operador hipotético.

- d) Quando as neanálises morfossintática e semântica são convencionalizadas numa comunidade de falantes e uma unidade simbólica é criada, podemos dizer que uma nova microconstrução foi criada (um novo nó). Aqui acontece a construcionalização.
- e) As microconstruções podem ter se expandido e se reorganizado como subesquemas. (Traugott; Trousdale, 2013)

Compreendemos que o fato de o *ir* gramaticalizar-se como marcador temporal de futuro, associado a valores de suposição, intenção, possibilidade expandiu seu uso para outros domínios funcionais, como operador hipotético. Nesse processo de extensão semântica, acreditamos que houve também uma reconfiguração sintática. Consideremos as ocorrências a seguir:

(38) Não viagem nunca que os pais dela não deixam, os pais dela são [é] insuportáveis {ININT} mas eh... às vezes eu chamo ela pra ir lá em casa, ela vai encontrar com os meus pais, a gente fica lá e tal e com a família nos natais eu tento chamá ela pra...pra ir com a gente, às vezes ela vai, às vezes não, mais não do que vai, mas eh minha família conhece ela toda, nos aniversários ela geralmente **vai, que** a família dela não está se reunindo também como no natal, né? (FSLB – PCVC)

(39) É fazendo cortina, as cortina pra prédio, faz cortina pra prédio, pra casa assim, faz pra tudo (risos).É .. que é...é umas máquina que tem...tem seis máquina, a gente vai olhar as máquina, vai botano logo os fios, ai **vai, que** tem as aguias, aí troca, quebra, troca o fio, coloca, ai vai tirano ININT, aí faz as cortina, já... já sai pronta. (JCS – PPVC)

De acordo com Pinto, Alonso, Cezário (2013, p. 51), a posição de um elemento dentro de uma construção pode atrair novos itens para novas funções, com sentido mais especializado. A conjunção *que* evidenciada nos contextos (38) e (39) é explicativa, mas, por estar em contiguidade com o *ir*, pode ocasionar equívocos tanto sonoro quanto semântico. Em (38), apreendemos que a namorada de FSLB não frequenta muito a casa do informante, ela vai ocasionalmente. FSLB usa o *que* como introdutor de uma construção explicativa, para esclarecer o motivo de, às vezes, ela visitar sua residência. No enunciado (39), JCS fala sobre as máquinas que auxiliam na produção de cortinas e explica que as agulhas quebram e precisam ser trocadas. Esses enunciados revelam-nos que a ambiguidade e a contiguidade possam ser a motivação para o uso de construções como (22), que apresenta um alto desgaste semântico entre os itens conjuncionais. Contudo, a escassez de dados obtidos, contabilizados na Tabela 3, torna a análise insuficiente.

Outro fator cognitivo envolvido no processo de extensão semântica é a categorização. Esse processo, no domínio linguístico, concerne à semelhança que ocorre quando componentes, sintagmas são associadas a representações armazenadas (Bybee, 2010). Logo, as categorias podem ser representadas em um *continuum* (com elementos centrais e periféricos por meio de uma rede hierárquica. Muitas dessas categorias se interconectam por meio de relações associativas (por meio de extensão semântica), formando entre si uma rede categorial taxonômica (Goldberg, 2013).

Isso posto identificamos que motivações cognitivas licenciaram o uso do *ir* nas construções analisadas nesta pesquisa e que esses processos de extensão semântica metafórica e metonímica, favorecidos por inferenciação pragmática, envolvem, respectivamente, analogia e reanálise. Então, as construções são neoanalisadas e, dessa maneira, são criadas novas configurações morfossintáticas e novos sentidos.

Na subseção 5.1.2.2.2, consideramos os aspectos discursivo-pragmáticos envolvidos nas construções com o *ir*.

5.1.2.2.2 Aspectos discursivo-pragmáticos

Sabendo que o falante e o contexto discursivo têm um papel importante na constituição da gramática, analisamos, nesta subseção, o aspecto discursivo-pragmático. Assim, para essa investigação, tratamos da informatividade, que se refere ao conteúdo informacional que os interlocutores compartilham; da inferência, que corresponde à criação de realidades semânticas a partir das previamente existentes. O indivíduo utiliza a comunicação para levar algum conteúdo informacional, visando atingir determinados objetivos do interlocutor. Para isso, conta com aparato linguístico e organização textual. De acordo com Martelotta (2003), um dos processos que envolvem a mudança linguística é a ³⁴*pressão por informatividade*. Essa pressão da informatividade favorece o processo inferencial. Assim, na busca pela identificação do propósito comunicativo do falante, o ouvinte, muitas vezes, faz acréscimos de significados. Os falantes não conseguem inserir na comunicação tudo que pretendem expressar, por isso se servem do conhecimento do ouvinte para se fazer entendido. E, do outro lado, o ouvinte empenha-se em extrair o sentido. Assim, em determinados contextos, o “sentido novo pode ser inferido do sentido primeiro, independentemente do valor textual das sentenças envolvidas no processo”. (Martelotta, 2003, p. 66). A intenção também constitui um nível da informação. O

³⁴ Expressão utilizada por Traugott e König (1991)

falante/escritor intenta, ainda que não de uma forma clara, evidente e explícita, produzir no ouvinte/leitor uma determinada crença. Nesse jogo linguístico (inter)subjetivo, tão próprio do processo interativo, usa-se uma construção ou um comportamento específico.

Vejam os seguintes exemplos (40), (41), (42) e (43).

(40) O pai ness' lad' tem que impô limite, olhe, com' é que meio dia, cê **vai sentá** pra almoçá a refeição abençoada, você senta na frent' da televisão e tá lá pra um programa que tem aí a polícia corrend' atrás do... dum... dum bandid', né, e infelizmente ,é bandid' ou então o homem matô a mulher, aí passa aquel' mont' de sangue, aí um... um ôtro estrupand' um adole... uma criança, cê tá ali almoçano é errad', então, ó, na hora do almoç', vamos desligá a televisão, vamo... assiste depois na hora do almoç'. Nas principais refeições não borá sentá ali um pôquinho, nem tod' mund' fica comend' conversand' na hora que tá almoçand', mas é preferível a família sentá pra conversá do que vê a tragédia lá {INIT} na televisão, que só **vai dá** angústia ... só **vai dá** medo. Então, na hora que cê tá almoçando, você nem vai conseguir digerir essa comida, magine aquele sofrimento. Então a gente sab' que in... infelizmente tem, mas vamo deixá pa mais tarde, borá na hora do... das refeições, principalmente na hora de... de tá ali concentrada agradecend' à Deus por... por aquele alimento, né, e quantas famílias num têm o alimento e a gente tem, então vamo agradecê por a gente tê e a... e pedi a Deus que dê pa ôta família, é tão fácil a gente pedi e agradecê também, e Deus ouve, mas cê tá ali almoçand' tá ali um... um... trocand' tiro a polícia trocano tiro com bandid' ou então um... passand' fom' um catano o lixo, é doído, então é... infelizmente a realidade nossa é essa, mas vamo ficá pelo meno' mêm hora, nessa mêm horinha que tá almoçand' é o moment' da gente também tá rezand' por todos, né? (JVB – PPVC)

(41) Que eu ach' ele ta... que é um candidat' que vai saí(r) bem (EPS – PPVC)

(42) Eu e a minha esposa se conhecemo, eu... eu era eh lá da roça, aí mudei aqui pra cidade e fui mora próximo da casa dessa que hoje em dia é minha esposa, primêro a gente fomos amigo né, [fomo] amigo e... e era vizinho, amizade, aí um belo dia nós numa tinha uma...uma festa aqui em Conquista que era... era chamada como festa de [largo] que era armava umas barraquinha ali na... na Praça Sá Barreto e armava essas barraca ali que era comemorava as festa da...da Padroeira da cidade que hoje em dia num...num existe mais. Essa festa 'cabô eh... isso aí [há] uns... uns vinte... acho que tem uns trinta ano mais por aí que tinha essa festa... que acabô... que acabô essa festa [tem] uns vinte e cinco anos mais ou menos que acabô, acho que num faz mais essa festa, mas que nós conheceu nessa festa tem o que uns trinta ano mais ou menos e nós fomo pra essa festa como amigo né, e lá nessa festa, **vai** conversa **vai**, conversa vem, quando a gente veio embora... nem foi eu que fale' que cantei ela pra namorá, ela que me cantô pra namorá. Ôia pra você vê como é que é as coisa eh, foi ao contrário né, que [antes] era os rapaz que chegava nas moça e ela foi que veio até a mim {ININT}, e aí a gente começemo a namorá e engracemo um pelo ôtro que esse namoro vai [e] vem já **vai** pra trinta ano que a gente estamos namorano até hoje, ainda estamo namorano viu {risos} (DAO – PPVC)

No enunciado (40), ao relatar sobre a importância de desligar a televisão durante as refeições, a função discursivo-pragmática é explícita no texto. O falante pressupõe uma situação que provavelmente acontecerá, utilizando o verbo *ir* para simular um movimento físico subjetivo de se deslocar até o sofá para sentar, em um determinado tempo (*vai sentá*). No contexto, a construção, *ir* adjungida ao verbo no infinitivo, apesar de fazer a representação de mobilidade, indica também uma possibilidade. Os dois significados expressos pela construção (movimento e valor modal de possibilidade) ocorrem juntos. Na mesma interlocução, o falante utiliza as construções *vai dá medo*, *vai dá angustia*, com objetivo de demonstrar de forma argumentativa as consequências de almoçar em frente à TV, ele deseja ou intenciona uma conduta. A construção com *ir*, neste caso, não se refere à um destino físico, mas expressa uma consequência. Há, portanto, nesse diálogo, uma subjetividade e espera-se que o ouvinte estabeleça essa inferência de resultado e não de movimento.

No excerto (41), *vai sair*, o locutor serve-se da informatividade para manifestar um fato que supostamente ocorrerá: o candidato terá sucesso na apresentação. A construção gramatical com o *ir* conecta a informação factual (a existência da candidatura de um representante político) com uma avaliação contrafactual, uma suposição. Nesse caso, a construção apresenta-se de forma subjetiva, é necessário que o ouvinte faça inferência.

Em (42), construção *vai* indica um movimento/ direcionamento subjetivo de troca de palavras entre dois falantes, de A para B, de B para A. O locutor, por meio da repetição do verbo, revela que a conversa entre ele e sua namorada foi prolongada. Nesse excerto, não há contrafactualidade, o objetivo do enunciador é informar uma ação factual. Ainda na mesma amostra, a construção *vai* designa um tempo pósterio. Ele e sua namorada completarão 30 anos juntos, esse tempo ainda não foi concluído. Dessa forma, a contrafactualidade é manifestada nessa construção. Como no excerto *vai sair*, o *ir* vincula uma informação factual (há um namoro) com uma informação contrafactual (eles ainda vão completar 30 anos juntos). Como já visualizamos anteriormente, em algumas amostras, as microconstruções, como *vai ter*, em contextos específicos, podem designar uma obrigação, em outros, indicam uma ação contrafactual. Assim, seu uso, em diferentes contextos, se dá, ora por natureza epistêmica, volitiva ora por contrafactual.

Compreendemos que a (inter)subjetividade é manifestada na atividade linguística do falante, visto que ele procura descrever suas crenças, valores, opiniões sobre o que está em volta. Dessa forma, a partir das amostras apresentadas, consideramos que a (inter)subjetividade está presente no uso das construções com *ir* e o contexto determina a escolha dos elementos que fazem parte da construção. Na visão de Traugott e Dasher (2002), há um processo gradiente

na (inter)subjetividade de falante: a princípio expressam sentidos lexicais/concretos/objetivos; com a frequência de uso, passam a desenvolver funções gramaticas/abstratas/interpessoais.

Portanto, depreendemos, a partir das amostras, que, do ponto de vista pragmático, as construções servem para estabelecer uma vinculação entre a informação factual e contrafactual. Ademais, observamos que o contexto é um fator importante para a codificação dos sentidos, tanto lexicais quanto gramaticais. Ele serve para – a partir da experiência biossocial do falante, junto a associações, frequência de uso, categorização – dar conta de novas significações. “A língua é adquirida através da exposição a eventos reais de uso” (Traugott; Trousdale, 2013, p.100). Sob a ótica de um modelo baseado no uso, é perceptível o pequeno passo de micromudanças e o surgimento de novos usos. Concordamos, então, que a língua não está pronta e acabada, ela sofre pressões de uso e é mutável.

Podemos concluir com essa análise que há construções com *ir* que passaram por um processo de construcionalização, ou seja, a criação de um pareamento forma-significado, um novo nó na rede. Nesses termos, nossas hipóteses foram comprovadas, visto que (i) essas construções tornaram-se mais abstratas, possibilitando por meio da neoanálise uma nova função sintática; (ii), em alguns contextos, são facilmente acessíveis como um único bloco (*chunk*); (iii) mecanismos cognitivos de extensão semântica, como metáfora e metonímia, estão ligados à criação linguística inovadora. Por fim, (iv) pode ser atestado a coexistência de diferentes funções das construções com *ir*, no mesmo período há desenvolvimento de funções mais objetivas, factuais e significados modais, subjetivos, mais especializadas. Além disso, esclarecemos que em alguns contextos, essas construções servem como vínculos para conteúdos informacionais.

Esta pesquisa, então, colabora com os estudos da Linguística Funcional Centrada no uso, uma vez que legitima que os níveis da gramática não podem ser autônomos. A fonologia, morfossintaxe, a semântica e os fatores discursivo-pragmáticos operam conjuntamente na interação comunicativa.

5.2 Análise dos *corpora* escritos

Já identificamos que a distribuição da perífrase com *ir* como específica da fala e o futuro morfológico como próprio da escrita não é equilibrada, uma vez que as perífrases já foram incorporadas à modalidade escrita. Visto isso, nesta subseção, analisamos os dados dos *corpora* escritos: *Blog* e *Instagram*, buscando verificar os tipos de construções e as motivações formais e funcionais implicadas no uso do verbo *ir*. A escolha por esses dois gêneros deve-se ao fato de

acreditarmos que os *blogs* exigem certo grau de formalidade, enquanto os comentários no *Instagram*, apesar de escritos, se aproximam da linguagem falada, isto é, a formalidade condiciona o uso. Dessa forma, definimos em 5.2.1 a apresentação dos dados escritos e, a partir da subseção 5.2.1.1, caracterizamos as construções de acordo com as propriedades da forma e da função estabelecidas por Croft (2001).

5.2.1 Identificação dos dados dos corpora escritos

Conforme mencionado em 4.2. **Procedimentos de análise**, assumimos que as ocorrências extraídas do *Instagram* emergem de contextos específicos, com nível de formalidade 1 (ver Quadro 1). Acreditamos que essa escrita mais afastada da tradição gramatical e menos planejada apresenta maior quantidade de arranjos procedurais em comparação com os textos com nível de formalidade 2. Apesar de apresentar uma linguagem popular, o *blog* jornalístico exige um maior rigor com critérios gramaticais. Por isso, supomos que esses textos apresentem menor quantidade de construções procedurais. Assim, optamos por dois *corpora* diferentes, com objetivo de identificar quantitativamente as construções de uso (*types*) vinculadas a contextos discursivos específicos. Após essa identificação, decidimos apresentar a análise qualitativa dos dados encontrados no *Instagram* e *Blog* conjuntamente, pois, apesar da distinção entre os gêneros textuais, as ocorrências são correspondentes, inclusive semelhantes às encontradas nos *corpora* orais. Apesar de construções congêneres aparecerem nas duas modalidades, a distinção entre as modalidades escrita e oral foi relevante no que diz respeito ao nível de formalidade, visto que o padrão discursivo tem correlação com a preferência pelo uso das construções gramaticais.

No *Instagram*, o tópico é elaborado em coautoria – uma estrutura textual interativa –, em que cada participante vai veiculando dados, constituindo um espaço intersubjetivo, motivado pela necessidade de compartilhar experiências, impressões, opiniões a respeito de um determinado tema. No *Blog*, o discurso é composto de segmentos descritivos, com seleção de tempos verbais e diversos recursos gramaticais. Nessa construção textual, o locutor desenvolve uma estrutura textual com propósito de informar, narrar algo supostamente desconhecido pelo interlocutor

Seguindo essa compreensão, selecionamos as variantes do *ir* no presente do indicativo, na terceira pessoa do singular e encontramos 78 (setenta e oito) ocorrências no *Blog* e 48 (quarenta e oito) ocorrências no *Instagram*. Esses números podem ser considerados expressivos no que diz respeito à alteração de categoria do verbo *ir* (espaço < tempo < texto). O

desenvolvimento de construções não lexicais do nosso objeto em análise sugere uma variabilidade de funções. Motivada pela polissemia do verbo *ir*, a construção $V_{ir} + X$ expande seus contextos, da perífrase com indicação de futuro até construções mais procedurais. Isto é, a polissemia, responsável pelo processo de gramaticalização, desencadeia uma mudança semântica e morfossintática, contribuindo com surgimento de diversas formas de uso, assim como verificado na Tabela 4, com a frequência *token* e a frequência *type* das microconstruções encontradas no *Blog*.

Tabela 4 – Distribuição da frequência *Token* e *Type* das construções do *corpus* do *blog*

<i>Types</i>	<i>Tokens</i>	%
(S) + V_{ir} + V_{inf}	72	92,3
V_{ir} + Prep+ SN	5	6,4
V + Loc	1	1,3
3	78	100%

Fonte: Autoria própria.

As amostras estão distribuídas sob duas maneiras: (i) a primeira diz respeito aos tipos de ocorrências (frequência *type*) que são: (01) (S) + V_{ir} + V_{inf} - *vai antecipar*; (02) V_{ir} + Prep+ SN - *vai para algum lugar* e (03) V + LOC – *vai lá*; (ii) a segunda está relacionada à frequência desses *types*, que corresponde ao número de ocorrências dos nosso *corpus*, como pode ser visualizado na Tabela 4. Observamos um padrão sequencial (S) + V_{ir} + V_{inf} como maior parte das amostras 92,3 % V + Prep+ SN, com 6,4% e V + Loc, com 1,3%. Assim como evidenciamos na modalidade oral a alta frequência de uso do verbo *ir* + infinitivo, verificamos também no *corpus* escrito (*blog*) um grande número de ocorrências dessa construção. Na pesquisa de Silva (2016), constatamos que, apesar de a construção perifrástica com *ir* indicando futuridade está ocupando espaço na escrita, a estrutura sintética de futuro ainda prevalece. A construção *ir* no presente do indicativo + infinitivo, em Silva (2016), corresponde a 11,8 % das ocorrências e a do futuro do presente sintético a 68,6%. Como já mencionamos, entre as construções utilizadas com o verbo *ir* no *blog* jornalístico, a construção V_{ir} + V_{inf} é a mais produtiva (92,3%). Esse resultado pode confirmar que a perífrase (V_{ir} + V_{inf}) já pode ser considerada como uma estrutura implementada em textos escritos.

Quanto ao *Instagram*, selecionamos 5 *types* de ocorrências (i) (S) + V_{ir} + V_{inf} , ; (ii) V_{ir} + Prep+ SN; (iii) V + QUE; (iv) Prep + LOC + V e (v) V, considerando a frequência dessas amostras, conforme apresentada na Tabela 5. Dessa maneira, a quantificação dos dados que instanciam os *types* são: (i) 85,4%; (ii) 6,2%; (iii) 4,2%; (iv) 2,1% e (v) 2,1%. Observamos que,

assim como nos *corpora* orais e no *Blog*, temos uma elevada ocorrência da construção (S) + V_{ir} + V_{inf}, com 85,4%, em comparação às outras construções. Em ambos os *corpora* (orais e escritos), a perífrase (S) + V_{ir} + V_{inf} aparece com maior frequência. Isso pode validar a postulação funcionalista de que a mudança primeiro ocorre na língua falada e é propagada para a escrita. Além disso, essa alta produtividade, conforme apresentado nas Tabelas 4 e 5, tende a revelar um grau maior de esquematicidade, visto que é possível preencher os *slots* com uma maior variedade de elementos. Assim, o inventário de construções, que provém dos eventos de uso, pode ser organizado em rede, em graus variados de complexidade, e o crescimento dessa rede está relacionado ao desenvolvimento de *types*. Observemos a Tabela 5.

Tabela 5 – Distribuição da frequência *Token* e *Type* das construções do *Corpus* do *Instagram*

<i>Types</i>	<i>Tokens</i>	%
(S) + V_{ir} + V_{inf}	41	85,4
V + Prep + SN	3	6,2
V + Que	2	4,2
Prep + Loc + V	1	2,1
V	1	2,1
5	48	100%

Fonte: Autoria própria.

Correlacionando as amostras expostas nas Tabelas 4 e 5, verificamos que o *Instagram* possui uma maior quantidade de *types*, com níveis mais distantes do protótipo exemplar (*ir* com função de deslocamento). Essa constatação corrobora com a nossa hipótese inicial de que os textos de formalidade 2 apresentam maior produtividade de construções procedurais (5 *types*), a saber: (i) (S) + V_{ir} + V_{inf}; (ii) V + Prep + SN; (iii) V + Que; (iv) Prep + Loc + V e (v) V. Como já registramos, os comentários postados via ferramenta *Instagram* apresentam uma escrita mais espontânea/ coloquial, mais próxima à oralidade; há informalidade entre os constituintes da interação, sem muita preocupação com recursos gramaticais determinados pela GT

A escrita no *Blog*, apesar de não estar isenta da variação linguística, revela-se mais atenta às normas prescritas pela GT e por esse motivo encontramos apenas 3 *types*: (i) (S) + V_{ir} + V_{inf}; (ii) V_{ir} + Prep + SN e (iii) V + Loc. Podemos compreender que essa diferença ocorre devido ao padrão discursivo gênero textual.

Conforme estabelecido os critérios para análise no Quadro 4, na subseção 5.1.2, apresentamos a seguir as amostras encontradas no *Blog* e *Instagram* com intuito de investigarmos os padrões formais e as motivações semântica-discursivas que levam ao uso das construções com *ir*, fora do seu contexto prototípico.

5.2.1.1 Aspectos formais

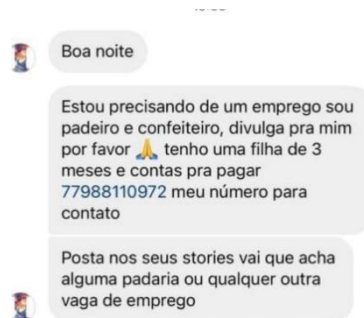
Com intuito de dar conta de investigar as construções com *ir* encontradas na modalidade escrita em uma visão mais holística, propomos examiná-las considerando as propriedades, já mencionadas, proposta por Croft (2001): o polo da forma e o da função. Sendo assim, apresentamos, em 5.2.1.1.1, o processo fonético-fonológico; e, em 5.2.1.1.2, o morfossintático.

5.2.1.1.1 Processos fonético-fonológicos

Na visão funcionalista, devido à frequência de uso ou ao princípio da quantidade – em que as formas lexicais possuem mais informações do que as gramaticais –, uma forma gramaticalizada tende a sofrer redução ou ser integrada pelo meio. Baseadas nessa visão, observamos as construções (01); (02); (03); (04) encontradas nos *corpora* escrito.

- (01) A copa do mundo está chegando e a feira dos sofás **vai antecipar** a Black Friday para que você tenha a chance de adquirir um sofá novo com preço bom e qualidade. (www.blogdoanderson.com)
- (02) “Quando a gente **vai para** um velório nós queremos dar o melhor para nossos parentes, para nossos amigos e as vezes até para gente que a gente não conhece, mas pelo fato de ser a última homenagem a um ser humano que não volta, que sai desse planeta. Ai quando eu soube que o irmão de Gilberto, o Aloísio, estava enterrado ali, gente me deu uma revolta e sabendo que as covas estão lá abertas esperando o pobre miserável ser enterrado ali no lixo. Gente, só vendo, só indo lá para acreditar, que falando pensa que é exagero”, disparou Lisboa. (www.blogdoanderson.com)
- (03) “Alguém me socorre aqui, gente! Esperei 13 anos por essa fotoooo! Só quem é fã de verdade entende esse sentimento não vou fingir costume, não, eu tô bestinha aqui! hahaha chorei e tudo! **Vai lá** nos *stories* ver esse rolê!”. Escreveu Larissa em sua conta do Instagram ao lado de Luan Santana que fez uma fantástica apresentação na noite da segunda-feira (26) em Ibicuí. (www.blogdoanderson.com)
- (04)

Figura 7 – Imagem postada no *stories* do *Instagram*



Fonte: @partiuconquista

Boa noite

Estou precisando de um emprego sou padeiro e confeitiro, divulga pra mim por favor tenho uma filha de 3 meses e contas pra pagar XXXXXXXX meu número para contato.

Posta nos seus *stories* **vai que** acha alguma padaria ou qualquer outra vaga de emprego. (Instagram: @partiuconquista).

Semelhante ao que ocorre nos *corpora* orais, nos dados (01); (02) e (03) dos *corpora* escritos, constatamos que não há erosão ou atrito fonológico, diferentemente do que aconteceu na língua inglesa com *be going to*, que depois da reanálise, a expressão *be go-ing to* sofreu redução. Na língua inglesa, os três morfemas tornaram-se a forma reduzida *be gonna*, sem nenhuma categoria frasal entre *-ing* e *to*. Em nosso português, do ponto de vista fonético-fonológico, o *ir*, mesmo utilizado em estrutura perifrástica, pode ser considerado como uma estrutura fonológica particular, conforme (01) *vai antecipar*. Podemos chegar a mesma constatação em (02) *vai para* e (03) *vai lá*. Ambas construções podem ser consideradas um vocábulo único, com traços prosódicos individuais. Nesses contextos, o verbo *ir* possui identidade própria, atuando como item lexical ou como auxiliar. Em (04), *vai que* vincula-se sintática e semanticamente, constituindo um só vocábulo fonético-fonológico, formando, assim, um *chunk*, não podendo o *ir* ser considerado, nesse enunciado, como uma unidade autônoma.

Para identificação dos aspectos fonético-fonológicos das construções com *ir*, levamos em consideração a contraparte semântica e sintática. Dessa forma, em alguns contextos, as perífrases aparentam ser mais integradas como *vai ter*. Vejamos o exemplo de uma publicação no *Instagram*:

Figura 8 – Imagem de uma foto postada no *feed* do *Instagram* Partiu Conquista



Fonte: @partiuconquista

- (05) Quem perder **vai ter** que ouvir o CD todo de Tayrone do jegue (Instagram: @partiuconquista).

Figura 9 – Comentário postado no *feed* do *Instagram* Partiu Conquista

Em são Januário tem a estátua de Romário
No lomanto vai ter a de Silvio kkkkkk
E se não tiver, vai virar o mascote do time kkkk

Fonte: @partiuconquista

- (06) Em São Januário tem a estátua de Romário
No lomanto **vai ter** a de Silvio kkkkkk
E se não tiver, vai virar o mascote do time kkkk

A ocorrência (05) *vai ter* é acessada como um todo (bloco de sentido) junto ao pronome relativo *que*, assumindo um valor modal de obrigatoriedade, de dever. Podemos afirmar que essa construção *ter que* está substituindo a expressão mais formal *ter de*, que exprime obrigação. O verbo *ir* em união a eles causa uma ideia de futuridade, sem prejuízo de sentido da ideia de obrigatoriedade, ou seja, com a retirada do *ir*, o valor modal deôntico continuaria disponível: *Quem perder tem que/ tem de ouvir o CD todo de Tayrone do jegue*. Nessa visão, podemos considerar que o *vai* pode ser segmentado em relação ao verbo principal, possuindo identidade própria em termos prosódicos. Em (06), temos o mesmo arranjo: o *ir* tem sua individualidade sonora, podendo ser extraído: *O lomanto terá a de Silvio*.

Dessa maneira, confrontando os dados encontrados nos *corpora* orais e escritos, podemos extrair as seguintes conclusões:

- a) Em construções como $V_{ir} + V_{inf}$, o *ir* no presente do indicativo, nas perífrases, são unidades autônomas e não apresentam redução fonológica. Há um indício, no Português Culto de Vitória da Conquista, no caso (23), *vá sentir*, de perda do elemento fonético /i/, que pode ser um prenúncio de uma mudança ou apenas a troca do presente do indicativo pelo presente do subjuntivo, para reforçar um acontecimento incerto. As demais construções como $V+Loc$ e $V+ Prep$ têm individualidade sonora e semântica.
- b) Em ambos *corpora*, orais e escrito informal (*Instagram*), encontramos rearranjos com *ir*, que vão se formando em diferentes contextos, com maior nível de integração e com sentido totalmente modal, como *vai que*. Nesse caso, observamos uma acomodação fonético-fonológica entre os itens *vai que*, envolvendo uma mudança de forma e significado. O fato de, nesse contexto, o *ir* não constituir um significado por si só reforça sua dependência e indissociabilidade de outra construção (*que*) para gerar sentido.

Entendemos que, quanto mais presente no discurso, maior a possibilidade de desgaste de um item, ou seja, a frequência de uso pode levar à redução fonológica, além da manutenção de propriedades existentes e do armazenamento na memória rica do falante. Temos em nossos dados a alta frequência de $V_{ir} + V_{inf}$, como podemos verificar: 92,3 % (*Blog*); 85,4 (*Instagram*) e 67,32 % (*corpora* orais). Assim, dependendo do contexto, podemos considerar $V_{ir} + V_{inf}$ construções com perda de substância fonética, resultante da coalescência (fusão das construções adjacentes), – como (06) *vai ter* encontrado tanto nos *corpora* orais quanto escrito.

Quanto ao $V_{ir} + QUE$, apesar de pouco frequente em nossos *corpora*, compreendemos, baseadas em pesquisas como a de Andrade (2017) e a de Coutinho, Ely, De Paula, Ambiehl (2024), que essa construção é (i) um *chunk*; (ii) uma estrutura convencionalizada socialmente, (iii) podendo ser considerada uma estrutura lexicalizada. O título do filme brasileiro *Vai que dá certo*; a série brasileira *Vai que cola* e a música (vejamos a seguir) *Vai que cola*, do cantor brasileiro conhecido como Vitinho, validam nossa ideia de que essa estrutura já se estabeleceu socialmente em contextos informais.

Vai Que Cola (part. Di Propósito)

Eu me peguei vendo as suas fotos
E te liguei só pra ouvir sua voz ao pé do ouvido
Hoje acordei com uma vontade absurda de você

Eu já tomei sei lá quantos copos

E aí pensei se também acontece contigo
De quando a gente acaba de se ver
Ainda não passa esse querer

Você chegou assim, suave feito um vento
Plantou um sentimento
Que tá crescendo como um furacão
O seu beijo pra mim virou necessidade
E não bastasse na cabeça
Você já foi parar no coração

Vai que cola me mudar de vez pra sua vida
Vai que a gente tenha um futuro promissor
Vai que cola a gente construir uma família
Vai que é amor, **vai que** é amor

Eu já te imagino na igreja, toda linda
E a Lua de mel bem quente, lá em Salvador
No caminho entre o sim e o check-in de ida
Vai que passa um anjo e diz amém pro nosso amor

Dessa maneira, apesar de baixa frequência, nossos dados empíricos podem confirmar a imbricação da construção $V_{ir} + QUE$. Em síntese, podemos observar que, no *continuum* do verbo *ir*: verbo pleno > verbo auxiliar > conector discursivo, ao migrar de função fonte para *status* mais gramatical, o *ir* perde significação semântica e propriedades morfossintáticas e, como resultado, forma um *chunk*, ganhando uma nova funcionalidade. Ou seja, o esvaziamento semântico e a frequência de uso apresentam uma tendência a levar a construção à diminuição de material fonético.

Dando continuidade à nossa análise dos *corpora* escritos, partimos para subseção 5.2.1.1.2, para o aspecto morfossintático das construções encontradas.

5.2.1.1.2 Morfossintaxe

No que diz respeito ao aspecto morfossintático das construções observadas em nossos *corpora* escritos, temos: (07) *ir* como item lexical, predicador, núcleo do Sintagma Verbal (SV); (08) auxiliar temporal, componente satélite da perífrase, assumindo funções gramaticais de tempo, modo e pessoa; (09) o *ir* não constituindo um sintagma em si mesmo, necessitando de outro elemento para assumir um estatuto sintático. Essas construções são análogas a encontradas nos *corpora* orais

- (07) “Se **vai no** Posto de Saúde converse com o colega, se vai pegar o menino na creche converse, se **vai na** porta da escola converse, se vai fazer a feira, demore mais meia hora e converse, porque assim, é conversando, é dialogando que a gente consegue mostrar as pessoas tudo de bom que ele vai mostrar”, afirmou Sheila.

(www.blogdoanderson.com)

Figura 10 – Comentário postado no *feed* do Instagram Partiu Conquista



Fonte: @partiuconquista

- (08) Anicon é um evento de Cultura Pop e Oriental, lá no esquentar vc **vai poder** conhecer um pouco mais! Confira mais informações em nosso site: www.aniconfestival.com

- (09) Não podemos esquecer os correios, a embasa e **por aí vai**

Para realização dessa análise, o contexto discursivo ajuda-nos a interpretar a sintaxe dos enunciados linguísticos. A noção tradicional de transitividade verbal, por exemplo, depende do contexto, da semântica do verbo. O contexto discursivo determina o caráter transitivo (biargumental – dois argumentos) ou intransitivo da sentença (monoargumental), que normalmente não tem necessidade do completo. Segundo Castilho (2012), a transitividade gramatical não é uma propriedade do verbo, mas a sentença que a constrói. Não há verbos unicamente transitivos ou exclusivamente intransitivos. A decisão sobre a transitividade argumental da sentença é tomada pelo falante no uso. Em (07), temos o núcleo sentencial, predicado locativo (*ir*), selecionando argumentos externo (i) segunda pessoa³⁵ do singular (você) *Se Ø vai* e (ii) complemento oblíquo³⁶ *no Posto de Saúde*, estabelecendo uma relação de localização espacial. Os argumentos internos e externos possuem uma forte conexão sintática com verbo e são obrigatórios e centrais na sentença, visto que são selecionados pelo verbo. O adjunto é conhecido por não possuir uma função central, desempenhando um papel periférico na sentença, pois não é selecionado pelo verbo.

Comumente, os gramáticos veem os complementos oblíquos como adjuntos, sem relação argumental com o verbo. No entanto, como podemos ver em (07a) *vai no posto de Saúde* e (7b) *vai na porta*, os elementos em destaque, embora codifiquem circunstâncias de

³⁵ Tendo em vista a forma verbal, consideramos o pronome você como segunda pessoa do plural.

³⁶ De acordo com Castilho (2012. P. 305), o complemento oblíquo ora aparece como completo terminativo/ complemento relativo, ora desaparece, sendo rotulado de adjunto, ora aparece de novo, agora conhecido como complemento oblíquo.

lugar, ocupam lugar na predicação verbal, ou seja, são selecionados pelo verbo. Se retirarmos o complemento oblíquo, a sentença ficará incompleta, diferente do que ocorre quando omitimos um adjunto. Vejamos a amostra (10).

- (10) Conquistense, Larissa Gomes contagia o público por onde passa. Foi assim em Itabuna, Itapetinga e explodiu ainda mais no Arraiá da Conquista com o Centro Cultural Glauber Rocha lotado, recebendo carinho de gente de todas as idades. Nesta terça-feira (28) ela revelou uma das fontes de inspiração musical através de um artista que é fã há mais de uma década: “Alguém me socorre aqui, gente! Esperei 13 anos por essa fotoooo! Só quem é fã de verdade entende esse sentimento... não vou fingir costume, não, eu tô bestinha aqui! hahaha chorei e tudo! **Vai lá nos stories** ver esse rolê!”. Escreveu Larissa em sua conta do Instagram ao lado de Luan Santana que fez uma fantástica apresentação na noite da segunda-feira (26) em Ibicuí. (www.blogdoanderson.com)

No trecho em destaque (*Vai lá nos stories*), o *lá* agrega, discursivamente, informação acessória à sentença, não recebendo caso do predicador, pois a propriedade sintática (verbo *vai*) já foi preenchida pelos seus argumentos externo e interno: sujeito Ø e complemento oblíquo, *nos stories*, que nos forneceu uma informação importante. Já, a construção *lá* pode ser descartada sem prejuízo de sentido. Dessa maneira, podemos considerá-la um adjunto adverbial, dispondo no eixo dêitico locativo.

Diferentemente ocorre com o exemplo extraído do *corpus* PPVC: (30) Aí, sempre a gente **vai lá** aos finais de semana. (JRS –PPVC). Nesse contexto, pelo processo de derivação referencial, temos o uso do *lá*, com a função de mencionar uma informação velha (roça). Essa construção (*lá*) pode ser vista como essencial para compreensão da sentença, e, portanto, ocupa lugar na predicação verbal, exibindo uma relação argumental com o verbo. Podemos afirmar, então, nesse caso, que *lá* é um constituinte obrigatório, que recebeu papel temático do verbo, podendo ser, portanto, considerado um argumento interno (complemento oblíquo). Frente a esses exemplos, podemos reafirmar que a análise sintática necessita do contexto e, na esteira desse pensamento, a argumentação se concentra nas propriedades semânticas dos constituintes sentenciais (Castilho, 2012).

Assim posto, partimos para subseção 5.2.1.2, com a análise das propriedades funcionais.

5.2.1.2 Aspectos funcionais

Nesta subseção, temos objetivo de identificar, baseadas no modelo proposto por Croft (2001), as motivações semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas para o uso dessas construções com *ir* nos *corpora* escritos. Para isso, similar à subseção 5.1.2.2, selecionamos os processos metafóricos e metonímicos, e elegemos a informatividade, nível de formalidade e inferência como elementos envolvidos no processo de mudança.

5.2.1.2.1 Aspectos semântico-cognitivos

Para organizar a reflexão sobre processo cognitivo, delimitamo-nos aos significados contidos nas construções, operados pelas estratégias metafóricas e metonímicas. Vejamos os exemplos extraídos:

- (11) Homenagem Póstuma | falecida aos 19 anos, Sashira Camilly **vai dar** nome a Praça Pública em Vitória da Conquista. (www.blogdoanderson.com)
- (12) Chico Estrella contou que decidiu apoiar Jerônimo Rodrigues, devido ao trabalho do governador Rui Costa na Bahia, principalmente em Vitória da Conquista. E destacou o investimento de R\$1 bilhão que a cidade já recebeu. “Com certeza é a melhor opção hoje para a Bahia, um governador como Rui Costa, que Jerônimo **vai dar** seguimento ao seu trabalho, que investiu mais de R\$1 bilhão só em Conquista ele deve respeitado não só por mim, mas por todas as lideranças da cidade”, declarou Estrella. (www.blogdoanderson.com)

Já vimos que o sentido lexical de *ir* está relacionado com espaço físico, movimento, deslocamento. No entanto, nas construções (11) e (12), o *ir* não carrega esse sentido, sofrendo um processo de dessemantização (desbotamento de sentido – *bleaching*) provocado pelo mecanismo cognitivo metafórico e metonímico. Assim, em (12), podemos associar *vai dar* ao contexto de futuridade, possibilitando a substituição de *vai dar* por *dará*, a saber: *Jerônimo dará seguimento ao seu trabalho*. É possível notar que o *ir* lexical e *vai dar*, no contexto (12), compartilham propriedades semânticas semelhantes, como a de transferência, de movimento fictício, próprio da intencionalidade. Podemos compreender que o trabalho de Rui Costa será deslocado/transferido para Jerônimo. O falante licencia itens lexicais que fazem parte de suas experiências linguísticas e os projeta para circunstâncias mais abstratas. Nessa situação, o

contexto sintático do *ir*, envolvendo metonimização, passou por um processo de mudança devido à proximidade sintagmática dos elementos.

Observamos a mesma construção, *vai dar*, em outro contexto (13). Nessa amostra, extraída do título da notícia do *Blog*, entendemos que o *ir* está desprovido de qualquer indicação de deslocamento físico, abrindo caminho para o processo de metaforização, do espacial/concreto para o temporal/abstrato. A construção *vai dar* pode referir-se a um acontecimento futuro. No entanto, nesse contexto, *ir* e *dar* têm o significado mais geral e menos específico; o sentido não está sendo extraído da perífrase, está fora do verbo. É necessário que o leitor recorra ao entorno linguístico, ao contexto. Compreendemos que uma praça pública de Vitória da Conquista receberá o nome de Sashira em forma de homenagem póstuma. Sashira não é o agente que realizará a transferência. No entanto, no lugar de dizer que a praça receberá o nome de Sashira, o escritor opta por colocar em primeiro lugar a informação que considera mais como importante.

Acreditamos que a relevância da informação, o destaque que se pretende dar ao enunciado são importantes para organização do discurso. Comumente, o falante/escritor tem em mente a ideia geral do seu discurso e, à medida que vai produzindo, organiza o conteúdo. A forma como o referente é apresentado no discurso é determinada por fatores de ordem semântico-pragmática. Em uma necessidade de maior expressividade, de destacar a cláusula de maior importância, o falante/leitor não realiza o enunciado de maneira aleatória, ele antecipa a informação nova. De acordo com subprincípio da ordenação linear, a informação mais relevante comumente ocupa o primeiro lugar na cadeia linear, assim a ordem dos segmentos no enunciado mostra sua ordem de importância para o falante/escritor.

Desse modo, entendemos que *vai dar*, nesse contexto (12), pode estar se tornando idiomática, própria do gênero textual jornalístico, como podemos observar nos títulos (i), (ii) e (iii), extraídos, por meio de uma busca rápida no *Google*, de sites *online*.

(i) Jornalista cricumense Susana Napolini vai dar nome a praça, parque e creche no Rio
([https://ndmais.com.br/cidadania/jornalista-cricumense-susana-napolini-vai-](https://ndmais.com.br/cidadania/jornalista-cricumense-susana-napolini-vai-dar-nome-a-praca-parque-e-creche-no-rio/) dar-nome-a-praca-parque-e-creche-no-rio/)

(ii) Francisco Vieira vai dar nome a praça em Ourém
https://www.jornaldeleiria.pt/noticia/francisco-vieira-vai-dar-nome-a-praca-em-ourem#google_vignette

(iii) Rita Lee vai dar nome apenas à Praça da Paz, no Ibirapuera
<https://jornalzonasul.com.br/rita-lee-vai-dar-nome-apenas-a-praca-da-paz-no-ibirapuera/>

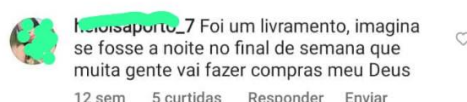
Dessa forma, diante dessas amostras, podemos reafirmar a nossa concepção de que processos de domínio cognitivo, como metáfora e metonímia, e o contexto, que incorpora (i) o entorno linguístico (incluindo morfossintaxe, fonologia e semântica); (ii) o nível de formalidade, (iii) a inferência pragmática e (iv) as propriedades discursivas, como gênero discursivo, informatividade, são motivadores para o surgimento de novas construções gramaticais, que vão sendo replicadas e, assim, rotinizadas em vários espaços e contextos.

5.2.1.2.2 Aspectos discursivo-pragmáticos

Sabemos que, dentro perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso, o desenvolvimento de uma pesquisa sobre um determinado objeto linguístico deve ser realizado por meio de uma visão holística da construção (forma e função), visto que a língua não é autônoma, livre de contextos, e seu uso necessita de interlocutores cognitivamente capazes de realizá-la. Por isso, nesta subseção, tratamos de alguns aspectos discursivo-pragmáticos, tais como: informatividade e inferência. Consideramos, entre outros elementos, a inferência pragmática como responsável pelo processo de construcionalização do *ir*. No processo de inferenciação pragmática, por meio de um processo intersubjetivo, o falante/escritor, ao utilizar uma expressão linguística, conta com a colaboração do ouvinte para apreender o significado pretendido (Traugott; Dasher, 2002). De acordo com Heine (2022), a inferência permite a passagem de um item com sentido de deslocamento para o sentido temporal abstrato. Vejamos o enunciado (14) – um comentário no *Instagram* em uma postagem sobre o incêndio ocorrido na loja Havan, em Vitória da Conquista. Bahia.

- (14) Foi um livramento, imagina se fosse a noite no fim de semana que muita gente **vai fazer** compras meu Deus. (Postagem *Instagram*)

Figura 11 – Comentário postado no *feed* do *Instagram* Partiu Conquista



Fonte: @partiuconquista

Acreditamos que a inferência realizada pelo leitor pode motivar a perda semântica de deslocamento espacial do *ir*. Nesse discurso, podemos visualizar várias realidades previamente existentes que podem ser inferidas pelo leitor a partir da estrutura *vai fazer*:

1. Um referente locativo (deslocamento – ir até à Havan)
2. O valor temporal da estrutura a partir do elemento: *vai fazer*

Uma proporção de pessoas se desloca até à Havan com a intenção de realizar compras. Esse é um típico contexto ambíguo que permite a instauração conjunta de traços de categoria espaço e tempo (suposição de uma ação em um tempo). Essa conjugação dos traços permite que o *ir* se torne mais gramatical e menos lexical, na condição de um auxiliar em contexto de futuridade³⁷, intencionalidade. Há, também, nessa construção, um valor modal que compromete a verdade da preposição. Ou seja, assim, o leitor pode fazer uma inferência de suposição, sem valor real.

A construção *vai fazer* poderia ser substituída pelo futuro do pretérito, indicado pela Gramática Tradicional (GT), *faria* – *muita gente faria compras*. Na orientação da GT, em um acontecimento que poderia ter ocorrido no passado, ou quando o falante deseja “expressar a incerteza (probabilidade, dúvida, suposição) sobre fatos passados” (Cunha; Cintra, 2013, p.476), emprega-se a estrutura do futuro do pretérito: radical + sufixo modo temporal – *fa-ria*. Nessa ideia, a postagem poderia ser realizada com *ia fazer*: *Foi um livramento, imagina se fosse a noite no fim de semana que muita gente ia fazer compras meu Deus*. No entanto, o escritor optou por *vai fazer*: *ir* no presente do indicativo + verbo no infinitivo. Essa escolha pode estar relacionada a diversos fatores:

- (i) Não seria coerente utilizar a forma sintética do futuro do presente *fará*, conceptualizada pela GT como futuro temporal, mas é possível utilizar a perífrase *ir* + infinitivo, pois essa construção carrega a noção de futuridade aliada ao valor modal³⁸ de suposição.

³⁷ Depreendemos que há uma diferença entre tempo futuro e futuridade. Esta carrega, de forma contextual, uma carga de modalidade, como possibilidade, desejo, necessidade, tentativa, entre outros. O futuro, tempo verbal, é uma categoria gramatical. Nesse aspecto, o verbo carrega em sua morfologia informações sobre tempo.

³⁸ A modalidade está relacionada a matizes semânticas como suposição, desejo, intenção, possibilidade, entre outras. O modo diz respeito à categoria verbal que envolve os paradigmas verbais: indicativo, subjuntivo e imperativo.

Gibbón (2000) comprova, empiricamente, que a estrutura perifrástica para codificar o futuro é motivada pela modalidade. Na investigação da formação do tempo verbal futuro a partir do Latim, Silva (2016) evidenciou que a perífrase *ir* + verbo no infinitivo tem sua origem no valor modal.

- (ii) A estrutura *vai* + infinitivo é mais produtiva e menos marcada socialmente do que *ia* + infinitivo, conforme encontramos em Silva (2016). Verificamos, em Silva (2016), que *ir* no presente + infinitivo corresponde à 66,4% e *ir* no pretérito imperfeito + infinitivo concerne à 3,4% das ocorrências do português oral de Vitória da Conquista. Na modalidade escrita, há alta produtividade da estrutura *vai* + infinitivo, mas não foi encontrada nenhuma amostra com *ir* no pretérito imperfeito + infinitivo (*ia* + infinitivo).

Caso o excerto fosse reestruturado desse modo: *imagina se fosse a noite no fim de semana que muita gente vai às compras meu Deus*, o leitor até poderia inferir a ideia de possibilidade de um evento, mas o tempo futuro não seria realçado. A polissemia do verbo *ir* desencadeia desde sentidos modais a espaço-temporais, superpondo resquícios de traços modais ao sentido de futuro. Talvez, não seriam assertivos os sentidos negociados entre os interlocutores se a construção fosse assim: *imagina se fosse a noite no fim de semana que muita gente vai comprar meu Deus*. O uso do verbo-suporte *fazer* trouxe ao enunciado um caráter especial; o uso do verbo pleno *comprar* não teria o mesmo resultado. De acordo com Neves (2000), é necessário entender que o falante deve optar pelo emprego de um verbo suporte, porque com esse emprego ele obtém algum efeito especial. Além da busca de maior expressividade com o uso da construção *fazer*; o *fazer*, mais esvaziado de sua carga semântica, pode retirar a atenção para ação de *comprar*. O uso do verbo pleno *comprar* causa um impacto semântico mais forte na estrutura, não transmitindo, assim, a sua intenção. O foco da negociação está nas propostas de opiniões/crenças expostas pelo escritor, tornando o contexto mais intersubjetivo, fazendo o leitor ser conduzido pelo escritor.

No processo de constituição do texto, uma referência puxa a outra, um espaço mental projeta o outro, seja por meio da repetição, seja por inferência (Castilho, 2012). Vejamos os dados.

Lyons (1995) declara que a distinção entre tempo e modalidade não são claramente descritas nas línguas em geral, principalmente quando se refere ao tempo futuro, que está mais para modo do que para tempo, uma vez que apenas se pode ter certeza do presente e passado.

De acordo com Givón (1995), ainda não são claros os limites entre modalidade e tempo, pois são categorias que interagem entre si, formando um domínio funcional complexo.

Figura 12 – Comentário postado no *feed* do Instagram Partiu Conquista



(15) Ela vai acabar implantando um radar aí nessa rua. Quem duvida?

A publicação (15) postada no *Instagram* é uma ironia à falta de iluminação pública na cidade. O comentarista dá continuidade à crítica, lançando uma nova informação: o uso de radares na cidade. O comentário escrito aparenta não ter relação com a fotografia postada, no entanto, devido à negociação de sentidos, a inferenciação, o contexto situacional a comunicação veiculada, elementos, como dêiticos, a exemplo de *ela*, podem ser recuperados dependendo do conhecimento prévio do participante da ação. Assim, o leitor compreende que a crítica refere-se à administradora municipal (a prefeita). A categoria informatividade está relacionada com o conteúdo, com o gerenciamento mútuo da informação e com a maneira como a informação será ³⁹perspectivada.

O responsável pela publicação da imagem, com preservação de sua face veicula o tipo de visão que quer infundir: o de sarcástico. Com base nessa informação, o comentarista constrói um novo conteúdo, reforçando o ponto de vista do responsável pela foto. Ao introduzir uma nova informação, o comentarista faz uso da construção *vai acabar implantando*. Nesse contexto, *acabar* é um verbo suporte, que tem também a função de, junto ao *ir*, remeter a um tempo pósterio, e a construção *implantando*, no gerúndio, dá uma ideia de continuidade de ação, de andamento. Isso remete a outra informação: tem sido implantado radares na cidade. O *ir*,

³⁹ A perspectivização concerne ao foco específico de determinada cena. Nesta, o falante estabelece elementos referenciais como ponto de vista para transmitir o evento.

neste contexto, atua no modo *irrealis* (eventos hipotéticos), anunciando um conteúdo de possibilidade, expressando, assim no domínio funcional da confractualidade (projeção de ideias do que pode vir ou não acontecer).

Diante das amostras analisadas nesta subseção, podemos concluir que as construções em estudo apresentam uma grande dependência com o contexto discursivo-pragmático. As construções apresentam em sua forma lexical/prototípica, mas, com o aumento da frequência de uso e repetição, passam a indicar funções mais abstratas (passando do domínio cognitivo concreto para mais abstrato), podemos dizer até interpessoais, pois colocam nelas suas crenças, experiências de mundo. Ou seja, essa mudança favorece o esvaziamento de seu sentido prototípico em face de um novo sentido, pragmaticamente motivado.

Além das propriedades cognitivas que interferem na linguagem, a pressão estabelecida nos contextos discursivos para que haja transmissão adequada das informações (como observado no exemplo (13) pode motivar formação de novas construções. A LFCU advoga que os componentes de natureza cognitiva se concretizam na interação discursiva, uma vez que eles refletem o funcionamento da mente humana, como indivíduos participantes de um ambiente sociocultural. Dessa maneira, podemos assumir que a emergência das estruturas morfossintáticas é resultado da combinação simultânea de estratégias cognitivas e práticas discursivas imersas no cotidiano social e cultural.

6 ENSINO À LUZ DA LINGUÍSTICA FUNCIONAL E DA BNCC

Fundamentadas na abordagem funcionalista, assumimos que a língua deve ser analisada por meio do contexto interacional comunicativo, cultural, social pois é, nesse ambiente, que as construções surgem, ganham novas formas e novos significados. Dessa forma, enquanto os falantes se comunicam, diversas (re)elaborações linguísticas vão emergindo. No entanto, uma nova construção apenas estabiliza se for assumida socialmente. Com a aceitabilidade em grupos de falantes, há difusão e uma possível mudança em vários os aspectos da língua: fonológico, morfológico, sintático, semântico, discursivo-pragmático. Dessa maneira, podem surgir novas palavras na língua, bem como um termo já convencionalizado pode ganhar novos significados.

De forma explícita ou apenas intuitiva, no que tange ao ensino de língua portuguesa, toda prática pedagógica tem subjacente uma determinada concepção de língua (Antunes, 2003). Como pesquisadoras, ao acompanharmos as mudanças presentes em nossa língua, lançamos nosso olhar sobre construções com verbo *ir*, presentes em enunciados, como: *Ana vai deixar de estudar para trabalhar*. Nesse trecho, o *ir*, no presente do indicativo, na terceira pessoa do singular, não atua como predicador, com a função prototípica (original) de deslocamento. Devido ao contexto de sentido em que está inserido, o *ir* é manifestado como auxiliar e carrega consigo a marca de tempo/modo futuro: auxilia na construção da estrutura perifrástica *vai deixar*. Poderíamos, facilmente, sem prejuízo de sentido, ainda que implique outras questões de ordem discursiva, modificar o enunciado para *Ana deixará de estudar para trabalhar*, usando a forma sintética do futuro (*deixará*). Isso nos mostra que os interlocutores, durante a prática discursiva, vão agregando aos seus falares diferentes formas para os mesmos (ou semelhantes) fins.

No entanto, como já visualizamos, na subseção *A visão da gramática tradicional*, os compêndios gramaticais não tratam das diversas variantes de futuro, veiculadas nos ambientes sociais e já difundidas na escrita, apresentam apenas uma estrutura padrão do tempo verbal futuro, na sua forma sintética. Temos como exemplo o futuro do presente. Na prescrição determinada por eles, para formação desse tempo verbal, são adicionadas ao radical as terminações *-ei*, *-ás*, *á*, *-emos*, *-eis*, *-ão*, como em *cantar-ei*. Indicação diferente das estruturas que encontramos nos contextos de uso, tanto orais quanto escritos.

Dessa forma, acreditamos que esta pesquisa, que buscar investigar quais são os padrões formais (fonético-fonológicos e morfossintáticos), e as motivações funcionais (semântico-discursivas) para o uso das construções com *ir*, oferece subsídios teóricos para aulas de língua portuguesa. Este trabalho pode trazer respostas ao complexo tema sobre o tempo verbal futuro,

com vistas à compreensão das variadas estruturas que emergem a partir do uso, fornecendo alternativas e explicações que, muitas vezes, na abordagem da gramática tradicional, não há a proposta de discutir e explica-las.

Com essa visão, propomo-nos apresentar aqui reflexões e sugestões de como esse tema pode ser abordado nas aulas de língua portuguesa. Sendo assim, tratamos da subseção 6.1 do contexto histórico sobre o início da instituição de projetos que tratam da reforma do ensino; em 6.2, falamos sobre o vínculo entre a abordagem funcionalista sobre o ensino de língua portuguesa e os documentos oficiais (PCN e BNCC); em 6.3, discutimos sobre o tempo verbal futuro tratado na gramática utilizada nas escolas do ensino fundamental; e, por fim, em 6.4, realizamos uma proposta de atividade para discussão do tempo verbal futuro do presente em uma abordagem funcionalista.

6.1 Contexto histórico sobre a reforma do ensino

Com o entendimento de que língua sempre está em processo de mudança, assumimos que o ensino da língua também precisa se adaptar/ se ajustar a essas transformações. Baseadas em Britto (2002), nesta subseção, tratamos, brevemente, do início sobre a discussão a respeito da reforma do ensino: o surgimento da instituição dos projetos para lidar com essa reforma.

A discussão sobre a transformação do ensino está em pauta desde que a educação se tornou um direito de todos. Veremos, também, que a ideia de gramática, a normatização dos usos linguísticos não são garantias para se fazer bom escritor; assim, devemos intencionar a redefinição dos conteúdos. Nesse percurso, não nos colocaremos contra ou a favor do ensino da Gramática Tradicional, tendo em vista que isso não é pauta de discussão nesta tese e que reconhecemos a importância do saber gramatical prescritivo. Tentaremos, nesse momento, mostrar caminhos, visto que o ensino gramatical vai além do domínio de regras e nomenclaturas, devendo, como função maior, permitir a relação entre uma sequência lógica de acordo com as regras interiorizadas.

A questão sobre a necessidade de reforma de ensino, tanto no conteúdo quanto no método, é antiga e estava intimamente ligada à necessidade de escolarização universal, uma vez que a escola era destinada apenas a um grupo social elitizado. Frente a essa desigualdade, de acordo com Britto (2002), o educador e escritor Anísio Teixeira recomendava um ensino com caráter democratizador e o abandono do aspecto elitista da educação. Nesse pensamento, a educação deveria ser comum a todos e não poderia estar relacionada apenas a ler, escrever e

contar; o ensino deveria habilitar os alunos para algumas competências, como reflexão do pensamento, sociabilidade, gosto pelas artes etc.

Assim, com a expansão da educação formal, realizada por Juscelino Kubitschek, houve incorporação dos diversos segmentos sociais, contudo não houve uma reelaboração dos métodos de ensino e conteúdos. Dessa maneira, a escola pública foi abandonada pela elite, e o ensino das escolas particulares, especialmente das grandes cidades, foram supervalorizados.

Apesar da tentativa de reforma, não se atentaram ao papel da escola: a socialização entre comunidades, entre modos de ser, de falar. Nas palavras de Bagno (2012, p. 28), “a escola, é, antes de mais nada, lugar de *socialização*”, em que é estabelecido a relação entre Estado e aprendiz. Assim, se o Estado quer ser democrático, é imprescindível que ofereça aos cidadãos uma escola democrática”. Nessas condições, a escola deveria ser um espaço democrático, onde devem ser respeitadas a diversidade humana e a pluralidade cultural que fazem parte da sociedade.

Podemos dizer que o cenário da reforma foi danoso, porque a forma como o ensino foi aberto para as camadas populares não foi democratizador; os métodos e os conteúdos não foram reelaborados a fim de atender às novas demandas. Ao chegar à escola, o aluno se deparava com uma cultura diferente da sua; seus padrões culturais eram ignorados ou considerados errados. Dessa forma, havia uma grande dificuldade em processar tais conteúdos e, muitas vezes, o aluno preferia abandonar a escola. A dificuldade dos alunos egressos de ler e escrever de forma clara e bem articulada era atribuída à falta de prática de redação. Não se refletia sobre o conteúdo e a prática de ensino de Língua Portuguesa, apesar de já haver, naquela época, a ideia de que a gramática não garantiria um texto adequado.

Além disso, o modelo de língua prescrito pela Gramática Tradicional recorreu ao cânone literário do passado. Assim, a norma-padrão da nossa língua foi construída com base nos usos de um pequeno grupo de escritores. Esses usos não eram amplos, eram selecionados apenas aqueles que o gramático considerava como exemplar ou recomendável, ou seja, o padrão provém dos escritores literários considerados consagrados. De acordo com Bagno (2012, p. 109), esse modelo de língua é irracional, a começar pela tomada da escrita literária como “espelho em que todo e qualquer cidadão comum deve se mirar para falar ou escrever, independente do gênero textual e do contexto da interação verbal em que se encontre”. Por isso, ao se deparar com a norma padrão, os alunos não reconhecem como sua língua, embora seja considerada Língua Portuguesa. Isso também explica a Gramática tradicional ser tão engessada, cheia de arcaísmos e de regras que vão contra a nossa intuição gramatical.

A crítica de que o ensino é descontextualizado e autoritário se inicia mesmo no final da década de 70, dentro das universidades, com o desenvolvimento dos estudos linguísticos no Brasil e dos cursos de Pedagogia, em que se é construído uma concepção de linguagem e ensino diferente da tradicional. Segundo Britto (2002), a partir dessas críticas, foram identificados seis problemas no ensino tradicional: (i) a finalidade do ato de ensinar (Ensinar para quê?); (ii) valorização da norma culta e da escrita (preconceito contra as formas de oralidade; (iii) a descontextualização das atividades; (iv) a falta de adequação à realidade da teoria gramatical; (v) a limitação a exercícios mecânicos, com identificação de fragmentos linguísticos; e (vi) a desconsideração das descobertas dos estudos linguísticos contemporâneos. Na identificação de cada um desses problemas, o autor argumenta que a escola é um instrumento social de produção de consciência e, por isso, os agentes envolvidos (professor, aluno, comunidade) têm que ter a definição de seus reais interesses. Tem que se questionar em que situação histórica estão inseridos, quais são os verdadeiros interesses políticos reais, quem são os agentes do conhecimento. Além disso, o privilégio pela norma padrão, tanto pela escola, quanto pelo Estado, considerando o uso dessas normas como uma forma de prestígio social, provoca uma discriminação pelas formas linguísticas dominadas pelos alunos.

Frente a esses fatos, concordamos com Britto (2002): o aprendizado deve estar associado à realidade de mundo dos alunos. O ensino da escrita, por exemplo, não provém do fator apenas mecânico, mas sim da relação que se estabelece entre o que se aprende e seu mundo sociohistórico. Devemos inserir o sujeito no mundo, para que ele tenha acesso ao que a sociedade produz e, assim, seja capaz de analisar criticamente e ter competência linguística.

A partir dos anos 80, são expandidos cursos de formação de professores, projetos de ensino, entre outros, que tinham como base a promoção da leitura. Com o envolvimento da política, são elaborados projetos ainda mais amplos: currículos alternativos e textos de apoio ao professor (guias de curriculares das secretarias de educação). Esse processo se deu não apenas na língua portuguesa, mas em todas as áreas do conhecimento. Diante dessas críticas, o ensinar gramática se voltou para pensar a língua em suas condições de uso, tal como ela é exercida e avaliada em sociedade. É com apoio nesse fato que podemos afirmar que o aporte teórico funcionalista serve como base para questões sobre ensino, pois reconhece a importância do estudo da língua no contexto real de comunicação e analisa os fenômenos linguísticos a partir dos seus propósitos comunicativos e contextos sociais, contemplando tanto a modalidade oral quanto à escrita. Nesse entendimento, partimos para discussão sobre abordagem funcionalista sobre o ensino de língua portuguesa e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

6.2 Documentos oficiais sobre o ensino da gramática e a abordagem funcionalista

Compreendendo que a forma estrutural linguística, a função, a cognição, o contexto real de uso, a experiência humana, entre outros elementos constituem a linguagem, e que nossas práticas discursivas se materializam em textos orais e escritos por meio de gêneros textuais, refletimos sobre a relevância dos estudos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) para prática pedagógica de docentes de Língua Portuguesa, especialmente no contexto da educação básica.

Várias pesquisas de base funcionalista, em consonância com as orientações curriculares, têm se dedicado ao desenvolvimento de alternativas para o tratamento da variação linguística em sala de aula, com foco na educação básica. Conforme Oliveira (2022, p. 13), os avanços da pesquisa linguística praticada em nível internacional e nacional, “baseados nos resultados da investigação científica na área, podem orientar e fundamentar a atividade de análise, reflexão e (re)produção de textos na sala de aula”. Estudos como esse têm contribuído, significativamente, para a melhoria do ensino Fundamental e Médio e andam em concordância com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica e da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Desde a constituição de documentos oficiais voltados à educação, a exemplo dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), publicado na década de 90, há a premissa de que a centralidade do ensino de Língua Portuguesa (LP) é o texto, que é o lugar de interação entre os sujeitos e resultado da atividade discursiva. A língua, assim, é vista como um sistema social e histórico.

Nessa perspectiva, a compreensão, reflexão e produção de textos devem ser os objetos de ensino e não há uma separação entre gramática e texto e entre gramática e letramento. Assim, a proposta dos PCN, é que devem ser ensinados apenas conteúdos gramaticais que “tenham utilidade para abordar conteúdos e facilitar a comunicação nas atividades de reflexão sobre a língua” (PCN, 2000, p. 90). Além disso, a associação da análise gramatical à textual demonstra a relação entre PCN e Funcionalismo. De acordo com Oliveira e Cezario (2007),

[...] os usos lingüísticos combinam estratégias mais regulares e sistemáticas, necessárias à interlocução social, de caráter geral e coletivo, a usos de âmbito mais individual, relativos a estruturas mais criativas e pessoais de apropriação da língua. Para o funcionalismo, a primeira definição cobre o conceito de gramática, enquanto a segunda refere-se ao discurso. Assim, as práticas lingüísticas, manifestadas nas produções textuais, configuram-se, tanto para os PCN como para a abordagem funcional, como atividades em que se

mesclam usos mais rotineiros ou gramaticais, e expressões mais criativas ou discursivas. Oliveira e Cezario (2007, p. 93)

Essa visão defende uma simbiose entre gramática e discurso, por isso, no âmbito educacional de ensino, deve-se considerar estruturas inovadoras que emergem no discurso e aquilo que é mais frequentemente produzido pelos falantes. Essa percepção é importante, pois, conforme a Linguística Funcional Centrada no Uso, devido à frequência de uso e à convencionalização social as estruturas discursivas, se integram à gramática do usuário da língua.

O fato de a escola realizar o papel de ensinar a língua portuguesa (a variante tida como padrão), “não significa que a variedade de língua que o aluno domina deva ser desprezada; ao contrário, é a partir dela que o professor deve iniciar seu trabalho, de forma a levar seu aluno a conhecer, compreender e usar adequadamente outras variedades” (Furtado da Cunha; Bispo; Silva, 2014, p.83). Dessa maneira, diferentemente da abordagem tradicional, que, por vezes, se atém em conceituar e identificar categorias gramaticais, o Funcionalismo Linguístico se fundamenta em uma análise reflexiva da língua, de modo a orientar o professor a contribuir com o desenvolvimento da competência comunicativa do aluno e o respeito às diferentes variedades do português.

A prática pedagógica, concentrada no ensino de categorias gramaticais, com práticas mecânicas e repetitivas de identificação, substituição e conceituação de unidades linguísticas, sem as motivações subjacentes e objetivos claros para o trabalho com a gramática, parece não estar provocando efeitos positivos em alunos que parecem não dominar a metalinguagem técnica, gerando neles uma aversão ao estudo da língua. São devidos a essas considerações que o ensino de gramática tem sido alvo de críticas (Furtado da Cunha; Bispo; Silva, 2014).

Com a constituição da BNCC em 2018, antigas discussões sobre o estudo da linguagem têm sido revistas, outras ampliadas, com maior foco na emergência de novos gêneros digitais e na discussão das múltiplas simbioses dos textos. Essas proposições são baseadas na atualidade do mundo e nas pesquisas acadêmicas (Castanheira, Ilogti de Sá, 2024). No entanto, as reflexões estabelecidas na BNCC estão relacionadas à prática de análise linguística/semiótica proposta nos PCN. O estudo da linguagem, nesse sentido, envolve a língua em uso e as relações pragmáticas.

As reflexões tratadas nesses documentos podem ser associadas aos aspectos funcionalista, uma vez possuem em comum alguns princípios. A BNCC defende que a análise linguística/semiótica deve preparar os alunos para produção textual e processos de leitura,

englobando os textos e seu contexto produtivo. Para o Funcionalismo, a produção textual dos gêneros está associada a questões de ordem pragmática. O Funcionalismo norte-americano é, então, uma das bases da BNCC (juntamente a outras teorias, como a Linguística de Texto, por exemplo) no tratamento do estudo da língua em uso, da gramática na sala de aula e da sua ligação com os efeitos de sentido (Castanheira, Ilogti de Sá, 2024, p. 199).

Dessa maneira, podemos apontar alguns aspectos presentes nos documentos oficiais de educação vinculados à abordagem funcionalista, a saber:

- i) O princípio da iconicidade. Este princípio concerne à percepção inconsciente do falante de que uma estrutura linguística está correlacionada à sua função no contexto de uso. Assim, entende-se que as funções comunicativas determinam as estruturas sintático-semânticas. Sendo assim, as habilidades que envolvem os processos cognitivos “de análise e avaliação consciente do estudante, durante os processos de leitura e produção textuais, perpassam pelos conceitos da iconicidade já que, ao construir seus textos, um jovem o faz a partir de determinadas intenções discursivas” (Castanheira, Ilogti de Sá, 2024, p. 200). Isto é, os usuários da língua constroem seus textos a partir suas crenças, opiniões e intenções discursivas;
- ii) A noção de mudança linguística. A percepção de que as línguas mudam fornece uma análise reflexiva sobre a variação e contribui para que o aluno aprimore seu potencial crítico e evite estigmatização de construções;
- iii) A mudança da língua motivada a fatores discursivo-pragmáticos. Entende-se que a mudança não ocorre apenas por fatores estruturais, mas também por motivações discursivo-pragmáticas. De acordo com a BNCC, esse fator deve estar vinculado ao ensino, em todos os campos de atuação, pois essa contemplação permite que o aluno analise e valorize as diferentes manifestações culturais, históricas;
- iv) Gramaticalização. A concepção de um *continuum* pelo qual uma construção passa: do lexical para gramatical – como defendido por Hopper, 2001, que considera a escalaridade progressiva do significado – conforme ocorre com o verbo *ir*, que segue uma trajetória de abstratização, partindo do sentido de deslocamento espacial (mais concreto) para o temporal (menos concreto), como, *vou estudar amanhã*. Como já vimos, nesse caso, o verbo *ir* perde seus traços semânticos de deslocamento e passa a exercer uma função temporal. Por isso, a expressão *vou ir* não pode ser considerada redundante. A BNCC recomenda que o estudante seja capaz de compreender o funcionamento de diferentes linguagens,

nos variados contextos, ampliando seu repertório em outras esferas sociais e midiáticas. A análise dessa construção já usada pelos alunos de forma regular viabiliza a oportunidade de o professor trabalhar a variedade de usos da língua, possibilitando ao aluno o reconhecimento de diferentes empregos linguísticos, associados a contextos comunicacionais específicos.

Frente a essas considerações, é possível afirmar que a BNCC preza por discussões linguísticas baseadas em pesquisas acadêmicas. Dessa forma, tratando do campo de ação social, a Base indica uma análise comparativa entre gramáticas descritivas, funcionais e as tradicionais prescritivas. Essa recomendação demonstra que existe uma tendência de identificação das motivações dos usos linguísticos. É por isso que, nesse aspecto, podemos também compreender que há uma inclusão dos pressupostos funcionalistas (Castanheira, Ilogti de Sá, 2024). Quanto aos campos de atuação social propostos para contextualizar as práticas de linguagem, esses correspondem aos mesmos considerados pela área: campo da vida pessoal (anos iniciais), campo artístico-literário, campo das práticas de estudo e pesquisa, campo jornalístico-midiático e campo de atuação na vida pública (BRASIL, 2018).

Na proposta da BNCC, o uso da norma-padrão, tanto na oralidade, quanto na escrita, é recomendado para necessidades contextuais, portanto há-se o entendimento de que o sistema linguístico é resultado da interação sócio-histórica, por isso vai além da norma-padrão veiculada nas aulas de Língua Portuguesa. Sendo assim, no processo de ensino-aprendizagem, encontramos no documento Base referências para, no eixo de análise linguística/semiótica, apresentar o conhecimento da norma-padrão, envolvendo análise textual, gramatical, lexical, fonológica, entre outros.

A partir disso, consideramos que ao se referir ao tempo verbal futuro, o professor deve levar em conta os contextos reais de comunicação, voltando-se para análise linguística. Isto é, as estruturas devem ser exploradas dentro do seu uso, das possibilidades comunicativas em que o aluno está inserido. Nessa conjectura, partimos para identificação do tempo verbal futuro apresentado na gramática do ensino fundamental, 6º ano.

6.3 A gramática em sala de aula

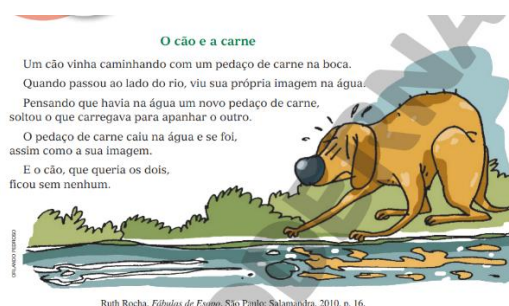
Na perspectiva canônica, são distinguidos três tempos básicos: passado, presente e futuro. Dessa maneira, temos (i) o passado, que se refere à situação que precede o momento da fala; (ii) o presente, que concerne à situação simultânea ao momento da fala; e (iii) o futuro,

que diz respeito ao contexto posterior ao tempo do ato da fala. Nesta pesquisa, tratamos do tempo futuro com objetivo identificar o tratamento desse conteúdo na gramática utilizada nas escolas do Ensino Fundamental.

Com este objetivo, selecionamos a *Gramática de Douglas Tufano*, 2017, Editora Moderna, do 6º ano do ensino fundamental. A obra é dividida em quatro volumes, do 6º ao 9º ano, indicada para o ensino fundamental II. Para início de reconhecimento, investigamos o que diz a editora sobre o livro: “A obra apresenta as noções fundamentais da norma culta, visando à apropriação desses conceitos, para que o aluno possa ler e escrever melhor” (<https://www.moderna.com.br/didaticos/livro/gramatica-fundamental-6-ano>). A partir dessa afirmação, observamos o uso da nomenclatura *norma culta*⁴⁰. Isso significa que essa gramática trabalha com variedades urbanas de prestígio, usadas pelas camadas sociais mais letradas. Contudo, observamos que ele apresenta apenas a estrutura padrão: o futuro sintético. Outra questão é que o conhecimento sobre as normas não é garantia para se tornar bom escritor e leitor. Em seguida partimos, para o exame do capítulo sobre tempo verbal futuro.

Na verificação do livro, observamos que o capítulo, denominado Verbo II, é dividido em (i) *Modos do verbo – indicativo*; (ii) *Tempos do indicativo*, que contempla *presente do indicativo*, *pretérito do indicativo* e *futuro do indicativo*; e (iii) *Ortografia em destaque*. O escritor inicia o capítulo com uma fábula *o cão e a carne* e, logo em seguida, faz questionamentos a respeito do texto. Vejamos o *print screen* do texto na Figura 13.

Figura 13 – Imagem do texto extraído do livro *Gramática de Douglas Tufano*



Fonte: Gramática de Tufano, 2017, p. 224

A maneira como foi iniciado o capítulo demonstra uma tentativa de realizar uma análise funcional, com exame do conteúdo gramatical a partir do texto e uso do gênero textual: fábula. Essa perspectiva segue as orientações da BNCC, tendo em vista que traz um texto, um gênero

⁴⁰ Existe uma discussão em volta da distinção entre norma padrão (normativo-prescritivo, tradicional) e norma culta (uso real de camadas sociais mais letradas), como sugestão indicamos FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

textual e a imagem. Assim, a obra *Gramática de Douglas Tufano*, 2017, parece flutuar entre uma postura tradicional e funcional.

O texto inicial *O cão e a carne* é curto, com construções simples. Isso demonstra que o texto tem potencial para uma boa abordagem de análise linguística/semiótica em sala de aula. Em uma ideia hipotética, podemos afirmar que, diante desse contexto apresentado no livro, o professor pode fazer uma análise mais ampla com seus alunos, integrando sentidos construídos e veiculados no texto, realizando até uma apreciação estética da linguagem visual, englobando organização das informações, estilo de leitura, tamanho dos parágrafos, fonte, entre outros fatores combinados que colaboram para composição do texto como todo.

Assim, trata-se de tomar um objeto (um texto) que faz parte do “mundo” do aluno, levando a transformar um conhecimento implícito em explícito e consciente, com objetivo de torná-lo capaz e competente nas diversas situações comunicativas sociointeracionais.

Em seguida, a partir da extração de passagens textuais da fábula, a exemplo de “o pedaço de carne caiu na água” (Tufano, 2017, p. 219), é explicado o conceito do modo verbal indicativo: “a forma verbal caiu expressa uma certeza em relação ao que aconteceu com o pedaço de carne: ele caiu na água. Quando queremos expressar certeza, usamos o verbo no modo indicativo” (Tufano, 2017, p. 219 – grifo nosso). Entendemos que localizar na frase mecanicamente este ou aquele conteúdo gramatical não favorece o processo de ensino-aprendizagem, visto que não conduz à real detecção da natureza do objeto estudado. Diante dessa exposição inicial, percebemos que, apesar de parecer tomar o texto como objeto central, tem-se a estratégia de uso do texto como pretexto para identificação formal da estrutura, um exercício de metalinguagem, sem levar em consideração as inferências e sem reflexão sobre a língua, isto é, a linguagem se “esgota na estrutura da oração” (Neves, 2017, p. 139). Além disso, a descrição sobre o modo indicativo é econômico em termos de extensão de texto e conteúdo informacional.

Via de regra, as gramáticas tradicionais não discutem sobre a natureza das construções em termos semânticos e discursivo-pragmáticos, limitam-se em analisar as estruturas por meio de nomenclaturas e classificação e, ainda, apresentam uma tendência a valorizar mais as atividades meta do que as epilinguísticas. A sugestão de práticas de análise linguística/semiótica da BNCC contempla desde aspectos mais tradicionais de ensino de Língua Portuguesa, como tempos verbais, até práticas embasadas nas teorias linguísticas.

Uma aula na perspectiva da análise linguística não exclui os conceitos gramaticais metalinguísticos, nem regras normativas, mas vai além do ensino gramatical. Não se trata de decorar regras, mas entendê-las, compreender seu funcionamento, para poder aplicá-las nos

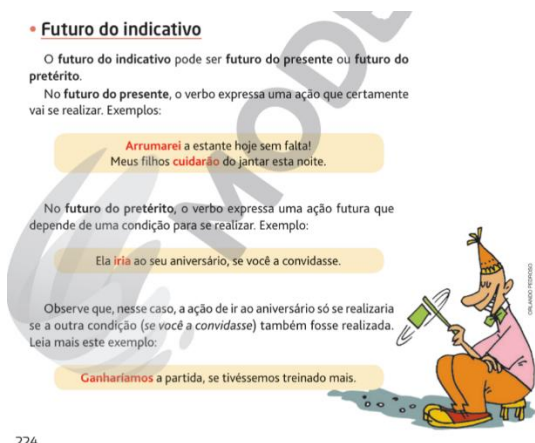
contextos específicos. As normas gramaticais devem estar associadas a uma perspectiva reflexiva, vinculada à leitura e produção textual; devem ser contextualizadas e apresentadas no uso efetivo da língua, mostrando aos alunos os efeitos de sentido empregados nos contextos.

Bagno (2017, p.110) propõe que a educação linguística leve os alunos a estudar a “língua que já falam e, na comparação com a tradição gramatical, aprender novas formas e novos usos, que poderão empregar conforme suas intenções, seus desejos e conforme lhes for permitido (ou não) pelas circunstâncias de interação, na fala ou na escrita”. O professor deve ater-se a um espaço para apresentar o funcionamento da norma real, habitual, usada pelos falantes em suas atividades linguísticas interacionais.

Dessa maneira, o texto não pode ser pretexto, com retirada de exemplos para explicação de conteúdos gramaticais. Além disso, na escolha do texto, deve-se levar em conta a língua viva (o uso atual), o universo do aluno, a vida social da comunidade onde estão inseridos, os embates ideológicos, a vida cotidiana. Quer dizer, o trabalho com a gramática deve ser realizado por meio de textos reais, da língua em uso. Assim, o trabalho em sala de aula deve reunir o texto e a gramática em uma relação simbiótica. Por meio do exame de diferentes textos, codificados em variados gêneros, pode-se observar a organização e as regras da língua.

Logo em seguida, o autor do livro didático parte para os tempos verbais. Destacamos aqui o que nos interessa: o futuro do presente. Vejamos o *print screen* que consta na Figura 14.

Figura 14 – Imagem extraída do livro *Gramática de Douglas Tufano*



Fonte: Gramática de Tufano, 2017, p. 224

De acordo com Neves (2017), a gramática, que serve como guia para as aulas de ensino fundamental, deve ter uma visão que funcionalmente não se simplifique na atenção a rótulos e categorizações estanques. Dessa forma, espera-se que nos manuais de gramática de uso escolar, principalmente à destinada ao professor, as categorizações sejam cientificamente embasadas.

Partindo dessa questão, acreditamos que faltam, neste capítulo da *Gramática de Douglas Tufano*, algumas noções básicas sobre o tempo verbal futuro. Conforme o autor, “o verbo expressa uma ação que certamente vai se realizar” (Douglas Tufano, 2017, p. 225). Essa definição de tempo futuro do indicativo é posta como uma entidade absoluta, no entanto, quando nos referimos ao futuro não podemos ter certeza absoluta, pois o futuro é desconhecido. Bagno (2012), mencionando Lyons (1986), argumenta que a noção de futuridade atravessa a distinção entre modo e tempo, isto é, apresenta um valor semântico bem mais modal do que temporal, afinal, só podemos ter certeza das coisas do passado e do presente, ainda que de maneira relativa. É nesse sentido que, segundo ele, podemos utilizar o tempo futuro com valor modal de hipótese ou dúvida, como: *Será que ele volta logo? Já é difícil dirigir com chuva que dirá numa estrada perigosa como essa...* (Bagno, 2012, p. 576).

Conforme Abraçado (2020), ao tratar do tempo verbal futuro, lidamos com sua instabilidade, fluidez e a complexidade das relações que mantém com a modalidade. Diferente do passado e presente, o futuro não faz parte de nossas experiências, ele vem intermediado de suposições, desejos e expectativas. Por isso, a noção de futuro está relacionada à modalização (obrigação, possibilidade, permissão, capacidade e necessidade).

Pesquisas linguísticas, como a nossa, sobre o português brasileiro têm mostrado que a forma sintética de futuro tem sido utilizada em textos de maior monitoramento, em alguns gêneros escritos. Ainda assim, nesses textos, há prevalência pela perifrástica: verbo *ir* + verbo no infinitivo. A partir disso, apresentamos, brevemente, na subseção 6.4 uma proposta de atividade para o tratamento do tempo verbal futuro do presente.

6.4 Uma proposta de atividade para o tratamento do tempo verbal futuro do presente

Nesta subseção, temos como objetivo propor uma atividade para o 6º ano do Ensino Fundamental, visto que as práticas de linguagem dos anos iniciais, como os finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) servem de base para o Ensino Médio. Diante desse propósito, consideramos as recomendações propostas pela BNCC, como a de que os alunos devem compreender o funcionamento de diferentes linguagens, em diferentes contextos de uso, ampliando, assim, seu repertório em outras esferas midiáticas e sociais.

Conforme a BNCC, “os eixos de integração propostos para o Ensino Médio são as práticas de linguagem consideradas no Ensino Fundamental: leitura, produção de textos, oralidade (escuta e produção oral) e análise linguística/semiótica” (BRASIL, 2018, p. 492). Quer dizer que a BNCC envolve quatro práticas de linguagem: oralidade, leitura/escuta,

produção (escrita e multissemiótica) e análise linguística/semiótica. Assim, entendemos que é no trabalho com os mais variados gêneros textuais (falados e escritos) que os estudantes terão consciência da multiplicidade de usos possíveis da língua. Quanto ao campo de atuação, são apresentados cinco: campo da vida cotidiana (somente anos iniciais), campo artístico-literário, campo das práticas de estudo e pesquisa, campo jornalístico-midiático e campo de atuação na vida pública.

Diante dessas orientações, nossa proposta se insere no campo jornalístico-midiático que trata de “ampliar e qualificar a participação das crianças, adolescentes e jovens nas práticas relativas ao trato com a informação e opinião, que estão no centro da esfera jornalística/midiática” (Brasil, 2018, p.140). Dessa forma, neste campo, tem-se o intuito de que os alunos sejam capazes de

[...] construir conhecimentos e desenvolver habilidades envolvidas na escuta, leitura e produção de textos que circulam no campo, o que se pretende é propiciar experiências que permitam desenvolver nos adolescentes e jovens a sensibilidade para que se interessem pelos fatos que acontecem na sua comunidade, na sua cidade e no mundo e afetam as vidas das pessoas, incorporem em suas vidas a prática de escuta, leitura e produção de textos pertencentes a gêneros da esfera jornalística em diferentes fontes, veículos e mídias, e desenvolvam autonomia e pensamento crítico para se situar em relação a interesses e posicionamentos diversos e possam produzir textos noticiosos e opinativos e participar de discussões e debates de forma ética e respeitosa (Brasil, 2018, p.140).

Nessa perspectiva, o ponto de partida deve ser o texto, em seu contexto real de uso, que seja próximo ao seu “mundo”, para proporcionar experiências de papéis sociais, utilizando a prática social para alcançar os objetivos propostos. A partir do texto, o estudante pode reconhecer e apoderar-se dos efeitos de sentido, que são obtidos por meio de recursos linguísticos. Baseadas no que Bagno (2012) diz: “a função da escola é ensinar aquilo que o aprendiz não conhece”, não deixaremos de lado os aspectos da Tradição Gramatical, pois concordamos que o aluno deve “compreender o funcionamento de diferentes linguagens, em diferentes contextos de uso, ampliando seu repertório em outras esferas midiáticas e sociais” (Castanheira, Ilogti de Sá, 2024, p. 203). Seguimos, então, para proposta de ensino. Vejamos o Quadro 6.

Quadro 6 – Proposta de atividade

ATIVIDADE	PROPOSTA DE ENSINO
OBJETIVO	Reconhecer os efeitos de sentido decorrentes do contexto e do entorno das estruturas linguísticas; Identificar a linguagem utilizada na notícia e nos comentários postados Reconhecer as estruturas linguística do futuro do presente de acordo com uso.
	CONTEÚDO
	Tempo verbal futuro
	TEMPO
	2horas/aulas
	ETAPAS 1. Discussão sobre o tema tentativa de golpe contra o presidente do Brasil; (15 minutos) 2. Leitura da notícia postada em uma conta pública da cidade (<i>Instagram</i>); (3min) https://www.instagram.com/p/DCpTNjMvybL/?igsh=cDRtNjd4azd3Nm5m 3. Análise dos fatos e das circunstâncias, por meio de checagem de veracidade de informação; (im)parcialidade no relato de fatos; avaliação dos argumentos utilizados (mecanismos de persuasão); identificação da função social do texto (para que foi produzido; quem produziu e quem é o público alvo); (12 min) 4. Leitura dos comentários, com identificação de continuidade ou mudança de tópico e de discursos de ódio ou apoio; (20 min) 5. Comparação entres os gêneros, destacando elementos distintos e semelhantes entre os gêneros; (10 min) 6. Análise semântica dos comentários, com identificação das perífrases que expressam opiniões, desejos possibilidades, suposições de acontecimentos futuros. Destaque dos acontecimentos e o distanciamento temporal do sujeito em relação ao momento em que se fala; (15min) 7. Análise semântica das estruturas perifrásticas e substituição por outras estruturas, propostas pela Gramática Tradicional; (15 min) 8. Reconhecimento das estruturas do futuro proposta pela Gramática Tradicional para expressão do futuro. (10 min)
	AVALIAÇÃO Divisão da sala em dois grupos: (i) Grupo 1 - produção de um vídeo-minuto informando as possíveis consequências do crime praticado (Entrevista). (ii) Grupo 2 - produção de uma notícia escrita sobre as possíveis consequências do crime praticado (Texto jornalístico).
	MATERIAS DE APOIO https://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2024-11/pf-conclui-inquerito-sobre-tentativa-de-golpe-e-indicia-37-pessoas https://www.cnnbrasil.com.br/politica/bolsonaro-e-mais-36-sao-indiciados-o-que-acontece-agora/

Nossa proposta busca mostrar, de forma prática, de acordo com orientações da BNCC, que o *ir* junto ao verbo no infinitivo constituem uma pareamento forma-função: percebemos que, por meio de vínculos morfossintáticos, semântico-pragmáticos e discursivo-funcionais entre os elementos da sentença, todo o conjunto informacional sofre alterações. Embora os compêndios gramaticais tradicionais tratem somente de uma estrutura padrão do tempo verbal futuro, devemos apresentar textos escritos e orais que contenham a forma do futuro perifrástico (*ir* + verbo no infinitivo), pois trata-se de uma construção socialmente prestigiada e bastante produtiva.

Na prática, ao mostrar as perífrases em uso ao aluno, podemos trazer as formas de futuro apresentadas pela Gramática Tradicional, mostrando que, dependendo do contexto, dos gêneros, certos textos requerem mais monitoramento, com vínculo à norma padrão. Assim, descrevemos as etapas mencionadas no Quadro 6.

1. Ao iniciar a aula, o professor poderá levantar a discussão em sala de aula sobre o tema: a tentativa do golpe de estado para manter Bolsonaro na presidência, com o propósito de verificar o que os alunos já sabem sobre o assunto (informação nova ou já conhecida). Solicitar para que eles relatem o que ouviram ou leram, o que sabem; (10 min)
2. Após a discussão, o professor deverá entrar na plataforma *online Instagram* e apresentá-la por meio de um retroprojeter o texto <https://www.instagram.com/p/DCpTNjMvybL/?igsh=cDRtNjd4azd3Nm5m>, fazendo a leitura com os alunos da reportagem. Este texto será o ponto de partida para observação e análise semântica; (3 min)
3. Após essa fase, o professor conduzirá a aula questionando: Qual imagem aparece na notícia? O que podemos entender quando aparece a imagem e nome de Bolsonaro, sem mencionar outros supostos responsáveis sobre a tentativa de golpe? Há imparcialidade no relato dos fatos? Quanto à quantidade de informação, é pouca, muita ou suficiente para o tipo de notícia? Qual gênero textual? Quem publicou a notícia? A notícia é verdadeira? Para quem foi produzido o texto? (12min)
4. Em seguida, deverá ser realizada a leitura dos comentários, fazendo uma análise sobre a continuidade ou mudança de tópico, identificando discursos de ódio ou apoio, expectativas;
5. Na sequência, deverá ser feita uma comparação entre os gêneros notícia e comentário, questionando o tipo de linguagem utilizada na notícia e no comentário; qual apresenta caráter mais formal e quais elementos indicam o caráter mais formal ou informal.

Assim, o professor poderá explicar que a notícia é de caráter mais formal e se apegua às normas da gramática normativa. Os comentários apresentam características mais informais, com gírias e sentidos mais figurados (metaforizados), a exemplo de “*Eles não vão parar até tirar ele da reta. Sabe que ele vai voltar*”.

- 6 Depois, realizar uma análise semântica de alguns comentários. Pode-se mencionar, por exemplo, que esse enunciado *Eles não vão parar até tirar ele da reta. Sabe que ele vai voltar* remete a um sentido de possibilidade, algo que pode ocorrer em um tempo futuro. A escolha pelos termos utilizados nos mostra que há uma expectativa do comentarista em relação de algo que pode vir acontecer, parece haver um desejo de que o Bolsonaro retorne à presidência. Nisso, há um distanciamento temporal entre o momento que se fala e o acontecimento.
- 4 Dando continuidade, o docente poderá conduzir os alunos à análise semântica das perífrases que revelam acontecimentos temporais de futuridade presentes em alguns comentários, como *vai voltar; não vão parar*. O que esses verbos expressam? Com a expressividade de futuro presente nessas locuções, poderíamos substituí-las, dependendo do contexto, para *pararão* (terceira pessoa do plural, do futuro do presente) e *voltará* (primeira pessoa do singular, do futuro do presente).

Antes de partir para explicação do tempo futuro do presente, a primeira informação é que existem 3 tempos verbais: (i) presente, (ii) passado ou pretérito e (iii) futuro. Nesse ponto, o professor retoma os assuntos já mencionados, como presente e passado, e explica que o futuro se refere a expectativas. Nesse reconhecimento, a condução é levar o aluno a conhecer as estruturas propostas pela Gramática Normativa para expressão do futuro, como a estrutura encontrada na notícia: “*Caberá à procuradoria [...]*”. Essa estrutura é considerada a padrão para identificação da estrutura do futuro: radical *cab* + moferma *rá*, para expressar acontecimentos que não fazem parte do momento em se fala. Aqui, inicia-se uma descrição de análise linguística.

- 5 Nesta fase, o professor questionará qual é pessoa do verbo *caberá* (1^a, 2^a, 3^a). Com o suporte do quadro escolar, solicitar que os alunos falem intuitivamente a conjugação do verbo *caber*, enquanto o professor escreve as respostas que ouve no quadro. A partir disso, o professor colocará a conjugação do verbo *caber* do futuro do presente proposta pela Gramática Tradicional ao lado das respostas dos alunos. Em seguida, o professor vai selecionando alguns comentários, realizando a análise semântica, e modificando as estruturas perifrásticas de futuro para a norma padrão. Por exemplo: *Senhores petistas*

notícia boa vai ser depois do dia 20 de janeiro. Esse enunciado se refere a algo possivelmente pode ocorrer no momento futuro, momento posterior ao que se fala. Parece ser um discurso de apoio a Bolsonaro, um recado às pessoas que votam no Partido Trabalhista. Esse comentário é uma reação de escárnio, zombaria sobre a notícia, escreve ao contrário do que deseja expressar. Após análise semântica, o professor pode questionar. “Poderia, nesta frase, mudar a estrutura *vai ser* por *será* sem mudança de sentido? Nessa frase, a composição *vai ser* possui a mesma condição semântica de futuro da estrutura *será?*” As perífrases, comumente, apresentam valores modais, como por exemplo *vai conseguir*, extraído do comentário do Instagram: *Gente pense um pouco lula roubou tudo que tinha direito no foi preso na operação lava jato foi condenado...agora estão tentando incriminar Bolsonaro o melhor presidente que o Brasil já teve e terá de novo em 2026.. pra terminar o meu Raciocínio..pense aí lula foi condenado e preso e ainda conseguiu ser por meio de Roubo Presente.. por que Bolsonaro não vai conseguir tbem a justiça tem que ser pra Todos!* Nessa expressão, há um comprometimento, uma crença de quem escreve em relação à verdade. Ele acredita no que está escrevendo. Aqui há um valor modal de certeza, junto com um sentido de tempo futuro. A palavra *terá*, estrutura proposta pela Gramática Tradicional, presente no mesmo comentário, expressa um fato que há de vir. O professor deve apontar ainda para verbos no presente indicando o futuro, como: *o que acontece agora*, no lugar de *o que acontecerá*.

É importante que o professor mostre aos alunos que existem diversos recursos disponíveis na língua para a codificação da categoria de futuro e guie-os para que estabeleçam uma relação entre gêneros textuais e as formas futurizadas, para que eles adequem as formas com os contextos de uso. Com isso, os discentes são conduzidos a refletirem sobre os recursos utilizados em determinadas situações e compreenderem que algumas estruturas são utilizadas em contextos mais formais e outras, em contextos menos formais.

Para avaliar a aprendizagem dessa categoria gramatical, os alunos devem observar as formas de futuro do presente em diferentes gêneros textuais escritos, fazendo comparações entre os sentidos presentes nessas estruturas. Após a realização dessa sondagem, eles deverão produzir uma notícia, atentos ao contexto de uso: o formal, em que se exige um comprometimento com as normas, e o informal, no qual se tem certa liberdade de produção.

O grupo 1 deverá fazer um roteiro de perguntas, com o apoio do professor e suporte de outros textos, para parentes, outros professores, como

Esse procedimento permite que os alunos façam uma reflexão sobre a língua e reconheçam o caráter moldável e dinâmico dela. Salientamos que as orientações propostas estão

passíveis de adequações, posto que se deve considerar a realidade do aluno, o conteúdo programado e o nível de escolaridade.

De forma resumida, nossa proposta consiste no reconhecimento, por meio de comparação, das variedades de estruturas com valor de futuro, conduzindo o aluno a identificar que o *ir*, na perífrase, acumula funções temporais e modais, enquanto a estrutura sintética apresenta certa neutralidade em relação aos efeitos de sentido. Assim, o uso do futuro sintético é favorecido em contextos mais formais, enquanto as perífrases podem ser encontradas em ambos contextos, formais e informais, e seus usos envolvem efeitos de sentido, como intenção, obrigação, suposições, entre outros.

Assim, nesta seção, expomos alguns problemas relacionados ao ensino, bem como as propostas disponibilizadas em documentos oficiais para sanar às dificuldades. Em sequência, apresentamos uma gramática utilizada por alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, demonstrando que existe uma flutuação entre o método tradicional e funcional. Por fim, desenvolvemos uma proposta de atividade sobre o tempo verbal futuro, voltada ao Ensino Fundamental em consonância com os documentos normativos que regem a educação brasileira.

Dessa forma, os pontos aqui assumidos são demonstrações de que é possível vincular os resultados de pesquisas funcionalistas com os objetivos de ensino aprendizagem nos níveis Fundamental e Médio propostos pelos documentos oficiais, PCN e BNCC.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo da pesquisa *Construções com o verbo ir no português de Vitória da Conquista: uma abordagem centrada no uso* consiste em analisar a variabilidade do verbo *ir* na terceira pessoa do singular, no presente do indicativo, em diferentes contextos de uso, descrevendo os padrões fonético-fonológicos e morfossintáticos, bem como as motivações semântico-discursivas. Movidas por esses propósitos, recorreremos à Linguística Funcional Centrada no Uso (Cezario; Furtado da Cunha, 2013; Oliveira; Rosário, 2015), em alinhamento com a Gramática de Construções e a Linguística Cognitiva, tomando como referência Goldberg (1995); Traugott e Trousdale (2021) e Bybee (2016).

No que diz respeito à metodologia, amparamo-nos no método quali-quantitativo, proposto por Cunha Lacerda (2016), que concerne à união de duas metodologias: qualitativa e quantitativa. Isso nos permitiu, do ponto de vista qualitativo, compreender as motivações para emergência das construções, identificando os processos cognitivos envolvidos na articulação da mudança de sentido. Do ponto de vista quantitativo, podemos observar a produtividade, que está relacionada às frequências *Type* e *Token*. Para isso, utilizamos o *software Antconc*, desenvolvido por Laurence Anthony. Nesse caminho, optamos por dois *corpora* orais (Português Popular de Vitória da Conquista – PPVC e Português Culto de Vitória da Conquista – PCVC) e dois escritos (um *Instagram* humorístico e um *blog* jornalístico).

Na identificação do nosso objeto, descrevemos, brevemente, a formação do futuro no Latim até os dias atuais; apresentamos pesquisas funcionalistas e (sócio)funcionalista que analisaram as perífrases com o verbo *ir*. A partir delas, Nunes (2003), Oliveira (2006), Fonseca (2010) e Silva (2016), constatamos que ambos resultados desses trabalhos apontam para uma mudança em curso e a gramaticalização do *ir*. Respalgadas nas teorias do Funcionalismo Norteamericano, confirmamos o processo de gramaticalização do *ir* e apontamos para algumas motivações de uso da perífrase, como metáfora e metonímia. Com base na abordagem Multissistêmica, podemos entender que, diferentemente do que o Funcionalismo Clássico propõe, é possível uma multidirecionalidade dos itens linguísticos. Isso nos leva a repensar o princípio da unidirecionalidade.

Com base nos pressupostos teóricos escolhidos para análise dos dados, consideramos que as construções com o *ir* podem ser representadas em um *continuum* (do léxico para gramática), com elementos centrais e periféricos, por meio de uma rede hierárquica. Muitas dessas categorias se interconectam por meio de relações associativas, extensão semântica

metafórica, formando entre si uma rede categorial taxonômica. Dessa forma, ratificamos nossa hipótese de que o *ir* constitui um pareamento forma-significado, gerando um novo nó na rede. Com a distribuição total do Português Culto e Popular de Vitória da Conquista identificamos 7 *types* provenientes das microconstruções com verbo *ir*, a saber: (i) 443 (67,32%) construções com verbo *ir* no presente do indicativo + verbo no infinitivo [(S) + V_{ir} + V_{inf}]; (ii) 102 (15,50%) dados em que o *ir* atua como lexical, acrescido de preposição e um sintagma nominal, [V_{ir}+ Prep+ SN].; (iii) 75 (11,4%) amostras do uso do verbo com significação lexical, em sua forma intransitiva; [V] (iv) 14 (2,13%) ocorrências da expressão cristalizada por *aí vai*; [Pre + Loc + V_{ir}]; (v) 20 (3,04%) expressões em que o verbo *ir* acompanha o locativo *lá*, [Pre + Loc + V_{ir}]; (vi) 3 (0,46%) usos do operador hipotético *vai que*, [V_{ir} + Que] e (vii) 1 (0,15%) amostra do uso do *vai de*, [V_{ir} + De].

Quanto aos *corpora* escritos, verificamos que a modalidade escrita, o *Instagram*, possui uma maior quantidade de *types*, com níveis mais distantes do *ir* em sua função lexical. Essa constatação corrobora com a nossa hipótese de que os textos de formalidade 2 apresentam maior produtividade de tipos de construções procedurais (5 *types*), tais como: (i) (S) + V_{ir} + V_{inf}; (ii) V+ Prep+ SN; (iii) V + Que; (iv) Prep + Loc + V e (v) V. Se, por um lado, os comentários postados no *Instagram* apresentam uma escrita mais próxima à oralidade; há informalidade entre os constituintes da interação, sem muita preocupação com recursos gramaticais determinados pela GT, por outro lado, a escrita retratada no *Blog*, apesar de não isenta da variação linguística, tem uma preocupação maior com as normas prescritas pela GT e por esse motivo encontramos apenas 3 *types*: (i) (S) + V_{ir} + V_{inf} ; (ii) V_{ir}+ Prep+ SN e (iii) V + Loc. Podemos compreender que essa diferença ocorre devido ao padrão discursivo gênero textual. Diante dessas amostras analisadas, concluímos que o grau de formalidade e o gênero discursivo condicionam o uso das microconstruções com *ir*.

Verificamos que essas construções carregam valor modal (de obrigação, possibilidade, suposição, entre outros), junto à referência de tempo futuro, o que comprova nossa hipótese inicial de que as construções acompanhadas pelo *ir* na terceira pessoa do singular, do presente do indicativo apresentam traços temporais de futuro intrinsecamente relacionadas à modalização. O contexto é um fator importante nesse processo de construção dos sentidos, tanto lexicais quanto gramaticais. Assim, é preciso reconhecer a relevância da experiência biossocial do falante, da frequência de uso, da categorização e do contexto como elementos que interferem na criação de novas significações.

No vernáculo em análise, compreendemos que a recorrência de uma estrutura, com maior nível de frequência, passa a esquematizar novas construções, com progressivos graus de

abstração. Dessa forma, com uma visão mais holística da linguagem, buscamos encontrar um padrão que esteja relacionado diretamente com recrutamento de outras construções com o *ir*. Assim, a partir da visualização dessas frequências, acreditamos que $[V_{ir} + X]$ seja um padrão produtivo esquemático que sanciona diferentes formas menos gerais, algumas mais convencionais do que outras, com uso acima de 60%. Os novos sentidos são negociados durante a interação comunicativa, com base em construções já existentes, sendo abstratizados com propósito de desempenhar novas funções.

Os resultados nos mostraram que, em determinados contextos, algumas construções com *ir* tornaram-se mais abstratas e com uma nova função sintática, parecendo formar uma única unidade fonético-fonológico (*chunk*), a exemplo de *vai que ele era louco*. Na configuração morfossintática, validamos que a construção com *ir* apresenta, em contextos diferentes, traços mais composicionais, em outros, traços menos composicionais. Assim, algumas construções são fixas, sem variação de tempo, modo e pessoa. Além disso, essas construções passam por uma neonálise, tornando-se pertencente a outra classe hospedeira (*host-class*). A esse respeito, encontramos microconstruções em que o verbo *ir*, ora atua como predador, ora exerce a função de verbo auxiliar, carregando consigo a variação modo-temporal. Lehman (1991) afirma que, quanto mais autônomo um signo, menos gramaticalizado ele é, e quanto menos autônomo, mais gramaticalizado se torna.

Em relação aos fatores semânticos, verificamos que há mecanismos metafóricos e metonímicos no uso das construções com *ir*, com sentidos que se distanciam do protótipo/exemplar. No eixo discursivo-pragmático, destacamos que a informatividade, inferência, intersubjetividade favorecem as construções formadas com o *ir*. Nesse processo interativo, o falante/escritor intenta, de maneira não evidente e explícita, produzir no ouvinte/leitor uma determinada crença. Assim, faz uso de construções com valores modalizados.

Dessa forma, concluímos que, além das propriedades de domínio cognitivo, a pressão estabelecida nos contextos discursivos e a organização linear das informações motivam a emergência de novas construções. No contexto comunicativo interacional, o falante faz uso de estruturas já existentes com novas funções. O aumento e a frequência de uso das construções passam a indicar funções mais abstratas e até interpessoais, visto que são colocadas nelas crenças, valores e experiências de mundo. A mudança, dessa forma, acontece devido ao esvaziamento de sentido prototípico em favor de um novo sentido motivado pragmaticamente.

Diante desses fatos, reconhecemos que os estudos linguísticos são importantes para área de ensino de língua portuguesa, uma vez que apresentamos a descrição dos fenômenos

linguísticos, bem como as motivações para criação e inovações das construções. A dinamicidade da língua faz com que o ensino de língua portuguesa, baseado apenas na gramática tradicional, se torne ultrapassado e ineficiente. É por isso que professores do Ensino Médio e Fundamental necessitam ter acesso a pesquisas dessa natureza a fim de que reconheçam a importância da análise a partir de contextos de uso. Além disso, pesquisas como esta, que dialogam com outras áreas, como a cognição, podem ser consideradas muito recentes no Brasil, por isso compreendemos que ainda há muito a ser pesquisado.

REFERÊNCIAS

- ABRAÇADO, J. **O tempo, o tempo linguístico e o tempo verbal**: propriedades e relações. São Paulo: Contexto, 2020.
- ABRAÇADO, J; KENNEDY, E. Aquisição da linguagem: palavras iniciais. **Gragoatá**, v.16, n.30, p.11-36, 2011. Disponível em <https://doi.org/10.22409/gragoata.v16i30>. Acesso em: out. 2024.
- ABRAÇADO, J. DIAS, N. B; LIMA-HERNANDES, M. C. A futuridade e sua expressão linguística na interação humana. In: RESENDE, B. D. *et al.* **Linguagem e cognição**: um diálogo interdisciplinar. Lecce: Pensa MultiMeida, 2015, p. 213-238.
- ANDRADE, M. A da S. **Construções gramaticais com ir no português brasileiro contemporâneo**. (Tese) Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. Natal, 2017.
- ANTUNES, Irandé. **Aula de português**: encontro & interação. São Paulo: Parábola, 2003.
- ARENA, A. B; OLIVEIRA, M. R. de. O viés funcional do pareamento simbólico função < > forma na abordagem construcional da gramática. **Revista Soletras**, v.1, n.37, p. 30-57, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.12957/soletras.2019.37628> . Acesso em: jun. 2021.
- BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- BAGNO, M. Porque estudar uma gramática brasileira? In: CASSEB- GALVÃO, V.; NEVES, M. H. de M. (orgs). **O todo da língua: teoria e prática do ensino de português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017, p. 97-121.
- BATORÉO, Hanna. **Expressão do espaço no português europeu**: contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.
- BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronterira, 2009.
- BISPO, E; CUNHA, M. A. F. da. Pressupostos teórico-metodológicos e categorias analíticas da Linguística Funcional Centrada no Uso. **Revista do Gelne**, v.15, n.1/2, p. 53-75, 2013. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/341577024> . Acesso em: jun. 2021.
- BISPO, E. B.; GUIMARÃES LOPES, M. Linguística Funcional Centrada no Uso: teoria, método e aplicação. **Revista Odisseia**, [S. l.], v. 7, n. Especial, p. 1-10, 2022. DOI: 10.21680/1983-2435.2022v.7nEspecialID28489. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/28489>. Acesso em: 30 set. 2024.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRITTO, Luiz P. L. A nova crítica ao ensino da língua. In: BRITTO, L. P. L. **A sombra do caos: ensino de língua X tradição gramatical**. 2 reimp. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2002, p. 97-126.

BYBEE, J. **Língua uso e cognição**. Trad. Maria Angélica Furtado da Silva. Cortez: São Paulo: 2016.

BYBEE, J. Mechanisms of change in Grammaticization: The Role of Frequency. In: JANDA, J. & JOSEPH, B. D. (ed.). **The Handbook of Historical Linguistics**. Oxford: Blackell, 2003. p. 602-623.

BYBEE, J. **Mudança Linguística**. Trad. Marcos Bagno. Rio de Janeiro: Vozes, 2020.

BYBEE, J. *et al.* **The evolution of grammar**: tense, aspect and modality in the languages of the world. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

BYBEE, J.L.; PAGLIUCA, W.; PERKINS R. Back to the future. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (ed.) **Approaches to grammaticalization**, vol. II. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p. 17-58.

CAMARA JR, J. M. **Uma forma verbal portuguesa**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1956.

CASTANHEIRA, D. ; ILOGTI DE SÁ. E. PCN E BNCC à luz do funcionalismo linguístico: revisitando Oliveira e Cezario (2007). In: CASTANHEIRA *et al* (orgs). **Discurso, Gramática e Funcionalismo**: uma homenagem à Maria Maura Cezario. Campinas: Pontes Editores, 2024, p. 193-207.

CASTILHO, A. T. de. A gramaticalização. **Cadernos de estudos lingüísticos e literários**. Salvador: UFBA, n. 19, p. 25-60, 1997.

CASTILHO, A. T. de. Aspecto Verbal no português falado. In: ABAURRE, M. B. M.; RODRIGUES, A. C.S. (org.) **Gramática do Português Falado**. Campinas: Ed. Unicamp, 2002. p.83-121.

CASTILHO, A. T. de. Unidirectionality or multidirectionality? **Revista do GEL**, São Paulo, v. 1, n.1, p35-48, 2004.

CASTILHO, A. T. de. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2012.

CASTILHO, A. T. de. Entrevista. **Revista Prolíngua**. Paraíba: UFPA, v. 9, n.2, p. 87-100, 2014.

CEZARIO, M. M. PINTO, D. C. de M.; ALONSO, K. S. B; Trajetórias: Mário Martelotta e os Estudos em Gramaticalização. In: CEZARIO, M. M; FURTADO DA CUNHA, M. A. (org.). **Linguística Centrada no Uso**: uma homenagem a Mário Martelotta. Rio de Janeiro: Maud X, FAPERJ, p.41-58, 2013.

CHOMSKY, N. **Lectures on Government and Binding**. Dordrecht: Foris, 1981.

CIPRO NETO, P., INFANTE, U. **Gramática da Língua Portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2004.

CORÔA, M. L. M. S. **Tempo e Temporalidade na língua**. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de Campinas, São Paulo, 1998.

CROFT, W. **Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CUNHA, C; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 6. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

CUNHA LACERDA, P. F.A. da C. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. **Revista Linguística**. Revista do programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume Especial, dez de 2016, p. 83-101.

CUNHA LACERDA, P. F A. da; FURTADO DA CUNHA, M. A.. Gramática de construções: princípios básicos e contribuições. In: OLIVEIRA, M. R.; CEZÁRIO, M. M. (org.). **Funcionalismo linguístico: diálogos e vertentes**. Niterói: Eduff, 2017. p. 17- 46.

DIESSEL, H. **The grammar network**. How linguistic structure is shaped by language use. New York: Cambridge University Press, 2019

DU BOIS, J. W. Discourse and grammar. In: TOMASELLO, M. (Ed.). **The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure**. Mahwah, New Jersey/London: LEA, 2003b. v.2. p.47-87.

DOUGLAS, T. **Gramática Fundamental**. 3.ed. São Paulo: Moderna, 2017.

FAGUNDES. E, D. A gramaticalização do verbo ir na construção de novas conjunções. In: MENON, O. P. da S., FAGUNDES. E, D. **Estudos sobre português no Sul do Brasil**: Curitiba, PR: EDUTFPR, 2022, p. 53-71.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FERRARI, L. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.

FERREIRA, L. M. A.; CEZARIO, M. R; MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J. Uma abordagem pancrônica da sintaxe portuguesa. **Revista Gragoatá**, Niterói, n.9, p. 135-154, 2000.

FILLMORE, C. J. Syntactic intrusions and the notion of grammatical construction. In: **Proceedings of the 11th annual meeting of the Berkeley Linguistics Society**, 1985, p. 73-86.

FILLMORE, C. J. An alternative to checklist theories of meaning. In: Cogen, C. *et al.* (ed.). **Proceedings of the First Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society**. Berkeley: Berkeley Linguistics Society, 1975. p. 123-31.

FILLMORE, C. J. The mechanisms of “Construction Grammar”. **Proceedings of the 14th annual meeting of the Berkeley Linguistics Society**, 1988, p. 35-55.

FILLMORE, C. J.; KAY, P.; O’CONNOR, M. C. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: the case of let alone. **Language**, n. 64, v. 3, p. 501-538, 1988.

FONSECA, A. M. H. da. **A perífrase verbal ir + infinitivo do dialeto riopretano**: um estudo na interface sociolinguística/ gramaticalização. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. São José do Rio Preto, 2010.

FRIED, M. Construction grammar. In: KISS, Tibor; ALEXIADOU, Artemis (ed.). **Syntax - theory and analysis**: an international handbook, v. 1. Berlin: De Gruyter Mouton, 2015. p. 974-1003.

FREITAG, R. M. K.; OLIVEIRA, J. M.; COAN. Formas simples e perifrásticas do verbo em relação ao domínio tempo-aspecto-modalidade. In: CASTILHO, A.; LOPES, C. R. (orgs.). **Mudança sintática das classes de palavra**: perspectiva funcionalista (Coleção história do Português Brasileiro, Vol. IV). 1. ed. São Paulo: Contexto, 2018. pp. 186-239.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; CUNHA, M. A. Furtado (org.). **Linguística centrada no uso**: uma homenagem a Mário Martelotta. Rio de Janeiro: Mauad X; FAPERJ, 2013. p. 13-39.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; COSTA, M. A.; CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica *et al.* (org.). **Linguística funcional**: teoria e prática. São Paulo: Parábola, 2013. p. 21-48.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. A mudança linguística. In: MARTELOTTA, M. E. (org.), **Linguística Funcional**: teoria e prática. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, J. R. **Linguística Funcional Centrada no Uso e ensino de português**. Gragoatá, n. 36, p. 80-104, 2014.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; SILVA, M. A. da. A gramaticalização do verbo ir: implicações para o ensino. In FURTADO DA CUNHA, M. A.; TAVARE, M. A. (Orgs.). **Funcionalismo e ensino de gramática**. 1. ed. Natal, RN : EDUFRRN, 2016.

GOLDBERG, A. E. **Constructions**: a construction grammar approach to argument structure. Chicago: University Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. Constructions: a new theoretical approach to language. **Trends in Cognitive Sciences**, v. 7, 2003. p. 219-224.

GOLDBERG, A. E. **Constructions at work**: the nature of generalization in language. Oxford: University Press, 2006.

GONÇALVES, A. O processo de gramaticalização do verbo IR no português brasileiro: um estudo diacrônico. **Revista Eletrônica de Linguística**, v.6, n. 1, p. 392-416, 2012.

GONÇALVES, S. C. L. et al. Tratado Geral sobre Gramaticalização. In: GONÇALVES, S. C. L.; HERNANDES-LIMA, M. C.; CASSEB-GALVÃO, Vânia C. (org.). **Introdução à Gramaticalização**. Homenagem a Maria Luiza Braga. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. p. 15-66.

GIVÓN, T. **On understanding grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin/Academic Press, 1979.

GIVÓN, T. **Syntax: an introduction**. v.1. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

GIVÓN, T. **Functionalism and grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

ILARI, R. **A Expressão do Tempo em Português**. São Paulo: Contexto: EDUC, 1997.

ILARI, R; BASSO, R. M.. O verbo. In: CASTILHO, Ataliba T. de; NEVES (Coord.), Maria Helena de Moura (org.). **Gramática do Português Culto Falado no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Editora da Unicamp, v. 7, 2008, p. 163 - 341.

LIMA, J. P. Sobre a gênese e a evolução do futuro com ir em Português. In: SILVA, A. S. (Org.). **Linguagem e Cognição**. A perspectiva da Linguística Cognitiva, Braga: APL/Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Filosofia de Braga, 2001. p. 119-196.

HEINE, B. et al. From Cognition to Grammar – Evidence from African Languages. In: TROUGOTT, E; HEINE, B. (org.) **Approaches to Grammaticalization**, v.1, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991 (1991a), p. 149-187.

HEINE, B. *et al.* **Grammaticalization: A Conceptual Framework**. Chicago: University of Chicago Press, 1991. (1991b).

HOPPER, P. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs and HEINE, B. (org.). **Approches to Grammaticalization**. Amsterdam: John Benjamins, 1991, p. 17-36.

HOPPER, P; TRAUGOTT, E. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HOPPER, P. J. Emergent grammar. **Berkeley Linguistic Society**, n.13, 1987. p. 139-57.

LAKOFF, G. **Irregularity in syntax**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1970.

LAKOFF, G. Syntactic amalgams. **Papers from the 10th annual meeting of the Chicago Linguistics Society**, 1974. p. 321-344.

LANGACKER, R. W. Syntactic reanalysis. In: LI, C. (ed.) **Mechanisms of Syntactic Change**. Austin: University of Texas Press, 1977. p. 56-139.

LANGACKER, Ronald W. **Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites**. Stanford: Stanford University Press, 1988.

LEHMANN, C. Grammaticalization and Related Changes in Contemporary German. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (Ed.). **Approaches to Grammaticalization**. v. 2. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991. p. 493-535.

LIMA, J. P. de. Sobre a gênese e a evolução do futuro com “ir” em português. In: SILVA, A. S. da (org.). **Linguagem e cognição**. Braga: Associação Portuguesa de Linguística / Universidade Católica Portuguesa, 2001. p.119-145

LIMA, A. P. **Agora: o funcionamento de um item linguístico**. 99f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2014.

LONGO, B. de O.; CAMPOS, O. de S. A auxiliaridade: perífrase de tempo e de aspecto no português falado. In: ABAURRE, Maria Bernadete M.; RODRIGUES, Angela C. S. (org.). **Gramática do Português Falado**. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002. p. 445-497
V. 8.

LOPES, M. G; ROSÁRIO, I. C. do. O papel da automatização e da intersubjetivação na análise da mudança linguística: novas reflexões para a abordagem da construcionalidade. In: OLIBEIRA, M. R. de; LOPES, M. G. (org.). **Funcionalismo Linguístico Interfaces**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023. p. 81-113.

LUCENA, N. L de. Processos cognitivos de domínio geral: evidências em instanciações da construção transitiva. **Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS**, Porto Alegre, v.10, n.2, p. 567-581, 2017. Disponível em <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/>

LYONS, J. **Linguistic Semantics: an Introduction**. New York: Cambridge University Press, 1995.

KOCH, I. G. V. A questão das modalidades numa nova gramática da língua portuguesa. **Estudos Linguísticos**, Araraquara, 1986, p. 227-236.

KURYLOWICZ, J. **The evolution of grammatical categories**. Munich, 1975 [1965].

MACEDO, A. V. T. de. Funcionalismo. **Revista Veredas**. Juiz de Fora, v. 2, n. 1, p. 71-88, 1998. Disponível em: <https://www.ufjf.br/revistaveredas/edicoes/1998-2/volume-2-n-1-1998> . Acesso em: set. 2019.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Mudança Linguística: uma abordagem baseada no uso**. São Paulo: Cortez, 2011.

MARTELOTTA, M. E.; AREAS, E. K. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: CUNHA, M. A. F. da; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA, M. E. (org.). **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 17-55.

MARTELOTTA, M. E.; ALONSO, K. S. Funcionalismo, cognitivismo e a dinamicidade da língua. In: SOUZA, E. de R. (org). **Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas**. São Paulo: Contexto, 2012, p.87-108.

MATEUS, M^a H. M. *et al.* **Gramática da Língua Portuguesa**. Coimbra, Livraria Almedina, 1983.

MEILLET, A. L'évolution des formes grammaticales. In: MEILLET, A. **Linguistique historique et linguistique générale**. Paris: Champion, 1912. p. 230-280. Disponível em: <https://archive.org/details/linguistiquehist00meil>. Acesso em: 02 fev. 2023.

NEVES, M. H. de M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NEVES, M. H. de M. A modalidade. In: KOCH, Ingdore Villança (org.). **Gramática do Português Falado**. 2. ed. São Paulo: Editora da Unicamp, 2002. V. 6, p. 171-208.

NEVES, M. H. de M. **A gramática: história, teoria e análise, ensino**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

NEVES, M. H. de M. Introdução ao funcionalismo: Preposições, Escolas, Temas e Rumos. In: CRISTIANO, M. E. A.; SILVA, C. R.; HORA, D. da (org.). **Funcionalismo e gramaticalização: teoria, análise, ensino**. João Pessoa: Idéia, 2004. p. 13- 28.

NUNES, R. **Evolução Cíclica do Futuro do Presente: do latim ao português**. 100f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Universidade Católica de Pelotas. Rio Grande do Sul, 2003.

OLIVEIRA, J. M. de. **O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança**. 252f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) Faculdade de Letras – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2006.

OLIVEIRA, M. de. Amare aveva or amre iva? A new look at the grammaticalization of Portuguese Conditional. **Revista Linguística**, 15-16. São Paulo: ALFAL- USP, 2003-2004, p. 175-184.

OLIVEIRA, F. Tempo e aspecto. In: MATEUS, Maria Helena Mira *et al.* **Gramática da Língua Portuguesa**. 5. ed. Lisboa, Editorial Caminho, 2003, p.130-131.

OLIVEIRA, N. F. de. **Gramaticalização do verbo esperar: uma abordagem funcionalista**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora. p. 169f. 2012.

OLIVEIRA, M. R. de. Teoria e prática na sala de aula de língua portuguesa na educação básica. In: WIEDEMER, Marcos Luiz; OLIVEIRA, Mariangela Rios de. (org.). **Fundamentos Teórico-Metodológicos para o ensino de Português na Educação Básica**. Camponas: Pontes Editores, 2022, p. 13-32.

OLIVEIRA, M. R.; CEZARIO, M. M. C.. **PCN à luz do funcionalismo lingüístico**. Linguagem & Ensino (UCPel. Impresso), v. 10, p. 87-108, 2007.

PAIVA, M. da C. de; DUARTE, M. E. L. Quarenta anos depois: a herança de um programa na sociolinguística brasileira. In: WEINREICH, U; LABOV, W; Herzog, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno e Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, 133-149.

PERINI, M. A. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

ROCHA LIMA, C. H. da. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 43. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2003.

ROSÁRIO, I. da C. do. Gramática, gramaticalização, construções e integração oracional: algumas reflexões. In: OLIVEIRA, M. R.; ROSÁRIO, I. da C. do (org.). **Linguística centrada no uso: teoria e método**. Rio de Janeiro: Lamparina; FAPERJ, 2015. p. 36-50.

ROSÁRIO, I. da C. do; OLIVEIRA, M. R. de. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. **Revista Alfa**, v. 2, n. 60, p. 233-259. São Paulo, 2016. Disponível em <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/8007>. Acesso em: jul. 2017.

ROSÁRIO, I. C.; LOPES, M. G. Construcionalidade: uma proposta de aplicação sincrônica. **Soletras**, no. 37, v. 1, 2019, p. 83-102.

ROSÁRIO, Ivo da Costa do (Org.). **Introdução à linguística funcional centrada no uso: teoria, método e aplicação**. Niterói : Euduff, 2022.

ROSÁRIO, Ivo da Costa do. **Metodologia da Pesquisa Funcionalista**. Porto Velho, RO: Eudfro, 2023. p. 37-56.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F., LUCIO, P. B. **Metodología de la investigación**. México: McGraw-Hill, 1998.

SAMBRANA, V. R. M. **Marcadores discursivos formados pelos verbos perceptivo-visuais olhar e ver: uma abordagem construcional**. Rio de Janeiro, 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem, subárea - Linguística), Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, Niterói, 2017.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1970.

SILVA, R. V. M. e. **Caminhos da linguística histórica** – “ouvir o inaudível”. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

SILVA, A. da. **A expressão da futuridade na língua falada**. 276f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, 1997

SILVA, J. A. A. da. **A concordância verbal de primeira pessoa do plural no português popular do Brasil: um panorama sociolinguístico de três comunidades do interior do Estado da Bahia**. 323 f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras. Bahia, 2005.

SILVA, M. C. E. **O uso do futuro perifrástico com verbo ir no português oral e escrito de Vitória da Conquista**. 123f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Bahia, 2016.

SIMÕES NETO, N. **Introdução à morfologia construcional**. Minicurso no III Sevaling. Vitória da Conquista: UESB, 2018.

SIMÕES NETO, N. O padrão [[X]N de Taubaté]N no português brasileiro: um estudo sobre compostos sintagmáticos em perspectiva construcional. **Diadorim**, v. 21, n. 2, p. 265-290, 2019.

SOUSA, V. V. **Os (des)caminhos do você**: uma análise sobre a variação e mudança na forma, na função e na referência do pronome. 171 f. Tese (Doutorado). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2008.

TARALLO, F. (org.). **A pesquisa sociolinguística**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1997.

TAVARES, M. A. O verbo no texto jornalístico: notícia e reportagem. **Working papers em Linguística**, UFSC, n. 1. p.123-142, jul./dez. 1997.

TRAUGOTT, E; DASHER, R. 2002. **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge University Press.

TRAUGOTT, E; TROUSDALE, G. **Construcionalização e Mudança Construcional**. Tradução de Taísa Peres de Oliveira e Angélica Furtado da Cunha. Petrópolis: Vozes, 2021.

VOTRE, S. J. Um paradigma para a linguística funcional. In: MARTELOTTA, E. M; VOTRE, S. J; CEZARIO, M. M. (org.). **In: Gramaticalização no português do Brasil**: uma abordagem funcional. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996, p. 45-75.

VOTRE, S. J.; OLIVEIRA, M. R. (org.). **Corpus Discurso & Gramática** – a língua falada e escrita na cidade de Niterói. Disponível em: <http://discursoegramatica.com/wp-content/uploads/2018/03/niteroi.pdf> . Acesso em: jun. 2024.

WILSON, V; MARTELLOTTA, M. E. Arbitrariedade e Iconicidade. In: MARTELLOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008, p.71-85.

WEINREICH, U.; LABOV, W; HERZOG, M. Empirical foundations a theory of language change. In: LEHMANN, W. Y. (ed.). **Directions for historical linguistics**. Austin: University of Texas Press, 1968, p. 95- 195.

OLIVEIRA, M. R. de; WIEDEMER, M. L. Apresentação “Novos caminhos teórico-metodológicos da Linguística Funcional Centrada no Uso”. **Revista Soletras**. v.1, n.37, p. 1-9, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/soletras.2019.42087> . Acesso em: out. 2019.